



## **Teresa Rita Lopes** O 'seu' Livro(s) do Desassossego

Entrevista e crítica. A Autobiografia da escritora PÁGINAS 6 A 8 E 32

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

Ano XXXV • Número 1179 • De 9 a 22 de dezembro de 2015  
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

### **Fernando Aires**

#### **O regresso do Diário**

Texto de Onésimo T. Almeida e inéditos PÁGINAS 9 E 10

### **Maria do Céu Guerra**

#### **Saramago em cena** PÁGINA 20

### **A Cimeira do Clima de Paris**

Ensaio de Viriato Soromenho-Marques PÁGINAS 25 E 26

# **António-Pedro Vasconcelos**

## **O cinema e as causas**

No dia 24 estreia o seu novo filme, *Amor Impossível*. E, muito ativo e amiúde polémico, tem estado na primeira linha de vários combates, desde os relacionados com o audiovisual e a RTP até ao contra a privatização da TAP

Entrevista de Manuel Halpern PÁGINAS 16 A 18



### **JL/Educação**

## **A análise do Programa de Governo**

\* Textos de Ana Maria Bettencourt, Joaquim Azevedo, Maria Emília Brederode Santos e Maria José Rau

\* Os novos ministros vistos por Carlos Fiolhais e Rosalia Vargas

## > BREVE ENCONTRO <



### António Ceia da Silva Chocalhos para a humanidade

“É um enorme orgulho e uma sensação de satisfação e dever cumprido perante o país e o Alentejo” afirma ao JL António Ceia da Silva, 52, presidente da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo, organização que, com a Câmara de Viana do Alentejo e a Junta de Freguesia de Alcáçovas, liderou a candidatura do fabrico de chocalhos a Património Cultural Imaterial da Humanidade com Necessidade de Salvaguarda Urgente. Ainda na Namíbia, onde a Unesco atribuiu o título, Ceia da Silva vê a distinção como “uma grande vitória para Portugal e para o Alentejo”. E sublinha que “neste momento, somos a região do país que tem mais bens classificados pela Unesco, e onde há um trabalho estratégico e dinâmico na área da identidade.”

#### O que representa o fabrico de chocalhos?

É uma arte que tem mais de dois mil anos e que se estava a perder. Hoje há poucos chocalheiros no país. Tem muito a ver com a nossa cultura, com a nossa identidade, o Alentejo sempre foi uma zona de grandes tradições na área da pastorícia. O que pretendemos é que esta arte não se extinga, porque é importante na nossa tradição e na nossa cultura. É necessário que ganhe outro tipo de intervenção e de valores. Na própria convenção da Unesco, por exemplo, oferecemos porta-chaves que eram pequenos chocalhos e foi um êxito. Todos os representantes diplomáticos queriam um. Há que inovar para que possa continuar a haver fabricantes de chocalhos. Definimos um conjunto de medidas que integram o plano de salvaguarda e de gestão, e que vamos implementar ao longo dos próximos anos.



#### O que pode esta distinção trazer para o Alentejo e para Portugal?

Acima de tudo, a afirmação e a preservação do bem. Queremos que continue a haver fabricantes de chocalhos, eles são os verdadeiros donos desta candidatura. Parece-me que a região ganhou imenso, do ponto de vista da sua afirmação, em relação aos seus valores estratégicos. Obviamente que obter um selo da Unesco vai ter efeitos de uma ordem imensa naquilo que é a afirmação de um destino turístico como é o Alentejo, um destino com forte identidade.

#### Há quanto tempo estava a ser preparado este processo?

Há uma estratégia estruturada pela Entidade Regional de Turismo, em que a questão identitária é decisiva. Não se trata de um processo isolado, não acordámos de repente e lembrámo-nos de candidatar a arte de fazer chocalhos ou o cante alentejano. Aliás, é curioso verificar que nos principais fóruns de turismo internacionais há, hoje, referências a um novo perfil do turista, virado para destinos fortemente identitários. Procurámos identificar quais os bens em melhores condições para que pudessem ser candidatos e bem acolhidos pela Unesco. Aquilo que fizemos foi dar corpo institucional a projetos técnicos que já existiam no terreno há muitos anos. Felizmente para o Alentejo, adivinhámos o futuro.

#### Depois do cante alentejano e do fabrico de chocalhos, o que se segue?

Temos mais três dossiers que estão praticamente concluídos. As Festas do Povo de Campo Maior, os Tapetes de Arraiolos e a Pesca Artesanal em São Torpes. E estamos em condições de poder candidatar o Montado [florestas de sobreiros] em 2017. A nossa intervenção é muito estratégica, muito estruturada. Há uma tendência para considerar que as nomeações da Unesco começam a ser corriqueiras. Nada mais errado. Das quatro candidaturas aprovadas, de todo o mundo, a nossa foi a única considerada 'modelo'. É um orgulho enorme. **JL RITA ALVES DOS SANTOS**



Em Cascais **Fotografia de Nicolás Muller** A retrospectiva *Obras primas*, que assinala o centenário do fotógrafo húngaro Nicolás Muller, inaugura-se a 18, no Centro Cultural de Cascais. São

70 fotografias a preto e branco, do período entre 1935 e 1981, abarcando um percurso marcado pela fuga ao nazismo, desde as primeiras imagens que registam a existência feudal dos camponeses na Hungria, aos

trabalhos feitos em Espanha, onde viria a morrer. Também imagens da zona ribeirinha do Porto, fixadas pela sua câmara, numa passagem por Portugal. A mostra, promovida pela fundação D. Luís I, é comissariada por Chema Conesa.

#### VAI ACONTECER

#### CAMINHOS FILM FESTIVAL

A 21ª edição do Festival Caminhos do Cinema Português apresentou mais de 150 filmes em competição em Coimbra. Entre a produção nas escolas de cinema nacionais foi #Lingo, de Vicente Nirõ, que arrecadou o prémio de Melhor Ensaio Visual. *O Assalto*, de João Tempera, foi o Melhor Filme das Sessões Competitivas, e *João Benárd da Costa: Outros Amarão as Coisas que eu Amei*, documentário de Manuel Mozos, conquistou o Prémio de Imprensa para Melhor Filme. *As Mil e Uma Noites* arrecadou o Melhor Argumento Original e Adaptado, valeu a Miguel Gomes o prémio de Melhor Realizador e a Luísa Cruz o de Melhor Atriz Secundária.

#### HOMENAGEM A CARDOSO PIRES

José Cardoso Pires é homenageado hoje, quarta-feira, 9, às 18h, no Pavilhão Chinês, em Lisboa, que o escritor frequentava nos anos 80. António Lobo Antunes, Gonçalo M. Tavares e Ana Margarida Carvalho participam na sessão, em que vão ser apresentadas as reedições de *O Delfim*, *Balada da Praia dos Cães*, *Alexandra Alpha*, *O Anjo Ancorado*, *De Profundis*, *Valsa Lenta e Celeste & Lâlinha*. As obras reeditadas pela Relógio d'Água têm novos prefácios precisamente de Lobo Antunes (*Balada*), M. Tavares (*Delfim*), Ana Margarida (*Alexandra Alpha*), Mário Carvalho (*Anjo*) e João Lobo Antunes (*De Profundis*).

#### FERNANDO ALVES NO D. MARIA

Da TSF ao palco do Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), Fernando Alves, jornalista, cronista e uma voz de referência da rádio, dá corpo, de 17 a 20, a *Sinais*. É a apresentação da crónica radiofónica, que faz diariamente, pouco antes do noticiário das 9 da manhã, há anos, e que já reuniu também em livro.

Na sala estúdio do TNDMII, transformada em estúdio radiofónico, entram em cena os melhores *Sinais* de 2015: ao vivo, a palavra viva e justa daquele a quem já chamaram o 'poeta da rádio', ou simplesmente de um homem de cultura, um fazedor e amador da rádio, daqueles que se transformam na coisa amada.

#### MOSTRA DE CINEMA DA AMÉRICA LATINA

*El Abrazo de la Serpiente* (Colômbia) de Ciro Guerra, indicado para Óscar de Melhor Filme Estrangeiro abre amanhã, 10, a Sexta Mostra de Cinema da América Latina. Iguamente pré-nomeados para o óscar podem ainda ser vistos na Mostra que decorre até 13, no Cinema de São Jorge, em Lisboa, *El Clan de Pablo Trapero* (Argentina) e *Que Horas Ela Volta?* de Anna Muylaert (Brasil). Além da exibição dos filmes, o ciclo recebe como convidados um dos protagonistas de *El Abrazo de la Serpiente*, o ator Jan Bijvoet; a realizadora Ana Cruz e o produtor Marco Julio Linares do documentário mexicano *Las Sufragistas* e o realizador de *La Mujer de Barro*, Sergio San Martín.

## Congresso Internacional da Língua Portuguesa Pontes para o futuro

❑ Lançar pontes para o futuro foi grande objetivo do Congresso Internacional da Língua Portuguesa, que juntou em Coimbra, entre os passados dias 2 e 4, criadores, professores e estudiosos de várias geografias da Lusofonia. "Uma ponte que não será feita apenas de palavras ditas, mas de estudo e investigação, de divulgação e sobretudo de ambição", afirmou Carlos Reis, coordenador do encontro. Na sessão de abertura, o prof. catedrático e ensaísta defendeu a passagem da retórica à ação: "Todas as línguas têm um passado. Nem todas têm futuro. Todas as línguas nascem – ou vão nascendo. Muitas línguas morrem – ou vão morrendo. Não é uma morte lenta que queremos para a língua portuguesa; para que ela não aconteça, havemos de fazer alguma coisa por isso. Fazer mesmo, não apenas falar."

Orientar a ação para uma visão plural da Língua Portuguesa é uma das prioridades identificadas, que tanto vai ao encontro da noção de Fernando Pessoa ("A minha pátria é a língua portuguesa" de Fernando Pessoa, quanto à de Caetano Veloso ("A língua é minha pátria/E eu não tenho pátria, tenho mátria/E quero frátria"; e ainda: "Nós canto-falamos como quem inveja negros") ou de Mia Couto ("A minha pátria é a minha língua portuguesa").



Universidade de Coimbra Celebrar 725 anos, celebrando a Língua Portuguesa

O Congresso Internacional da Língua Portuguesa cruzou comunicações sobre temas específicos e conferências plenárias de âmbito mais geral. Entre as várias intervenções, destaque-se a de Vítor Manuel de Aguiar e Silva que apresentou propostas para uma visão conjunta do ensino da literatura na Lusofonia. A sua palestra intitulava-se justamente Em busca de um cânone literário para a língua portuguesa.

O congresso serviu ainda para assinalar os 725 anos da Universidade de Coimbra, que promoveu e acolheu o encontro. "A Universidade de Coimbra encara a língua portuguesa como

uma das suas prioridades estratégicas, tendo em conta o lugar que é o seu, no universo pluricontinental do nosso idioma", afirmou Carlos Reis. "A língua portuguesa constitui um ativo cultural, político, educacional e simbólico, de cuja valorização e conhecimento depende a posição que ocupa no mundo; um mundo em que Portugal é tão-só mais um dos oito que têm o português como língua oficial. Como quem diz: não somos donos da língua, apenas seus condóminos." Em próxima edição, o JL tratará, com mais espaços, as conclusões e as principais intervenções do congresso. JL

## Para além da História em Guimarães

❑ O arquivo cinematográfico da Guiné-Bissau vai estar em discussão na 4ª edição dos encontros *Para além da História*, que decorrem de 10 a 12, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG). A curadoria é de Filipa César e Tobias Heringg.

Os encontros, em que se cruzam artes e pensamento de diferentes disciplinas para uma reflexão sobre as questões do pós-colonialismo, adota este ano o nome de um filme inacabado, *Luta ca caba inda*, referente ao período pós-independência e da construção da nação guineense, encontrado no referido arquivo. A memória e a importância documental e da linguagem do cinema nesse processo vão ser objeto de conferências, debates e projeções, com a participação de artistas e pensadores de vários países europeus e africanos. Entre eles Jean-Pierre Bekolo (cineasta, Yaoundé), Sónia Borges (historiadora), Wladimir de Brito (advogado), Anselm Franke (curador, Berlim), Nuno Faria (diretor do CIAJG), Louis Henderson (artista, Paris, Londres), Grada Kilomba (psicóloga, escritora, artista, Berlim), Catarina Laranjeiro (cineasta, historiadora), Patrícia Leal (artista e cineasta), Olivier Marboeuf (curador, produtor, Paris), Sana na N'Hada (cineasta, Bissau), Yonamine (artista, Berlim) e Ala Younis (curador e artista, Amman). JL

## Santos & Pecadores e As Boas Pessoas

❑ O solo teatral *Santos & Pecadores*, escrito, encenado e interpretado por André Murraças estreia a 14, no Espaço Rua das Gaivotas, 6, do Teatro Praga, em Lisboa. O espetáculo confronta as realidades diversas da existência dos santos e dos atores pornográficos, procurando o denominador comum do humano. É um trabalho que dá continuidade à exploração que o artista tem feito em torno de figuras icónicas, interpelando artisticamente as suas biografias, além das imagens, em peças como *Sex Zombie – a vida de Veronica Lakee*, *Cândida – uma história portuguesa* ou *Experiência Variações*. O novo solo está em cena até 19.

Antes, a 17, vai estrear, no Teatro Aberto, a peça *Boas pessoas*, de David Lindsay-Abaire. É a terceira encenação de Marta Dias, que também assina a dramaturgia. A cenografia é de Catarina Barros, os figurinos de Dino Alves. A interpretação está a cargo de Irene Cruz, Maria João Abreu, Pedro Laginha, Leonor Seixas e Sílvia Filipe. Tem como protagonista Margarida, que vive sozinha com a filha e trabalha na Loja de Tudo a Um Euro. Uma peça de gente comum, "que sonha, sofre e se diverte, vive e trabalha numa grande cidade". JL

## EDITORIAL

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



## Cultura, Educação, Ciência...

A Assembleia da República (AR) aprovou na quinta-feira, 2, o Programa do novo Governo, do PS, tendo como primeiro-ministro António Costa: um governo minoritário, sustentado maioritariamente através de acordos de incidência parlamentar entre os socialistas e os três partidos à sua esquerda: BE, PCP e Verdes. Na orgânica do novo Executivo volta a haver Ministério da Cultura, com que a coligação PSD/CDS acabara, substituindo-o por uma secretaria de Estado; e volta a haver também, autónomo, o Ministério da Ciência e do Ensino Superior, antes integrado num único Ministério da Educação (e Ciência).

Regressa-se, assim, a uma estrutura mais justa e adequada: não só no plano operativo, como até no simbólico, é importante que a Cultura tenha o seu ministério. O mesmo se dizendo para a Ciência, que foi talvez o domínio em que o país mais progrediu nos últimos 20 anos, sobretudo graças à ação de José Mariano Gago enquanto ministro, mais de 12 anos, nos governos socialistas de António Guterres e José Sócrates. Como praticamente toda a gente do mundo da Ciência reconhece, várias vezes aqui se assinalou e foi muito destacado aquando da sua prematura morte, no passado mês de abril.

Quanto aos titulares dos três Ministérios, de áreas que Costa felizmente aponta como prioritárias no seu governo, o da Ciência, Manuel Heitor, foi colaborador próximo e secretário de Estado de Mariano Gago, o que só por si parece garantir a sua competência e capacidade para o exercício do cargo. O da Cultura, João Soares, tem também boa experiência, mormente como vereador da Câmara de Lisboa e depois seu presidente. Além disso, é o mais velho membro do Executivo, com um largo passado e peso político, em particular dentro do PS, o que se

espera contribua para acabar com o lamentável facto de à Cultura desde há bastantes anos serem atribuídos cada vez menos meios.



Há boa 'gente' e bons propósitos: a questão é sempre saber se vão mesmo concretizar-se

O da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, pelo contrário, é o ministro mais jovem, 38 anos, há cerca de 15 que investiga em Cambridge, e não tem qualquer experiência ligada ao que o 'espera' no ministério que vai dirigir, um dos mais difíceis e cujo titular por regra ao fim de algum

tempo é dos mais contestados, se não o mais contestado. Claro que se trata, da parte do chefe de Governo, de uma escolha e uma aposta de (assumido) risco, em uma figura diferente, fora de lutas e eventuais vícios da "casa", com um olhar novo, confiando Costa no que considera serem as muitas qualidades e capacidades de Tiago, para além das de reputado cientista que já é. Sobre ele e sobre Manuel Heitor os leitores encontrarão aliás, no JL/*Educação*, expressivos textos de quem os conhece bem (sobre João Soares, tão conhecido que é, entendemos não se justificar que alguém o fizesse). E ali poderão/deverão ler também a análise e/ou comentário ao programa de Governo, nesse capítulo, por quatro respeitados especialistas.

No que respeita ao programa relativo à Cultura, para lá da enunciação de propostas e objetivos consensuais, a questão sempre é saber se vão mesmo concretizar-se. Sem prejuízo de a ele voltar, quero salientar dois aspetos. O primeiro é o da tutela da comunicação social ficar na cultura: há muitos anos que aqui o defendo, com argumentos nunca – mas só agora, enfim, isso se concretiza. O segundo prende-se com outra das minhas batalhas até agora perdidas: a da RTP-Internacional, que nunca foi o que deve ser, situação que agora se promete mudar. Veremos, como veremos se no campo da Lusofonia e da CPLP, de que o JL se orgulha de ter sido, e continuar a ser, um constante defensor e arauto (quase sempre dececionado...), terão expressão efetiva o que de bom se promete. O mesmo se dizendo sobre os louváveis propósitos acerca da Língua Portuguesa. Mas a isto voltarei mais de espaço. JL

## &gt; BREVES &lt;

❑ **BREVES NOTAS SOBRE MÚSICA**, livro de Gonçalo M. Tavares que reúne textos para assinalar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian, apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a 11, às 17 e 30.

❑ **PLAGIAR O FUTURO**, exposição que reúne obras de João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Letícia Ramos, Elena Bajo, Jordi Colomer, Marlon de Azambuja, Rosa Barba, Edouard Decam e Louidgi Beltrame inaugurada sábado, 12, às 19, no Hangar, em Lisboa.

❑ **LAUF**, espetáculo da coreógrafa Silke Z, do realizador Andre Zimmermann e do criador de vídeo António Cabrita, nos dias 11 e 12, às 21, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

❑ **CONCERTO DE NATAL**, V Ciclo de Concertos, recebe João Vaz (órgão) e Tiago Simas Freire (corneto), a 12, às 17, na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, com entrada livre.

❑ **PASTÉIS DE NATA PARA BACH**, peça de Duarte Guimarães, em cena até 20, no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada.

❑ **DHAFFER YOUSSEF** apresenta o seu álbum *Birds Requiem*, sexta-feira, 11, às 21 e 30, no Centro Cultural de Belém.

❑ **SEM TÍTULO 1994-95**, instalação da artista Helena Almeida que tem como base a expressividade do corpo no espaço patente até 13, no Teatro Nacional de São João, Porto.

❑ **A MORTE E A DONZELA, DRAMAS DE PRINCESAS** da encenação de Alexandre Pieroni Calado estreia a 18, às 21 e 30, no espaço Alkantara, em Lisboa.

❑ **BÚSSOLA E LES CRAZY COCONUTS**, duas bandas que apresentam os seus recentes trabalhos amanhã, 10, às 22, no MusicBox, em Lisboa.

❑ **QUARTO ESCURO**, exposição de pintura de Adriana Molder, inaugura na Sala do Veado do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, marcando o encerramento da sala enquanto espaço de arte contemporânea, a 10, às 22.

❑ **XI CONCURSO DE FADO AMADOR** no Teatro Municipal de Portimão, sábado, 12, às 21h30.

❑ **OSSO**, livro de Rui Zink é apresentado a 9, às 18 e 30, no CineTeatro Garrett, em Póvoa de Varzim.

❑ **O MILAGRE DA ESCRITA SEGUNDO JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS**, conferência de Teresa Martins Marques, hoje, 9, às 18, no Espaço Arte Sénior da AASPT, em Lisboa.

❑ **VIAJANDO COM VIOLETA: DESTINO CHINA**, teatro de marionetas de Ângela Ribeiro, a 12, às 16, no Teatro-Estúdio António Assunção, em Almada.

❑ **LOGO EXISTO**, instalação de Carlos Ribeiro, patente até 19, no Teatro-Estúdio António Assunção, em Almada.

## João Soares Novo ministro da Cultura

❑ Transformar a cultura num “motor de desenvolvimento” é um dos propósitos do novo ministro da Cultura, João Soares. Mal se soube da sua nomeação para a pasta, num primeiro momento recebida com surpresa, adiantou ainda a intenção de lutar por mais dinheiro para o setor, apesar dos constrangimentos financeiros atuais.

A dotação orçamental para a área cultural em 2015 foi de 219,2 milhões de euros. O programa do novo Governo, em que volta a haver um Ministério da Cultura, depois de ter tido apenas uma Secretaria de Estado no anterior, preconiza uma “consolidação progressiva”, ao longo da legislatura, dos “meios orçamentais atribuídos ao setor”.

A valorização da Cultura como fator de desenvolvimento económico, em articulação com o comércio externo, o turismo e a educação, e a reestruturação do setor, são outros pontos do programa, assim como a passagem do audiovisual para a tutela da Cultura, a afirmação do serviço público da RTP, a criação de redes de financiamento para a reabilitação do património, a expansão e dinamização da rede de bibliotecas, a criação de um banco solidário para a doação de livros, a continuação da coleção Berardo em Portugal e o enriquecimento da coleção do Museu de Serralves.

Destaca-se ainda o “reconhecimento da lusofonia como um espaço económico, educativo e identitário”, “o desenho de propostas políticas capazes de cumprir objetivos estratégicos que passem pela valorização linguística e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, e a afirmação da Língua Portuguesa como um “fator potencial de unidade estratégica nas políticas externas no quadro da Lusofonia e na afirmação de Portugal no Mundo”.

“O Governo vê a Cultura como um pilar essencial da Democracia, da identidade nacional, da inovação e do desenvolvimento sustentado. A garantia do imperativo constitucional de acesso democrático à criação e fruição culturais, a preservação, expansão e divulgação do nosso património material e imaterial e a assunção da Cultura como fator essencial de inovação, qualificação e competitividade da nossa economia serão aspetos fundamentais”, lê-se no programa do Governo, que advoça uma política cultural transversal. “No campo específico do setor público da Cultura o Governo assume como prioridades: reestruturar o setor, dotando-o de modelos orgânicos flexíveis e eficazes adequados à especificidade da sua missão; desconcentrar as competências



João Soares A cultura como motor de desenvolvimento

de tutela patrimonial e de apoio à criação; estimular o trabalho em rede entre Administração Central e Local e entre os agentes públicos e a sociedade civil; e redefinir as regras e procedimentos de concessão de apoios. Para tal, será reestabelecida uma tutela ativa e consistente que se possa afirmar como parceiro e dinamizador desse esforço coletivo e como interlocutor credível dos produtores e criadores. Esta prioridade política implica um compromisso de consolidação progressiva, ao longo da legislatura, dos meios orçamentais atribuídos ao setor da Cultura, mas também a implantação de mecanismos de gestão integrada dos recursos financeiros das demais áreas governativas com incidência no setor e a otimização do uso dos fundos comunitários disponíveis para este efeito.”

A ligação à Educação também será uma forte linha de atuação, com o “reforço das artes e humanidades como componentes nucleares de todo o sistema educativo, a afirmação do serviço público de média como instrumento privilegiado da política cultural, bem como o recurso alargado às novas tecnologias de informação que potenciam um acesso alargado ao património e à criação.”

João Soares, 66 anos, filho do (entre muito mais) antigo Presidente da República Mário Soares, e da mulher de cultura e atriz Maria Barroso, fez todo o seu percurso político no Partido Socialista, de que o pai foi o mais destacado fundador, e a mãe foi também fundadora. Deputado

desde 1987, foi presidente da Câmara Municipal de Lisboa entre 1995 e 2002, sucedendo ao também ex Presidente da República Jorge Sampaio. E foi durante o mandato deste à frente do município da capital, entre 1990 a 1994, que desempenhou as funções de vereador da Cultura, tendo sido neste último ano, 1994, que Lisboa foi a Capital Europeia da Cultura. Enquanto vereador da Cultura criou, nomeadamente, a Videoteca de Lisboa, em 1991 e a Casa Fernando Pessoa, em 1993; em 1996, por sua vez, foi criada a Bedeteca.

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, João Soares juntou à gestão cultural a prática editorial. Em 1975 fundou, com Victor Cunha Rego, a editora Perspetivas & Realidades, de que continua a ser proprietário, ainda se afirmando editor -, tendo publicado desde o início obras de referência. Como deputado participou, em representação do Parlamento, em várias organizações internacionais, tendo designadamente presidido à assembleia parlamentar da OSCE, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, que entre outros objetivos visa promover a democracia.

O Ministério da Cultura tem ainda uma secretária de Estado, Isabel Botelho Leal. Formada em Relações Internacionais, com 48 anos e grande parte da carreira feita no estrangeiro, com passagem pelas Nações Unidas e por Timor Leste, chefiou nos últimos três anos, a divisão de Relações Internacionais da Assembleia da República. JL

## Concertos e recitais em Lisboa

**De Natal, promovidos pela EGEAC**  
Com entrada livre, até dia 19, em igrejas (de São Roque, São Cristóvão, São Vicente de Fora, São Domingos de Benfica) e outros espaços. Com as Orquestras de Câmara Portuguesa, Académica Metropolitana, do Conservatório Nacional, o Coro da Un. Nova de Lisboa, Os Músicos do Tejo e Concertus Antiquus; e os cantores Carolina Deslandes, Dino D’ Santiago e Maria Emília Reis. Toda a programação em [www.natalem-lisboa.com](http://www.natalem-lisboa.com).

### Ensemble Darcos

Dirigido pelo maestro e compositor Nuno Côrte-Real, no dia 11, às 19h, no Auditório do ISEG), estreia três obras de jovens compositores portugueses - Sara Ross, Diogo da Costa Ferreira e João Ceitil. Concerto transmitido em direto pela Antena 2.

### Órgão de São Vicente de Fora

O ciclo de concertos comemorativos dos 250 anos encerra a 12 de dezembro, 17h, com um concerto (entrada livre), em que atuam João Vaz e Tiago Simas Freire, interpretando Frei Diogo da Conceição, Frescobaldi, Gabrieli e outros compositores dos séc. XVI e XVII.

### Raúl da Costa

O jovem e premiado pianista, de 22 anos (1º lugar do Concurso Internacional do Conservatório de Paris já em 2009), no dia 13, às 17h, no CCB - um recital torno da evolução da escrita para piano no final do século XIX, com obras de Franck, Scriabin, Liszt e Bach/Busonini.

### Grupo Vocal Olisipo

No dia 20, às 21h, na Igreja da Luz, apresentará *Responsórios de Natal*, de Duarte Lobo e Estêvão Lopes Morago, e canções tradicionais da quadra.

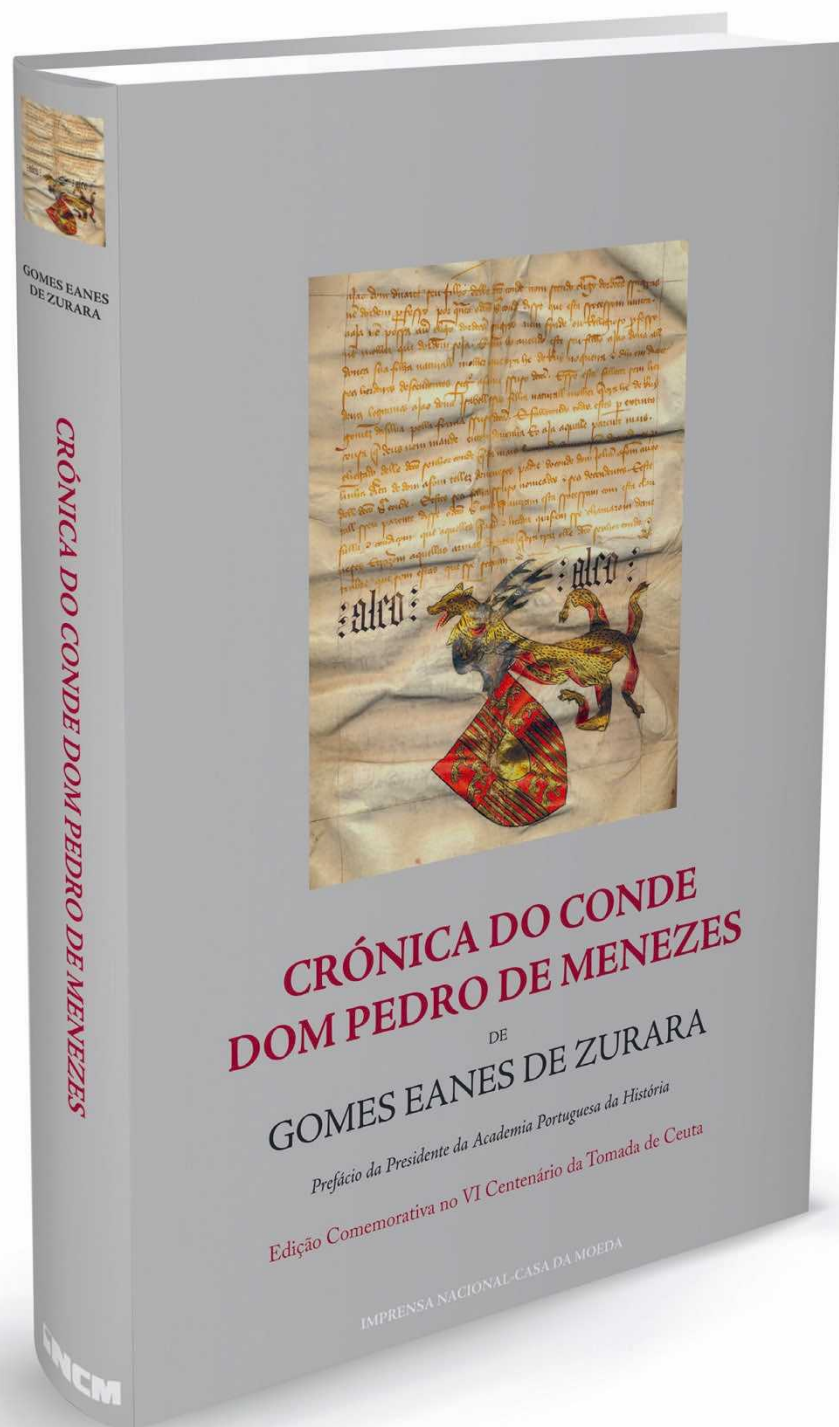
JL

Devido ao feriado de ontem, 8 de dezembro, o nosso jornal teve de ‘fechar’ na sexta-feira, 4, com as inevitáveis consequências ao nível noticioso.

### A. GOMES DE PINHO

Na nossa última edição o texto sobre Paulo Cunha e Silva ‘caiu’ o nome do seu autor, embora na entrada se dissesse que ele era o presidente da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva, anterior presidente da Fundação de Serralves e ex secretário de Estado da Cultura. Trata-se, pois, de António Gomes de Pinho, a quem, como aos nossos leitores, pedimos desculpa.

# A missão impossível de Dom Pedro de Menezes



Conquistada Ceuta em 1415, assume a sua governação e defesa Dom Pedro de Menezes, Conde de Vila Real, cumprindo os desejos do Rei D. João I de garantir em mãos portuguesas este baluarte encravado em território inimigo. Foram 22 anos de sacrifícios e nobres feitos de armas que firmaram Dom Pedro de Menezes como o primeiro grande herói da epopeia ultramarina portuguesa, imortalizado pelo vívido relato de Gomes Eanes de Zurara, Cronista-Mor de Portugal e Guarda-Mor da Torre do Tombo. Comemorando o VI Centenário da Tomada de Ceuta, publica-se em fac-símile a primeira edição impressa, de 1792, de **Crónica do Conde Dom Pedro de Menezes**, numa edição limitada da **Imprensa Nacional-Casa da Moeda**.

# Teresa Rita Lopes

## O(s) Livro(s) do Desassossego da vida de Pessoa

Não um, mas três: eis os *Livro(s) do Desassossego*, segundo Teresa-Rita Lopes. Pela primeira vez plural e com textos do Barão de Teive, além de Bernardo Soares e Vicente Guedes. Uma edição feita para a editora brasileira Global, que pretende “respeitar o corpo inteiro” da célebre obra de Fernando Pessoa, como diz em entrevista ao JL, a que juntamos uma leitura crítica de António Carlos Cortez. E na última página, a autobiografia da investigadora, prof.<sup>a</sup> catedrática e uma das mais destacadas pessoas

Maria Leonor Nunes

# U

Um “ramalhete” que pode ser composto de mil e uma maneiras, porque “cada página vale por si”. Já o foi em várias e diferentes edições. Porém, Teresa Rita Lopes (TRL) não entende que o *Livro do Desassossego* seja um mero “baralho de cartas”, para “baralhar e tornar a dar”. Nem lhe interessa fazer aquilo a que chama uma “antologia”, antes dar o “corpo inteiro” da célebre obra de Fernando Pessoa. A sua edição, editada no Brasil, pela editora Global, de São Paulo, e a começar a ser distribuído em Portugal, é, nesse sentido, plural, uma natureza sublinhada desde logo no título *Livro(s) do Desassossego*. E são três livros assinados pelos semi-heterónimos Vicente Guedes, Bernardo Soares e, pela primeira vez, o Barão de Teive.

Uma visão diversa das anteriores, com algumas surpresas. “A necessidade de manter o tríptico não vem apenas da relação catártica que Guedes, Teive e Soares mantêm com Pessoa, estabelecendo autodiagnósticos que, através deles, o seu criador faz de si próprio, tentando purgar-se de medos e maleitas, do corpo e da alma, mas, sobretudo, da complementaridade das três imagens no espelho”, escreve a pessoa numa introdução da nova edição. Apesar de inédita, a interpretação não é realmente inesperada, como acrescenta: “Já assim os concebi no primeiro livro, *Fernando Pessoa e le Théâtre de l'Être*, em que, há mais de 40 anos, comecei a encenar o drama em gente: Guedes, Teive e Soares figuram aí como a tripla presença que se aplica a



Teresa Rita Lopes “Os estilos (de Vicente Guedes e Bernardo Soares) são completamente distintos, porque correspondem a períodos diferentes da evolução literária de Pessoa”

contar Pessoa, através de seus escritos diarísticos e autobiográficos, no *Livro do Desassossego* – que figurei, em termos de encenação, como um biombo em forma de livro”.

TRL faz ainda notar a diferença entre as existências e os estilos dos três autores do ‘Desassossego’, que acompanham a própria “evolução” da obra literária de Fernando Pessoa. “A austera secura de Teive opõe-se à loquacidade de Soares (que diz gostar de “palavrar”) e à cultivada sensorialidade de Guedes que, assumidamente sensacionista, diz, como Álvaro de Campos, querer “sentir tudo de todas as maneiras”. E para bem “fruir” este “tríptico”, “temos que manter bem distintas as três personagens que perpassam por esse palco”: “Há que assistir, separadamente e sem os confundir,

aos monólogos de Guedes, Teive e Soares. O nosso prazer aumentará se imaginarmos a sua interação e, ainda mais, se estendermos esse diálogo até à pessoa de Pessoa”.

Na sua “nova arrumação”, daquele que considera ser o “livro da vida” do poeta, a investigadora gostaria de “imitar os arqueólogos que reconstituem, a partir de cacos soltos, as peças de que provinham”. “Neste caso é mais difícil porque a grande peça ficou inacabada... Há que adivinhar-lhe a inteireza para que tendia.”

É sobre a pluralidade das vozes e dos desassossegos que fala ao JL, a propósito de *Livro(s) do Desassossego*, o primeiro volume do seu “Pessoa essencial”, uma série de meia dúzia de obras de poesia e prosa, que está a preparar para a editora brasileira, e que prometem mais novidades.

“

**Tem mesmo que haver vários Livros (do Desassossego), porque correspondem às diferentes fases da sua evolução literária. O Pessoa batizou os autores do primeiro e do último como Vicente Guedes e Bernardo Soares, mas até aqui os textos têm sido misturados**

**Jornal de Letras: Como surgiu esta edição no Brasil do Livro do Desassossego (L do D)?**

Teresa Rita Lopes: Há muito tempo que a editora Global de São Paulo me pedia para fazer edições pessoais. Aliás, há uns 20 anos tinha feito para lá uma antologia dos melhores poemas de Pessoa que teve sucessivas edições, já nem sei quantas...

**Um êxito editorial...**

É que o Pessoa tem muita saída no Brasil. E essa antologia foi tão bem sucedida que me pediram mais, o Pessoa todo. E acabei por aceitar, porque já não tenho a vida inteira à minha frente... E gostava de deixar o meu Pessoa essencial.

**Não todo?**

Não, não. Quem não conhece o espólio não faz ideia que ainda há muito Pessoa para revelar. Pediram-me o Pessoa todo e eu disse, claro, que faria sim o Pessoa reunido e numa primeira série a poesia e a ficção.

**Quantos volumes vai ter essa série?**

Seis ou sete. Já tenho contrato e com datas. Não posso voltar atrás, nem distrair-me.

**Porque escolheu o Livro do Desassossego para inaugurar o seu ‘Pessoa essencial’?**

Por uma razão evidente para mim. É o livro da vida de Pessoa.

**Porquê?**

Acompanhou o desenrolar da sua obra em geral, a evolução da poesia em particular. Porque há um evidente paralelismo entre essa evolução poética e este livro em prosa.

**A CONTA QUE PESSOA FEZ Chamou-lhe Livro(s) do Desassossego. Porquê este plural inédito?**

Tem mesmo que haver vários livros, porque correspondem justamente às diferentes fases dessa evolução literária. O Pessoa batizou os autores do primeiro e do último como Vicente Guedes e Bernardo Soares, mas até aqui os textos têm sido misturados. Richard Zenith entende mesmo que são a mesma personagem, que Bernardo Soares herdou a biografia e os textos do Guedes.

**Esse não é o seu entendimento?**

Estimo muito Zenith, mas mostro que isso não é verdade. Trata-se de biografias completamente diferentes. Vicente Guedes é um aristocrata, falido, sem meios de fortuna, obrigado a ser um empregado de comércio, como Pessoa. Bernardo Soares é apenas um ajudante de guarda-livros. Sobre tudo os estilos são completamente distintos, porque correspondem a períodos diferentes da tal evolução literária. Aquilo a que chamo o primeiro livro foi de início assumido por Pessoa e assim o começou a publicar em 1913, na revista *A Águia*. Mais tarde, atribuí-o a Vicente Guedes, na altura em que criou os heterónimos. Todo esse livro acompanha os primeiros tempos da camaradagem de

Pessoa com Mário de Sá-Carneiro, em que se armaram 'chefes' de uma 'escola' a que chamaram sensacionismo.

#### Os tempos dos 'ismos'?

Da a invenção dos três 'ismos': o paulismo, a partir do poema *Paiús*, de Pessoa, de 1913; o interseccionismo, como duas paisagens sobrepostas, duas fotografias na mesma chapá; e o sensacionismo propriamente dito que já era Álvaro de Campos. Esses 'ismos' correspondem à primeira fase de Pessoa e da caminhada com Mário de Sá-Carneiro, contemporânea da revista *Orpheu*, palco onde desfiliavam-se diferentes tendências. Daí que o primeiro *Livro do Desassossego* seja de um estilo ultrasimbolista, segundo a expressão do próprio Pessoa.

#### Em que sentido?

É um simbolismo renovado, que ainda não tem que ver com o Bernardo Soares. Antes com o confronto com os 'ismos' lá de fora, os que inventou com Mário de Sá-Carneiro, e depois com o futurismo. Mário de Sá-Carneiro, que nunca foi futurista, delirava com tudo o que era moderno e Pessoa teve precisamente acesso aos modernismos exteriores através do amigo. O *Livro do Desassossego*, tal como tem sido ordenado, não respeita esse desenvolvimento orgânico da sua obra. E é indispensável observá-lo.

#### INCOMPETENTES PARA A VIDA Na sua edição do *L do D*, junta também pela primeira vez o Barão de Teive, outra personalidade literária de Pessoa. Porquê?

Mário de Sá-Carneiro suicidou-se em 1916, e Vicente Guedes ainda vive mais uns anos, mas depois cala-se em 1920. E só oito anos depois aparece uma outra personagem com as mesmas características, o Barão de Teive, também um solitário, um dessincronizado da vida...

É esse desacerto o denominador comum dos três autores do *L do D*? São todos uns incompetentes para a vida. A expressão é deles. É possível que inicialmente Pessoa tivesse imaginado que o Barão de Teive apenas escrevesse uma novela, a novela de alguém que se tinha decidido matar e que seria um testamento que deixava. E como se suicida pouco tempo depois, o livro tem uma existência curta.

E o que a levou a juntá-lo ao *L do D*? É que pouco tempo antes de morrer, Pessoa juntou-o à trouxa do *Desassossego* um maço grande que fez e onde começou, embora não tivesse acabado, a arrumar os textos para o *Livro do Desassossego*.

Os textos assinalados com *L do D*? Muitas vezes, Pessoa não escrevia que eram para o *L do D*, mas começou a arrumar esses textos talvez para futuramente orquestrar o livro ou para quem lho fizesse depois da sua morte. Porque Pessoa percebeu que ia morrer.



Fernando Pessoa 'Ele fez um horóscopo que lhe dava a morte para 1935'

#### Porque o diz?

Inclusive ele fez um horóscopo que lhe dava a morte para 1935...

#### Portanto, incluiu o Barão de Teive na sua edição porque esses textos constavam do 'pacote' do *Desassossego*?

Isso não há dúvida que lá estava. Claro que não meteu lá todos os textos do *L do D*. Porque aquilo foi obra de uma vida e ficaram textos do *Desassossego* espalhados por toda a papelada. E são 27 mil e tal documentos que estão no espólio da Biblioteca Nacional. Muitos deles realmente não têm a tal sigla *L do D*. O próprio Pessoa teria que pensar se eram ou não do *Desassossego*. Ele escreveu sempre como um solitário e todos esses textos são confissões.

#### De que forma? É isso que os distingue?

O autor que justamente está no horizonte destes três livros é Rousseau, com as *Confissões*. E os três autores confessam-se à maneira de Rousseau. Só que cada um deles tem o seu estilo próprio e a sua presença. Mas evidentemente que pelas suas características o Barão de Teive tinha que estar nesse tríptico. Além do mais, Pessoa fazia tudo em grupos de três.



**Não há dúvida que o *Livro do Desassossego* é um tríptico e que o Barão de Teive faz parte dele**

**O *Livro do Desassossego*, tal como tem sido ordenado, não respeita o desenvolvimento orgânico da sua obra. E é indispensável respeitá-lo**

#### Qual a razão?

Três é a conta que Deus fez. Era para ele o número divino da criação. Na verdade, os heterónimos são três: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. E sempre que Pessoa se punha a enunciar qualquer opinião dava três argumentos. Não há dúvida que o *L do D* também é um tríptico e que o Barão de Teive faz parte dele.

Tenho a certeza de que o *L do D* são três. Bato-me por isso. Zenith entende que é um 'não-livro' e por isso pode ser constituído, dado ao acaso como um baralho de cartas.

**Está evidentemente em desacordo?** Claro. Isso não é verdade. E até aqui ninguém respeitou a sua estrutura orgânica.

#### MIL DESASSOSSEGOS

**E já há uma série de edições, todas diferentes, além da de Richard Zenith.**

A primeira é de 1982, orientada por Jacinto do Prado Coelho e feita pela Maria Aliete Galhós e pela Teresa Sobral Cunha. Depois houve outras arrumações.

#### Desde logo da própria Teresa Sobral Cunha.

Sim, quis fazer uma edição sozinha. Trabalhava na Biblioteca Nacional, tinha então acesso aos originais, lê bem o Pessoa e começou a fazer as suas edições. E podem-se realmente fazer mil do *Livro do Desassossego*. É só montar os textos dispersos. Mas não respeita a evolução no tempo dos três livros, nem inclui o Barão de Teive, que em minha opinião tem que lá estar. Mas a de Zenith, que já teve várias edições, é a mais traduzida e vendida pelo mundo todo.

#### Qual o segredo dessa recetividade?

Cada página do *L do D* vale por si. E na verdade aquilo de que gostamos é das páginas de Bernardo Soares.

#### Porquê essa ligação especial? Por força da 1ª edição?

As pessoas lembram-se exatamente dos textos do Bernardo Soares, que vão de 1929 até à morte de Pessoa, sobre a Baixa, sobre a sua Lisboa... Ora os textos de Vicente Guedes até se prolongaram mais no tempo, duraram oito anos, mas agradam-nos menos. Porque se assume como um poeta decadente, simbolista, com um linguajar próprio. Pessoa quando escreve em nome do Álvaro de Campos consegue desfazer-se dessa roupagem simbolista. Quando é boa, a poesia tem esse mérito de simplificar. Nos poemas dos primeiros tempos do Campos, por exemplo a *Ode à Noite*, as metáforas são despojadas, bonitas, enquanto que no primeiro *L do D* são insuportáveis.

#### Uma linguagem mais sobrecarregada?

O primeiro texto do primeiro *L do D*, que se chama "A floresta do alheamento", é assim, sobrecarregado de metáforas e de florestas de palavras. Ali não há nada do nosso mundo concreto. No último *L do D*, Bernardo Soares não fala nem de palácios, nem de cisnes e princesas, mas das ruas, das carroças com caixotes, das cascas de laranja... Por isso, gostamos, saboreamos, fixamos esses textos. E passamos as páginas do Guedes. Zenith misturou-os, talvez por uma razão comercial...

#### Como?

Zenith é um empresário pessoano.

Não o digo para desfazer nele. Ele próprio diz que vive de Pessoa. E tem imenso mérito. Trabalhou no meu grupo e continuamos amigos. E das edições que havia, a dele é a melhor. Só não posso concordar com essa mistura que fez. Mas não há dúvida que fazendo sanduíches de textos mais simbolistas do Vicente Guedes e dos que gostamos de Bernardo Soares, alternando uns que passamos as páginas a correr e outros que fixamos, torna o livro no seu todo mais atraente. E claro que o *L do D* do Zenith vai continuar a vender mais.... Ele, de resto, conhece muito bem o espólio, dedicou-se a Pessoa e sabe fazer livros. É também um operário pessoano.

#### UM DIÁRIO NA PESSOA DE OUTROS

**Há uma outra edição do *L do D*, de Jerónimo Pizarro.**

Também fui eu que o inicie em Pessoa. Depois ele foi trabalhar na equipa da edição crítica, com Ivo de Castro. E há muito que discordo da forma como a edição crítica fixa o texto de Pessoa e o reescreve. Porque Pessoa muitas vezes escrevia uma frase, em linha corrida, e sempre insatisfeito, acrescentava-lhe variantes. Mas não riscava a primeira, pelo que não devemos fazer substituições que ele não fez.

#### Uma discussão antiga...

A verdade é que quando vemos, por exemplo, os poemas que Pessoa publicou na *Athena*, de que temos os rascunhos, verificamos que raramente se conduz como o faz Ivo de Castro, substituindo o que está na linha corrida pelo que entende ser a última variante. E o pior é que muitas traduções vão ser feitas a partir do texto que fixaram. Porque as edições críticas são vocacionadas para estudiosos e tradutores.

#### Nunca lhe interessou o trabalho de uma edição crítica?

Não. São edições muito aborrecidas, com enormes notas de rodapé... Voltando ao Jerónimo Pizarro: trabalha muito, tem feito muita coisa e é um dó de alma que o faça com esse sistema. De resto, na sua edição do *L do D* também não considera o Barão de Teive e não segue o desenvolvimento orgânico da obra de Pessoa que sigo na minha edição.

#### Quer dizer que o *Livro do Desassossego* é uma espécie de baralho e tornar a dar? É a sua própria natureza que atrai os estudiosos e editores?

Podem sentir que as edições que existem não os satisfazem.

#### É o seu caso?

O problema principal das edições que foram feitas e que me leva a rejeitá-las é o facto de serem uma espécie de antologia dos textos do *Livro do Desassossego*. Porque aqueles textos, como os poemas, têm uma presença própria, uma independência. Não são como as páginas de um romance com uma sequência. O *L do D* é uma espécie de diário na pessoa de outros.

Portanto, cada página de diário vale por si. Mas não podemos deixar de considerar um dos autores, a sua estrutura ternária e estabelecer este livro que Pessoa foi segregando ao longo da sua vida de forma a acompanhar o devir da sua obra. Não tem sentido para mim ser de outra maneira, porque é também autobiográfico. Se se quiser fazer apenas uma antologia das páginas do *Desassossego*, cada um pode fazer o ramalhete como lhe apetece. Outra coisa é respeitar o corpo inteiro, a estrutura da obra.

#### Foi isso que quis fazer?

Sim. E Pessoa era um clássico, respeitava a estrutura de uma obra. A *Ode Marítima*, por exemplo, dos tempos futuristas, está estruturada como uma sinfonia, como ele próprio dizia. Uma das razões porque não publicou nada foi porque quis dar a cada poesia do Álvaro de Campos, de Alberto Caeiro, de Ricardo Reis, o seu corpo inteiro. E como faziam parte do seu “drama em gente”, queria reuni-las todas. E isso é no fundo parecido com o *Livro do Desassossego*, em que cada um dos três livros tem o seu corpo próprio, mas os três têm também uma interação. Não se trata de um baralho de cartas que cada um dá a seu belo prazer.

#### CAEIRO E REIS JUNTOS

**Depois dos *Livro(s) do Desassossego* irá publicar *Caeiro e Reis juntos*. Juntos, porquê?**

Sim, têm que ir juntos, porque também constituem uma unidade, no tal neopaganismo ou novo paganismo, que Pessoa criou ao mesmo tempo que o sensacionismo de Álvaro de Campos, em que tentou fazer melhor do que os futurismos.

#### Como é que esse novo paganismo liga Caeiro e Reis?

Pessoa falava de uma “religião individual”, de uma “filosofia recreativa”. Até aqui Caeiro e Reis têm sido sempre publicados separadamente. Mas é preciso juntá-los, porque são duas personagens desta religião “metafísica criativa”. Um deles é o mestre, mestre Caeiro como lhe chamavam, uma espécie de sacerdote do neopaganismo, sobretudo poeta moderno, mais moderno ainda que Álvaro de Campos.

#### Porquê?

O próprio Caeiro diz: “Lêde a prosa dos meus versos”. Faz prosa, escreve poesia livre, quando isso ainda não se usava. Ricardo Reis não. Escreve poesia à moda clássica e é já um pagão dos tempos de decadência. São duas personagens chave do novo paganismo.

#### Essa visão das obras dos heterónimos é nova?

É uma outra visão do Alberto Caeiro e do Ricardo Reis, que têm sido vistos isoladamente e sem ligação a essa ‘religião de faz de conta’.

#### E a seguir?

Esse volume sairá até ao fim do próximo ano. Depois, será a vez de Álvaro de Campos. **JL**



## PALAVRA DE POESIA

António Carlos Cortez

# O texto-gente ou o ‘desassossego’ de um livro

«Tal como tem sido apresentado, o *Livro* sempre me soube a loja de bric-à-brac, em que todas as preciosidades se misturam, desvalorizando-se umas às outras. Tentei esvaziar a sala dos seus móveis a esmo e, no espaço nu, que podemos imaginar como uma cena vazia de teatro, ir fazendo desfilar os textos-gente.» (p.22). Nestas palavras de Teresa Rita Lopes (TRL), insertas na introdução que nos prepara para a leitura deste renovado *Livro(s) do Desassossego*, saído com chancela da brasileira Global, o que primeiramente se lê é a vontade de fazer uma edição que cumpra uma das vontades do próprio Fernando Pessoa relativamente àquele que foi o empreendimento de toda uma vida: o seu *Livro do Desassossego* não deveria ser lido como conjunto de textos fragmentários ou de natureza heteróclita, mas antes como fazendo parte de um todo que, convidando embora a uma leitura poligonal dos diversos sedimentos de linguagem de que esses textos são feitos, tem de ser lido na sua dimensão cénica, pressupondo já – porque de textos-cena, ou textos-gente se trata – uma forte consciência orgânica desse livro.

Livro feito, portanto, não a reboque de qualquer espécie de obsessão fragmentária, reflexo de um sujeito estilhaçado e de que a heteronímia seria a comprovação final, mas antes gizado como livro escrito por diversos autores fingidores, o que encontramos agora, pela mão de TRL, é bem essa esfera especular (e espetacular) que transforma o *Livro do Desassossego* numa obra de grande rigor arquitetural. Tal se deve, ainda que a obra seja assinada por “semi-heterónimos” (Vicente Guedes, Barão de Teive e Bernardo Soares) à consciência de Fernando Pessoa quanto à modernidade da despersonalização vista sob o prisma de uma permanente e extensiva invenção de estilos. Como tal, o desassossego do livro resulta da narrativa ficcional que é toda a invenção de personalidades literárias e de autores fictícios que ao longo da vida de Pessoa se vão desdobrando no palco textual. Vertendo e retrovertendo em linguagem o que o «autor-mor», Pessoa ele-mesmo, ia de si para consigo reinventando, redistribuíram-se tarefas, recolocaram-se assinaturas, obrigando à



Fernando Pessoa plural Na pintura de Costa Pinheiro

constante revisão da ficção que é toda a literatura pessoana (Caeiro nascido três meses antes do «Dia Triunfal», assim como Guedes e Soares). A conversão de personagens em autores é tema complexo e controverso e já Fernando Cabral Martins, no agudíssimo *Teoria da Heteronímia* (Assírio & Alvim, 2012) teve o cuidado de nos esclarecer, considerando que, no drama em gente pessoano, há personagens que parecem lutar, «sem sucesso, para escapar às ficções em que estão circunscritas» (p.43).

No caso das três personagens que, doravante, têm de ser lidas como os autores dos *Livro(s) do Desassossego*, na feliz formulação de Teresa Rita, o combate de assinaturas, ou a meditação sobre os estilos que justificam assinaturas (e, logo, autoridades) diferentes e divergentes no *Livro* não podem dissociar-se dessa tese – que é já uma tese sobre uma teoria do nome e os modos de produção de sentido do nome e da nomeação que um «eu» (semi-heterónimo ou heterónimo em absoluto) sobre um texto ou textos – maior que a autora desta edição defende, a saber: que Vicente Guedes, Barão de Teive e Bernardo Soares «só juntos conferem ao *Livro* a sua identidade, o seu pleno sabor e alcance.» (p.21). Esses sabor e alcance, essa identidade do livro – um animal, aristotelicamente concebido – não dispensam um sentido, digamos assim, caba-

lístico, tão caro a Pessoa, em virtude do qual o número três, o da Criação, remete para esses três autores de um livro em expansão, paralelo ao parto e evolução heteronímico. Assistimos, pois, a um jogo de espelho entre os três heterónimos consagrados – Caeiro, Campos e Reis – «contados», narrados, não só nos próprios textos que assinam (da ficcional encenação do «poeta bucólico de espécie complicada» que é Caeiro à postura modernista e depois desistente de um Campos a desenhado a três facetas, ao Reis, prefaciador infundável do Mestre), mas pelos textos-gente que Guedes – Teive – Soares vão produzindo. Por isso mesmo, assim como, ao lermos Caeiro – Campos – Reis o que lemos são universos de linguagem opostos, também ao lermos estes «Livros» do *Livro*, percebemos quanto os estilos opostos de um Barão de Teive, por comparação com a «sensorialidade» de Guedes ou com a «loquacidade de Soares», se inscrevem naquele «tripla presença que se aplica a contar Pessoa». Contar o «autor-mor», posto que o autor-mor se tivesse reconfigurado em heterónimos, os quais só poderão ser entendidos plenamente se nesse jogo de espelhos somarmos as formas constantes do desassossegado livro. Recusa-se, assim, a ideia de que Pessoa se consagrou à redação de um objeto que não teria uma estrutura íntima e que seria,

por assim dizer, na expressão de Zenith, um «anti-livro». Livro, diz Teresa Rita, «segregado de si», nas páginas desse singularíssimo diário, onde cada estado de alma é uma paisagem» (Pessoa responde a Amiel, subvertendo a conhecida fórmula), foi Pessoa registando a sua própria evolução poética: do páulico Vicente Guedes ao «derradeiro Soares», dando a ver a passagem da «páulica espiritualização da matéria, de Guedes, à somatização e até visceralização da alma, de Soares» (p.22).

Como livro novo, contendo agora o da autoria do Barão de Teive, *A Educação do Estóico*, considera-se que em 1935, tendo Pessoa já pouco tempo de vida (assim lhe disseram os astros...), era sua vontade expressa integrar o Barão no *Livro do Desassossego* – as folhas soltas dos textos de Teive pertenciam ao mesmo maço em que Pessoa junto as folhas destinadas ao seu «Livro». No palco da heteronímia, que este livro encima, o projeto autoral cumpre-se inteiramente: de 1913, quando Pessoa faz publicar em A Águia o primeiro trecho, «Na Floresta do Alheamento», com a indicação que pertenceria a um *Livro do Desassossego* «em preparação», ao uso tardio do livro como diário escrito por um outro/por outros, é todo um caminho de escrita que se nos oferece, pondo a nu o significado dos ‘ismos’ que Fernando Pessoa projectou sobre a nossa poesia moderna. Do autor de «paisagens sonhadas» (Guedes), afinal contemporâneo dos poemas do neossimbolista Pessoa ortónimo, ao Soares (surgido em 1929, autor de dez contos em 1920), «ajudante de guarda-livros», negação das aristocráticas figuras Guedes/Barão, o universo metamórfico é clássico na sua mais absoluta realização: fazer um livro que fosse o «repositório» do sensacionismo nas suas diferentes fases de evolução, sem esquecer que Guedes, já aparecido em 1908, e Soares, também anterior ao «parto heteronímico» de algum modo funcionam como eixos sobre os quais o livro se engendra, eco – este livro de Teresa Rita Lopes – das parcerias que Pessoa levou a cabo com as suas personagens, entre as quais Sá-Carneiro, a quem Pessoa ficou a dever muita da informação sobre o futurismo e com quem, à semelhança da parceria Guedes/Soares, quis irrealizar o real, ou melhor, realizando o irreal das múltiplas escritas de um livro que se torna verdadeiramente real.

Esta edição é, pelo grau de inovação que contém, um trabalho que não deixará de motivar o debate entre pessoanos. Registe-se que é publicada no Brasil, esse outro lado do sonho que Teresa Rita, dialogando com o seu poeta, entende fazer parte de um futuro que nos terá de acontecer. **JL**



# Fernando Aires

## Um diário das ilhas de bruma

Morreu em novembro de 2010, aos 82 anos, na sua Ponta Delgada natal. Professor de Filosofia no Liceu da sua cidade, e depois também na Universidade, em vida, entre 1988 e 1999, publicou cinco volumes do seu Diário, *Era uma Vez o Tempo* – que agora vão chegar às livrarias num único volume, aos cinco se acrescentando ainda um sexto, inédito. Outro bem conhecido escritor açoriano, também prof., ensaísta, cronista e nosso colaborador, aqui escreve sobre os *Diários* e seu autor, seguindo-se a antecipação de algumas daquelas páginas inéditas

### Onésimo Teotónio Almeida

É costume (e eu pratiquei-o) abrir conversa, escrita ou oral, sobre o diário como género literário, referindo-se o seu pouco cultivado nas letras pátrias. Menciona-se inevitavelmente Vergílio Ferreira e Miguel Torga como exceções à regra. Os mais informados acrescentam os nomes de Manuel Laranjeira, Sebastião da Gama, Mário Sacramento, João-Palma Ferreira – e deveriam adicionar, entre outros, Cristóvão de Aguiar e José Leon Machado. Os poucos observadores da realidade açoriana incluem Fernando Aires. E no entanto o género vai ganhando cultivadores entre nós. O mais recente na minha lista de leituras foi o *Diário da Abuxarda*, de Marcello Duarte Mathias, um pacote de belas e saborosas páginas repletas de reflexões



Fernando Aires 'Nunca desde Raul Brandão os Açores tinham sido tão habilmente pintados em palavras'

batidas pela vida e embrulhadas em elegante prosa. Antes dele, foi o *Diário Íntimo de Carlos da Maia* (1890-1930), engenhosa criação de A. Campos Matos, já com duas edições. Em reedição também, circula agora o *Não Percas a Rosa*, de Natália Correia que, na altura do seu primeiro aparecimento, não só não recebeu a devida atenção como, por razões políticas, foi mesmo marginalizado.

Também em reedição, está a chegar às livrarias o diário *Era Uma Vez o Tempo*, de Fernando Aires, infelizmente pouco conhecido fora dos círculos açorianos e açorianófilos. E todavia só os primeiros dois volumes foram publicados em Ponta Delgada, terra natal do autor, em 1988 e 1991. Os restantes três foram editados em Lisboa, em 1993, 1997 e 1999, na Salamandra, uma editora "açoriana" que na sua dúzia de anos de existência, publicou mais de uma centena

de títulos, quase todos de autores daquelas ilhas férteis em vulcões, terramotos, vacas e livros.

Fernando Aires (FA) nasceu e faleceu assolapado à sua ilha, S. Miguel (1928-2010), de onde, para além de poucas viagens, apenas saiu quando teve de ir a Coimbra formar-se em Histórico-Filosóficas, e ao Porto para mais dois anos de estágio. Logo depois, apressou-se a regressar aos Açores, lecionando durante muitos anos no Liceu Antero de Quental, na Escola do Magistério Primário e, depois, na Universidade dos Açores como assistente convidado. Desde cedo interessado em literatura, fundou com um grupo de amigos o Círculo Literário Antero de Quental e fez parte do grupo Jade (nome do bar local onde se reuniam), que nos anos 40 tentou agitar as estagnadas águas da sua cidade, em tempos de isolamento e salazarenta paz.

Tendo embora feito incursões várias pela história cultural açoriana (sobretudo pela publicação de um estudo a acompanhar a edição de cartas de José do Canto, notável figura do século XIX insular) e na ficção (contos), foi o aparecimento, em 1988, do 1º volume do diário *Era Uma vez o Tempo*, que convocou sobre ele as atenções dos leitores e críticos que à obra tiveram acesso; já que foi, tal como o 2º volume (1991), publicado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, com uma limitadíssima rede de distribuição, quase sem alcance para além do mar açórico. A partir de 1993 e até 1999, os restantes volumes do diário surgiram em Lisboa na atrás referida editora Salamandra.

Nunca desde Raul Brandão os Açores tinham sido tão habil-

## Inéditos

### PONTA DELGADA 21 DE JUNHO, 2001

A Linda também já comentara aquele sono prolongado, talvez demasiadamente prolongado, mas de nada valeu, ou porque os estados de sonolência e de vigília cumprem os seus prazos naturais como as crisálidas, ou então para dar razão ao velho aforismo de que Santos de casa não fazem milagres...

De qualquer modo, suspensão de meses, não sei quantos. Agora o regresso. Sensação de ter feito a volta à vida, a volta à casa de há muito fechada: Roda-se a chave, a porta range um pouco, escancarar-se. Cheira a bolor, a casa vazia, e a gente não entra logo por causa dos fantasmas escondidos na penumbra. Assusta dar com os móveis muito hirtos, de olhar parado. Já não nos conhecem e há sempre o perigo de se atirarem a nós como cães. Depois, não sei

como me justificar. Tenho obrigações para com este Diário, talvez por ser o primeiro a ser impresso na história das letras açorianas. Não é fácil abrir conversa com quem se abandonou tempo demais. Nada fácil. Porém, acho que tenho de continuá-lo, mesmo que saiba que a imperfeição me acompanhará sempre como a sombra a meu lado – a imperfeição e a sua irmã gémea, a insatisfação – o que não vai impedir (como não tem impedido) de continuar a fábula que de mim próprio venho contando. Para o Bem e para o Mal – o que na história do mundo sempre aconteceu, como se o mundo ficasse mais pobre se não fosse assim.

Pois apesar de tudo, nem assim isso me basta. Se bastasse, não me sentiria como me sinto. Que tenho mau feito, dizem-me. Que não sou grato ao bom Deus e assim por diante. Talvez tenham razão, mas o que se pode fazer contra o fastio, digam-me? É por fastio que as pessoas se drogam. Por fastio se põem a fornicar com frenesi, se candidatam às bancadas parlamentares, se buscam na ciência e na arte. Na religião. Sem tédio, sem a

consciência da finitude que brota do tédio, se a vida, enfim, nos bastasse, então cairíamos na pura inércia de vivê-la – sem mais urgências, insatisfações e desesperos. Crescer-nos-iam asas brancas no lugar do costume e, suspensos, quedaríamos inocentes e inúteis, com um sorriso baboso na boca e gritinhos infantis ecoando pela paisagem. Assim, não chegaríamos a distinguir a tristeza da alegria, nada, coisa nenhuma. Viveríamos sem existir, como as algas e as medusas. Por entre chilreios, alisaríamos as penas das asas ao entardecer e, por hábito, voaríamos direitinhos ao ninho perfeito a continuar o sono de cada dia. Mas como o mundo é como se sabe e há horas do catano em que a gente sente vontade de suspender a respiração para sempre, daqui a invenção de todos os dias que nos salva de morrer enquanto não se morre de verdade...

### GALERA, 25 DE JUNHO

Ao fim de uns dias de tempo desabrido, finalmente o Sol. Egípcios e astecas já o adoravam em tempos remotos. Dedicavam-lhe litánias de bem-querer, rezas de sub-

missão. Hoje, ao amanhecer, por exemplo, a primeira coisa que fiz foi espregalar lá para fora, pelos vidros da cozinha, a ver se a mágica substância resplandecente surgia no firmamento oriental com a promessa de um dia ameno e a dádiva da Alegria. Era a memória milenar que me ditava os sentimentos daquela hora, a ansiosa necessidade que vem dos alvares dos humanos de confirmar o regresso da Vida.

Aí está pois, o "claro sol dos heróis", triunfante! Bendito seja o seu nome!

### GALERA, 27 DE JUNHO

Dostoievski, nas suas *Notas do Subterrâneo* faz a pergunta: "De que assunto um homem decente pode falar com maior prazer?" Resposta: "de si mesmo". De mim mesmo tenho falado estes anos todos – espero que de maneira aceitável. Sem excessos indesejáveis. Sem cair no ridículo, no auto endeusamento. Sem jactância. Mas há quem pondere, conclua que é falta de pudor falar de si-mesmo. Direi que depende. Depende de como se conduz a fala. Que a fala não decaia à pornografia – não

propriamente por causa da moral, mas por mor da estética. Aliás, moral é sinónimo de estética. Já vem em Platão: o Bem e o Belo equivalem-se no significado.

### JULHO DE 2001

Na TV, há pouco, assisti a uma evocação de Maio de 68: o trânsito parado em Paris e uma multidão por entre discursos, por entre abraços e polícias de "casse tête" no ar. Condenava-se a poluição, a americanização do mundo, o consumismo. Encerrado o documentário, não é que a TV, pressurosa e ignóbil, vem fazer a publicidade dos automóveis, dos detergentes e das mil e uma coisas supérfluas com que se enganam os inocentes – isto de imediato e com o maior despudor. Levantei-me com a ideia de fazer de hoje um dia novo de sabedoria e de arte de viver. Mas a vida é ingovernável como o crescer das árvores e o passar do vento.

### 29 DE JULHO 2001

Galera. Um dia de verão. O voo dos milhafres. O morno da terra. Registados em azulejos datados do recente ano 2000, há agora

mente pintados em palavras. FA emergiu assim como um extraordinário artista capaz de captar o tempo açoriano na sua transformadora influência sobre a paisagem e o ambiente humano, tão peculiares e marcantes. As páginas do seu diário estão repletas de quadros, em parágrafos reveladores de um domínio do verbo e dos segredos da língua capaz de penetrar as abscondidas cavernas da ilha e dos seres humanos e desenhá-los no papel a cores e ao vivo.

FA viveu incrustado na sua ilha, entre Ponta Delgada e a Galera, no extremo sul da sua terra natal, onde construiu uma casa de refúgio, como se Ponta Delgada fosse uma Nova Iorque ou uma Paris a exigir retiros. Mas a verdade é que funcionava como tal. Ali, numa colina voltada para o mar do ilhéu de Vila Franca e, a fechar o cenário, a serra de Água de Pau escondendo nas suas entranhas a idílica Lagoa do Fogo, refugiava-se a conversar com o vento, com as aves (entre elas, D. Fuas, o milhafre que o visitava amiúde), os hibiscos

e os metrosíderos, as camélias e os incensos por onde a chuva se infiltrava para levar à terra a fúria de verde que embebeda a paisagem circundante.

O diarista agarra a ilha por dentro, aperta-lhe as veias a sentir-lhe as pulsações. Sonha-se europeu e declara-se parisiense, mas acaba quase nunca saindo do seu ninho ilhéu, deixando a paisagem da sua imaginária modernidade quedar-se pelas viagens mentais, pois é-lhe custoso desentranhar-se daquele espaço. Esse e outros dilemas humanos surgem narrados num vernáculo de sabores bebidos nos clássicos, mormente Eça, seu santo de eleição e patrono. As frases soltam-se das páginas salpicadas de bruma e de luz, de sol e chuva, de mar e verde, moldados em 500 anos atlânticos, com a ilha a caminho da América mas com o diarista voltado para a Europa, que nele significa Paris e Coimbra. Sempre ao longe, porém. Perto, só a ilha na sua eternidade que vem de um profundo mar impenetrável, onde residem baleias, se fabricam



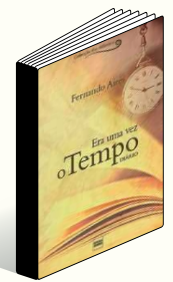
**Um extraordinário artista capaz de captar o tempo açoriano na sua transformadora influência sobre a paisagem e o ambiente humano**

terramotos e nascem tempestades e vulcões.

Um dia, conversando com um poeta português de minha admiração, eu trouxe por acaso à baila o nome de Emanuel Félix, outro poeta de excelência, Emanuel Félix, que toda a vida sepultou requintados poemas no mar da sua ilha Terceira. O meu interlocutor reagiu sobranceiramente: se ele fosse bom, eu conhecia-o! A mim descaiu-se-me de repente o maxilar inferior em abrupto espanto porque, de uma figura inteligente, esperava no mínimo o pedido de um poema ou dois para demonstrar as razões do meu apreço. Essa cena, que me marcou nos meus verdes anos e me instruiu devidamente sobre as arrogâncias intelectuais inconscientemente exibidas por sumidades da nossa praça literária, salta-me agora para estas linhas como exemplo prototípico do oposto da atitude esperável de um espírito aberto.

Do leitor que nunca ouviu falar de Fernando Aires nem do seu diário *Era Uma Vez o Tempo*, só espero a abertura mental de querer descobrir

por si os motivos da publicidade aqui gratuitamente feita. A aboná-la – são sempre recomendáveis as abonações de gabarito – está o nome de leitores como Eugénio Lisboa, José Augusto Seabra, João de Melo, Eduíno de Jesus e Vergílio Ferreira, que se comportaram bem diferentemente do dito poeta, ao depararem pela primeira vez com as belas páginas deste grande diário da literatura portuguesa agora reeditado em volume único, numa atraente edição da Opera Omnia. O mais recente admirador é Luís Maria Marina Bravo, ex-conselheiro cultural da Embaixada de Espanha em Lisboa, que até se pôs a traduzir o 1º volume e já tem um editor contagiado pelo seu entusiasmo. JL



aqui um soneto e outros versos da Linda, a deixarem relato desta casa e deste lugar de bondade – assim como os cruzeiros que os antepassados deixaram pelos caminhos das Índias a darem parte de quem e de quando estiveram ali e com que fim. O que interessa à vida é viver. E viver é tudo experimentar: o bem e o mal; o prazer e a dor; o triunfo e o desastre. Não nascemos para ser felizes – nascemos para cumprir a vida. A ordem natural das coisas: o jogo da morte e do amor – eternos vagabundos dos sonhos que sonhamos.

**PONTA DELGADA, 11 DE SETEMBRO**

Aquela gente de Nova Iorque tinha começado o dia como todos os dias: tinha-se levantado, feito a barba, comido as torradas com manteiga e bebido o café. Olhado pela janela o céu azul que fazia por entre os arranha-céus de Manhattan. Pensado: Que sorte! Que dia bem bonito que está! Às oito horas da manhã, a cidade acordava, preparava-se para mais um dia de trabalho. Quem trabalhava no World Trade Center – aquelas torres gigantescas de Nova Iorque – olhou, como toda a gente, o relógio, meteu-se dentro do carro e partiu tranquilamente para chegar lá a horas. As raparigas ainda olharam mais uma vez o espelho, deram um jeito ao cabelo. Muitas eram jovens e bonitas, era bom viver! Quem tinha o seu lugar de trabalho na Torre Sul, ainda reparou na Estátua da Liberdade, lá em baixo, muito reduzida de tamanho por motivo de grande altura. Depois, sentou-se, ligou o computador... e foi aquele trovão da morte repentina no meio do raio e do fogo que os mais felizes

não chegaram a ver que acontecia. Para outros, mais desgraçados, o inferno inimaginável e a fogo lento... Aquele Horror cuja única regra era não ter regras e ser a figura do mais acabado horror! Dentro de pouco tempo, Nova Iorque já não é Nova Iorque. Há definição para o Horror? Horror com letra maiúscula – os homens de olhos atónitos sem saberem explicar. Mesmo os mais experimentados, os mais duros de coração, põem-se a tremer sem saberem explicar. Ah, e as crianças! É impossível imaginar os olhos aterrorizados das crianças! Impossível fitar os olhos das crianças sem ficar ferido no coração! Na actual desordem mundial, os homens, neste dia, estão momentaneamente unidos pelo Horror!...

**15 DE SETEMBRO, 2001**

O tempo refrescou. Apetece castanhas e vinho. Apetece mais roupa na cama. A gente envelhece, cria rugas – fica com aquele ar de patriarca que antigamente dava “respeitabilidade” às pessoas. Mas, cá dentro, apesar da idade, continua-se saudoso do colo da nossa mãe. Minha mãe, se fosse viva, teria agora quase cem anos! Pode lá ser! Não vejo a minha mãe com quase cem anos. Vejo-a de cabelo castanho claro, a cara e as unhas bem tratadas. O passo firme, estugado. A voz de mulher nova, bem timbrada. Tinha bom ouvido e, às vezes, cantava enquanto estendia a roupa. Também me cantava quando eu era mais pequeno – o Manjerição da Serra, a Machadinha, outras sem título. Quando era Natal, cantava ao Menino. Eu ouvia. Era bom. A casa cheirava. Uma poesia no ar, um perfume que agora já não há. Era bom. Era criança, mas dava

por isso tudo. Agora percebo como a gente, antes da chamada idade da Razão, começa por Sentir. São os sentimentos, os afetos que acordam primeiro, e com que extraordinária acuidade. Surgem das pequeninas coisas, tão pequenas, que o adulto não repara.

Lembro de ser pequeno e de ficar espantado com a luz da tarde, com o harpejo dos melros. Um dia, foi um pássaro morto. Que idade teria eu? O pássaro não se movia, estava de olhos abertos e parecia velho. A morte é sempre decrepita, como vim a aprender. Decrépita e silenciosa, sem o mínimo sinal de liberdade. Espanta ter ali, aparentemente, tudo o que pertencia à vida, mas sem brilho e sem presença. Lembro de quando foi de minha Mãe – daquela ausência aterradora. O de tê-la chamado sem resposta. O espaço à volta coalhado de silêncio. Nos lugares convencionais, à volta da morte, anda-se nas pontas dos pés e fala-se baixinho. Aquele silêncio significava, decerto, que minha mãe já não estava ali. Se estivesse e eu lhe pedisse, ela cantar-me-ia o “Manjerição da serra/ Não sei como não tem medo/ Faz a cama e dorme só/ Debaixo do arvoredado”. Era o Manjerição debaixo do arvoredado, da sombra que o arvoredado fazia lá nas dobras da serra. E os fantasmas que se escondiam na noite. Que idade teria eu? Ainda hoje o bosque, as árvores do bosque a uma certa hora... O mistério dos bosques... A vida ingovernável como o crescer das árvores...

**NOVEMBRO**

Todos os dias digo para mim: É necessário inventar a vida! Não entrar sem revolta na noite de

todos os dias. Digo, e decido sair a pé a espaiar, a fugir às horas sempre iguais que fazem morrer em vida. Entretanto, dou balanço à vida e tenho motivos para continuar a vivê-la, apesar das muitas coisas que me desgostam. Esta cidade minha, que bem podia existir no algum sossego de ilha, tão agitada anda de cupidez e de trântisões desenfreados. A avenida onde moro, tão cheia do desaforo dos carros leves e pesados que todo o dia e todos os dias a atravessam de norte a sul e vice-versa. Mas tenho sorte. Ao contrário dos meus vizinhos, tenho a sorte de ter a minha casa dentro de um jardim fechado, a setenta metros da rua. Assim, crescem árvores que protegem, buganvílias e glicínias que me amparam e alegam e fazem da casa onde vivo um espaço de sossego, com coisas Naturais E perfumadas.

De manhã, ouço o canto dos galos como no campo e há pássaros furtivos que deixam pelos quintais a bondade do seu cantar. Deste modo, o ruído dos motores dilui-se e fica ao longe semelhante a um esvoaçar de brisa. Porém, não ignoro que semeiam venenos no ar que respiro e disso me lastimo. Mas também sei que a brisa do mar, se lhe derem tempo, depressa limpa tudo. Nos fins-de-semana, por exemplo, quando o trântisito afrouxa, é tão bom descobrir que a cidade recupera o sossego de outrora, a atmosfera de outrora. Então, vou a pé até à Baixa. E sigo mais além a deliciar-me com o frescor do mar que circula pelas ruas e pelas praças, varrendo o tédio e as cinzas que as máquinas deixaram nas paredes. No apaziguamento que se faz, ouço o ruído das âncoras dos

navios de outrora. A fala rouca dos marinheiros que aportaram às enseadas. O cheiro das coisas que trouxeram. E a serra, ao longe, abençoa tudo: abafa conspirações e conversas tolas; intenções malévolas. Leva a esquecer as reclamações ao Governo e a abjecção da política que se faz. Até a guerra do Afeganistão esta gente esquece para ficar apenas com a ideia de que a cidade é um navio a boiar no Atlântico, a caminho dos continentes.

Na verdade, a Ilha é um cais, de frente para o mar – um cais de partidas, mais do que de chegadas. Assim se despovoa. Assim, aquele folclore triste das suas gentes: Ó meu bem se tu te fores/Como dizes que te vais/ Deixa o teu nome escrito/Numa pedrinha do cais... É assim. Foi sempre assim: partem e deixam saudades; levam saudades. A casa onde se nasceu tão longe e tão perto, imaginada como o melhor lugar do mundo.

Era em Coimbra e eu com 20 anos, sem rugas e sem estes pesos na alma. Meus pais vivos. Amigos que se finaram, ainda vivos. Sonhos e projectos novos em folha, lindos e limpos. Uma grande esperança num futuro sem guerras e todo feito de certezas. Então, o sol era mais claro no céu acabado de pintar de azul, juntamente com o mar. Lembro o perfume que tinha o vento, que tinha a terra depois da chuva. Lembro como me batia o coração. E a todo o comprimento do meu lembrar, lembro a volúpia, a ventura de quando tinha 20 anos...

Fernando Aires – Era uma Vez o Tempo – Diário VI (fragmentos)

## BANDA DESENHADA

João Ramalho Santos

# Palavras

Se a essência da banda desenhada é a interligação entre texto e desenho, só o segundo desses elementos é essencial, desde que se intua significado (como quer que seja definido) numa sequência de ilustrações. Palavras são o que “falta” a Kong the King, de Osvaldo Medina (Kingpin Books), uma escolha que não deixa de ser algo irónica, já que se trata do primeiro livro a solo de um autor habituado a ilustrar de forma competente palavras de diversos argumentistas, utilizando uma variedade impressionante de estilos. Ou é uma defesa de alguém a quem as palavras fogem? Pouco importa. Em King as sonoridades podem ser apenas sugeridas, mas ecoam numa história que nunca para.

Há uma tradição moderna de banda desenhada pensada sem palavras, desde as histórias em gravuras de Frans Masereel (1889-1972) ou Lynd Ward (1905-1985), até autores contemporâneos como Peter Kuper, Masashi Tanaka, Fabio Viscogliosi ou Lewis Trondheim. Mas se há referências a citar aqui parecem ser mais do cinema mudo, do drama ao humor. Na base da história está, como o nome indica, King Kong, só que o protagonista não é um macaco, mas um nativo gigante cuja inocência e resiliência serão testadas quando é transportado da sua ilha isolada para a civilização, e se torna uma atração mediática.

É certo que a colagem a uma narrativa arquetípica serve de alavanca útil para guiar o leitor na ausência de texto (no sentido em que a base é reconhecível), mas a transformação do protagonista permite a Osvaldo Medina abordar com outra profundidade questões como a emigração e inserção num novo ambiente, ou os valores inerentes a diferentes tipos de relações humanas. Escolheu fazê-lo apenas com o desenho, o que implica utilizar algum exagero teatral nas representações, sobretudo em cenas que implicam a exploração do falso ingénuo Kong pelos diversos oportunistas que com ele se cruzam. Só que cada vez que se pensa que a história vai soçobrar num beco sem saída moralista (como é habitual neste tipo de narrativa) surge uma sequência poética, um momento de ação delirante, instantes de humor. Osvaldo Medina mostra aqui ter um raro talento natural para o equilíbrio gráfico-narrativo, e a ação flui sem que as mensagens sejam demasiado pesadas.



A história conta-se sem palavras; o que falta então a Kong the King, se é que alguma coisa falta? Nada; outros elementos teriam metamorfoseado a obra noutra coisa. Desse ponto de vista uma maior profundidade, ou simbolismos menos óbvios, teriam sido elementos interessantes, e é certo que o autor tenta afastar-se das armadilhas do simplismo associado ao “bom selvagem”. Por exemplo, evitando a tradicional infelicidade crescente do protagonista, culminada num típico final trágico, ou utilizando diferentes ambientes, embora parte desse percurso pouco acrescente, e algumas das brilhantes sequências não tenham grande função narrativa a não ser provocar pausas (que nunca o são).

Mas a capacidade de definir situações e personagens num relance, o dinamismo de um desenho entre o realista e o caricatural que transpira espontaneidade, e uma composição que nunca deixa a narrativa pendurada, definem um autor à solta, que pode deixar para trás alguns componentes sem se esquecer da história. Liberto das palavras dos outros, Osvaldo Medina pôde aqui, como o protagonista, escolher os mundos que lhe interessavam, e o modo de os explorar. Uma vez regressado a casa, contou. ■■



► Argumento e desenhos de Osvaldo Medina

**KONG THE KING**

Kingpin Books. 144 pp., 17 euros



## OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

# Rui Vieira O espelho e o labirinto

Longa confissão de uma mãe a um filho em forma de romance, *O Último Rosto de Caravaggio*, com ilustrações de Tiago Manuel, afirma-se como o melhor dos cinco títulos de Rui Vieira neste género literário. O autor explora o tema do “duplo” literário enquanto sujeito da narração, como se a personagem (neste caso duas) se espelhasse numa imagem que não só a absorve como a devora, forçando a narrativa a transitar entre ambas, acolhendo características de uma e de outra sem que o leitor perceba com clareza qual delas é ficcionalmente verdadeira, isto é, o que deveras pertence a uma e não a outra, e vice-versa.

Neste sentido, o romance, alimentado pela técnica do duplo (sem tradição em Portugal), vive tanto de uma permanente tensão estética entre ambas as figuras das personagens como de uma diluição do tempo real, mesmo de um efetivo apagamento deste, fazendo ressaltar que o presente ficcional coabita com o passado real, repetindo-o no essencial. Como se torna evidente, o tratamento literário do duplo socorre-se da réplica de imagens e do motor ficcional por excelência destas – o Espelho – e da forma estética que aquelas assumem na narrativa – o Labirinto.

Deste modo, as categorias estéticas que dão forma a *O Último Rosto de Caravaggio* são, assim, as categorias narrativas maiores de Jorge Luís Borges: o Espelho e o Labirinto. O autor, ele próprio indica-nos, esta orientação estética através de um texto muito claro, em epígrafe, do autor de *Os Imortais*. Assim:

1. O Espelho, por via de duplicação do nome de Fillide: simultaneamente o nome da amante e modelo privilegiado de Caravaggio e da atual professora de arte em Yale, especialista na obra do pintor italiano e autenticadora oficial dos seus quadros; do mesmo modo, por via da duplicação da personagem Caravaggio, pintor real italiano quinhentista (1571 – 1610) na atual personagem Miguel Ângelo (nome próprio de Caravaggio), que reproduz para venda a duplicação dos quadros originais de Caravaggio;

2. O Labirinto, por via da galeria de situações e circunstâncias reais que, em Londres, permitem e provam ser Fillide atual a duplicação de Fillide cortês e Miguel Ângelo a duplicação de Caravaggio.

Assim, da categoria de Espelho emerge a principal ideia de *O Último Rosto de Caravaggio*, o uso do duplo como técnica literária; da do Labirinto, a totalidade da trama narrativa.

Prepare-se, pois, o leitor para entrar, não no reino da ilusão constitutivo de toda a ficção, mas no reino de uma dupla ilusão (a ilusão da ilusão) do qual o autor congeminou a saída através de um corte final abrupto, mas coerente, na narrativa – o nascimento de uma nova personagem, igualmente chamada Miguel Ângelo, filho do amor londrino de Fillide com Miguel Ângelo.

Tal como Caravaggio viveu entre,



e conviveu com, a ralé de Roma, Nápoles, Malta e Sicília, usando as figuras vis e cavernosas de prostitutas, artesãos rudes, crianças de rua, pedintes, inclusive um cadáver (*A Ressurreição de Lázaro*) como modelos realistas de celestiais figuras bíblicas nos seus quadros, assim, em *O Último Rosto de Caravaggio*, Fillide e Miguel Ângelo (e depois Corvo, o cão preto agigantado), encenam o seu amor no território abandonado dos antigos cais de Londres, edifícios e armazéns arruinados e desprezados pela elite inglesa. Do mesmo modo, tal como Caravaggio era dado a ímpetos de fúria e ataques raivosos, polvilhando a sua curta vida de brigas, assim Miguel Ângelo usa uma espada ameaçadora.

Neste jogo labiríntico de espelhos, o leitor, prevenido, não se admira que, tal como a Fillide cortesã assim a Fillide historiadora de arte tem igualmente um dedo partido que não consegue dobrar. E se Caravaggio não fazia desenhos prévios da pintura a realizar, assim Miguel Ângelo também os não faz, fundindo instintivamente corpo próprio e pintura. E, como um Tiresias grego, levando a narrativa para aspetos míticos, emerge a personagem da senhora cega-que-porém-tudo-vê-com-a-alma, e o debate final em torno do quadro Medusa, autorretrato de Caravaggio, símbolo do terror e da morte, superando as imagens cristãs até então tematizadas nos capítulos anteriores.

Ilusão das ilusões, o romance inicia-se com a análise do quadro “A Ressurreição dos Corpos”, que Fillide autêntica e Miguel Ângelo nega ser da autoria do pintor quinhentista.

Síntese das sínteses: todo o romance, narrando uma outra história, evidenciando uma multiplicidade de vozes, parece tornar-se não num monólogo mas numa narrativa monologista: como se Caravaggio narrasse a sua própria vida. E tal como o seu corpo morto desapareceu durante 400 anos, só descoberto em 2010, assim Miguel Ângelo, reencarnação de Caravaggio, desaparece igualmente sem quê nem porque da história quando Fillide regressa a Londres.

Romance que desafia brilhantemente o senso comum narrativo de contar uma história real de um modo realista em que o atual romance português se tornou. ■■



► Rui Vieira

**O ÚLTIMO ROSTO DE CARAVAGGIO**

Abysmo, 150 pp. 13,50 euros

## Gonçalo M. Tavares

Dois novos livros de Gonçalo M. Tavares em duas editoras diferentes. Na Caminho, *O Torcicologologista*, *Excelência* (304 pp, 16,50 euros), constituído por duas partes. Na primeira, crónicas ficcionais, algumas anteriormente publicadas na imprensa. São diálogo de uma dialética permanente, revolucionária e atual, que remetem o leitor (assim como os

dialogantes) para os paradoxos do pensamento e da expressão. A segunda parte, intitulada *Cidade*, recupera o texto que serviu de base ao espetáculo *Two Maybe More*, de Marco Martins, interpretado pela dupla Sofia Dias e Vítor Riz. Retalhos de uma vivência urbana, na qual cada humano, designado por um número, é descrito pelas suas ações. Na *Relógio d'Água* Gonçalo M. Tavares dá sequência à série *Breves Notas*. Depois de volumes dedicados à Ciência, Medo e Ligações, surge um sobre *Música* (120 pp, 14 euros). Um exemplo: “Duas formas de ouvir música: abrir os olhos, fechar os olhos. Há também a terceira opção: ouvir música fechan-



do muito os olhos. E pode parecer um preciosismo, mas não é. De facto, não há só duas opções. Os olhos podem estar pouco ou muito fechados. Os olhos estarem fechados significa que não são distraídos por nenhuma imagem exterior. E isso é bom. Os olhos estarem muito fechados significa que não são distraídos por nenhuma imagem exterior (estão fechados) e por nenhuma imagem interior, por nenhuma recordação (estão muito fechados). Há, portanto, ouvintes de olhos abertos, de olhos fechados e de olhos muito fechados. O preço dos bilhetes para um concerto deveria ser o mesmo para estes três ouvintes?” JL

## Ana Teresa Pereira



Reencontro com a ficção de Ana Teresa Pereira, que tem mantido, nas últimas duas décadas, um ritmo de publicação anual, como se cada livro fosse um fragmento de uma realidade poliédrica. *Neverness* agrupa duas novelas, a que dá título ao conjunto e *A Primeira Noite de Quietude*. A primeira tem como mote a imagem de um regresso a casa de um avô, dada através de um sonho. A segunda, a ideia de morte: “Kate estava a atravessar a ponte quando decidiu matá-lo (...) Kate nem estava a pensar nele. Era muito cedo, uma manhã clara de Inverno ainda misturada com a noite. O silêncio profundo e interior. Encostou-se ao muro de pedra coberto de neve, com as sobranceiras levemente franzidas. Um plano muito simples, ela sempre gostara da simplicidade”, lê-se na abertura de *A Primeira Noite de Quietude*. Duas ficções que remetem para outras obras da autora, bem como para outros livros, filmes e músicas. Ficção dentro da ficção.

> **Ana Teresa Pereira**  
**NEVERNESS**

Relógio d'Água, 160 pp, 15 euros

## Afonso Cruz



Novo volume da *Enciclopédia da Estória Universal*, projeto infinito de Afonso Cruz, que recolhe pensamentos, aforismos, máximas, excertos, fragmentos e páginas de personagens históricas, novas ou de outros livros seus. Este dá-nos conta d’*As Reencarnações de Pitágoras*, com as muitas vidas do filósofo de Samos, “um novelo difícil de seguir linearmente: algumas transmigrações coincidiam no tempo, sugerindo que a alma se divide em várias”. Assinada mais uma vez por Théophile Morel, responsável pela *Enciclopédia*, o livro é ilustrado por Susa Monteiro. De A a Z, apresentam-se as reencarnações em frases que sintetizam uma existência. Como esta, de Ioane Dolidze:

“Pretendia crucificar a Humanidade sem usar madeira e pregos. Dizia para os homens caminharem na direção uns dos outros de braços abertos, crucificados na promessa de um abraço”.

> **Afonso Cruz**  
**ENCICLOPÉDIA DA ESTÓRIA UNIVERSAL - AS REENCARNAÇÕES DE PITÁGORAS**

Afaguara, 120 pp, 14,50 euros

## Prémio LeYa



“Diz ela que o mundo nem sempre foi assim. Noutros tempos, a avó corria à beira do rio com um pau de vime na mão a espantar os espíritos dos mortos e batia nas pedras e na água como se sacudisse os males da terra”. Assim começa *O Coro dos Defuntos*, que valeu a António Tavares a edição deste ano do Prémio LeYa. E não faltam vozes nem tempos a esta narrativa, que acompanha os últimos anos da ditadura do Estado Novo a partir de uma pequena aldeia das beiras. De resto, a proximidade ao universo de Aquilino Ribeiro transforma-se em homenagem, com apropria-

ção de paisagens, figuras e léxico caro ao mestre. As personagens devidamente recortadas, soma-se este dizer plural que vale por uma aldeia inteira. *O Coro dos Defuntos* é o segundo romance de António Tavares, autor também de livros teatro e de ensaio, além de vice-presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

> **António Tavares**  
**O CORO DOS DEFUNTOS**

Leya, 216 pp, 14,40 euros

## Hélia Correia



Ainda antes de saber que Hélia Correia ganharia este ano o Prémio Camões (atribuído em junho), a Relógio d'Água preparou um plano de reedições da obra da escritora, uma das vozes mais destacadas da literatura portuguesa. Começou com *O Separar das Águas e outras novelas*, que incluía *Vila Celeste e Soma*, e prossegue agora com um outro volume, este encadernado, que junta cinco títulos de referência: os romances *A Casa Eterna*, *Lillias Fraser* e *Adoecer*, seguidos das

novelas *Montedemo* e *Bastardia*. Ao mesmo tempo, sai mais um título infanto-juvenil seu, área a que Hélia Correia também tem dedicado particular atenção. Chama-se *A Luz de Newton* e parte das descobertas do grande cientista, nomeadamente a decomposição da cor e as leis da gravidade.

> **Hélia Correia**  
**OBRAS ESCOLHIDAS**

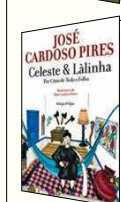
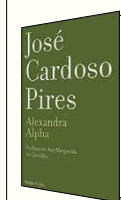
Relógio d'Água, 720 pp, 30 euros

> **A LUZ DE NEWTON**

Relógio D'Água, 72 pp, 15,50 euros

## José Cardoso Pires

Também na Relógio d'Água prossegue a reedição da obra de José Cardoso Pires, iniciada este ano com o lançamento de quatro títulos. Segue-se *Alexandra Alpha*, o seu último romance, de 1987. O prefácio é de Ana Margarida de Carvalho, que a certa altura afirma: “Este é um livro para ser lido de lanterna na mão. Ou, então, com uma daquelas luzes de mineiro que estes usam no capacete para descer às profundezas. É de escuridão e de *bas fond* lisboeta que se trata. De uma certa vida boémia que já não existe — ou já não será exatamente assim. É um



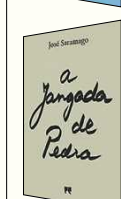
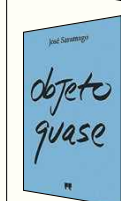
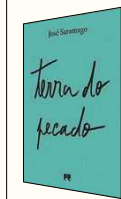
> **José Cardoso Pires**  
**ALEXANDRA ALPHA**

Relógio d'Água, 384 pp, 18 euros

> **CELESTE & LÁLINHA - POR CIMA DE TODA A FOLHA**

Relógio d'Água, 80 pp, 15,15 euros

## José Saramago



Com quatro novos livros, a Porto Editora prossegue o relançamento da obra de José Saramago, que integra os catálogos do grupo desde o ano passado. Até à data, já foram lançados 25 títulos, entre romances, contos, teatro, poesia, crónica e infanto-juvenil. Por ordem cronológica de publicação, os mais recentes são: *Terra do Pecado*, que marcou a estreia literária de Saramago, em 1947; *Objeto Quase*, de 1978, que foi a sua primeira (e única) coletânea de contos; *A Jangada de Pedra*, de 1986, que propôs um novo olhar sobre o destino ibérico de Portugal e Espanha; e *Todos os Nomes*, de 1997, o romance anterior à atribuição do Prémio Nobel da

Literatura no ano seguinte. A singularidade das capas desta nova vida da obra de José Saramago deve-se à letra dos títulos dos livros, desenhada por diversas figuras da cultura portuguesa e lusófona. Nestes quatro lançamentos encontramos as de José Luís Peixoto (*Terra do*

## Da Rússia

A Literatura Russa continua a encontrar tradutores, editores e leitores em Portugal, mais em torno dos clássicos do que dos contemporâneos. Três novos títulos dão conta dessa diversidade, abarcando vários espectros literários. Na coleção de Literatura de Humor, coordenada por Ricardo Araújo Pereira, sai *Oblomov*, de Ivan Gontcharov (Tinta-da-China, 656 pp, 32 euros). Ao esmero gráfico da edição, junta-se o cuidado da tradução de António Pescada, que nos devolve um clássico do tema do homem supérfluo, que inundou a literatura russa da segunda metade do século XIX (o

romance é de 1859). “Não é uma indolência que rejeita a vida, como a de Bartleby, nem uma incapacidade de agir motivada pela ponderação das consequências dos seus atos, como a de Hamlet”, escreve Ricardo Araújo Pereira. “É uma indolência pueril, de quem não pode nem quer abandonar a infância para entrar num mundo perigoso, aborrecido, contrário ao seu conceito de vida, e no qual se valoriza uma



atividade abominável: o trabalho”. Ao mesmo tradutor se deve *Compota de Damasco e Outros Contos*, de Aleksandr Soljenitsin (Sextante, 376 pp, 17,70 euros). São oito histórias curtas em espelho, que se dobram em duas versões (a 1 e a 2), a que o escritor russo, distinguido em 1970 com o Prémio Nobel da Literatura, chamou de escrita binária. São também histórias sobre a experiência soviética, a mesma que o perseguiu. A fechar, um conto mais longo, Adlig Schwenkitten. De Vladimir Nabokov, *Convite para uma Decapitação* (Relógio d'Água, 192 pp, 15 euros) escrito em 1934. Obra torrencial, apresenta-nos o destino de Cincinnatus, homem condenado à morte. Na prisão, espera pelo seu fim, que tarda em ser cumprido. JL

*Pecado*), João Tordo (*Objeto Quase*), Mário Cláudio (*A Jangada de Pedra*) e Miguel Gonçalves Mendes (*Todos os Nomes*).

► **José Saramago**

**TERRA DO PECADO**

Porto Editora, 328 pp, 17,70 euros

► **OBJETO QUASE**

Porto Editora, 136 pp, 13,30 euros

► **A JANGADA DE PEDRA**

Porto Editora, 352 pp, 17,70 euros

► **TODOS OS NOMES**

Porto Editora, 280 pp, 16,60 euros

## Amadeu Lopes Sabido



Advogado, prof. universitário, funcionário europeu, Amadeu Lopes Sabido tem colecionado muitas histórias, fruto de um empenhamento político constante, sobretudo durante o Estado Novo. Converto essas histórias em palavras, primeiro na imprensa (Diário de Lisboa, O Tempo e o Modo), depois em livros de viagens, crónicas, novelas e romances. Na Bizâncio, onde já publicara as memórias Entre Dois Séculos e as ficções futuristas de À Espera de Godinho, sai agora o romance *As Claras Madrugas*. Trata-se da biografia romanceada de Michel Lidzki, um homem comum num século que não o foi. Nascido na Rússia, viveu em fuga permanente, da perseguição judaica e do próprio judaísmo. Numa época de extremos, procurava o seu centro, nem sempre fácil de encontrar. É essa vida no

limite que recorda a Daudouin Dunesme, filho da sua companheira, que representa o outro lado da moeda, a militância maoísta e antissionista. “A ficção tem a particularidade de preencher os lugares vazios da história”, explica Amadeu Lopes Sabido na introdução. “Se o relato fiel dos acontecimentos históricos estrutura a exegese, os destinos individuais são descritos e recriados pelo autor de acordo com necessidades e contingências novelísticas”.

► **Amadeu Lopes Sabido**

**AS CLARAS MADRUGADAS**

Bizâncio, 528 pp, 16 euros

## Pedro Mexia



Pedro Mexia em duas frentes. Na poesia, com *Uma vez que Tudo se Perdeu*, nova coletânea de poemas. Se a anterior recolha, *Menos por Menos*, de 2001, se centrava nos títulos publicados entre 1999 e 2007, esta retoma o âmbito cronológico, selecionando poemas ainda não recolhidos em livro. Para os apresentar, o escritor cita a crítica de Samuel Hynes sobre a

poesia de Thomas Hardy: “Os poemas estão muitas vezes organizados num contraste entre o presente e o passado, entre a observação e a memória, num padrão irónico, a dois tempos, que revela como as expectativas foram derrotadas, as perdas sofridas, a esperança e a felicidade destruídas, simplesmente porque o tempo passa.” A segunda frente é a da crónica, com *Biblioteca*, a sexta recolha de textos publicados na imprensa ou na internet. Estes foram originalmente publi-

## Agustina Bessa-Luís

Um inédito de Agustina Bessa-Luís é sempre um acontecimento editorial e motivo de celebração, mesmo quando não se trata de um inédito total. *Crónica da Manhã* (Guimarães, 112 pp, 12 euros) recolhe os textos da rubrica homónima que a escritora manteve na Radiodifusão Portuguesa, entre 6 de outubro de 1978 e 23 de fevereiro de 1979. Eram apontamentos de todos os dias, lidos pela própria escritora, com compacto aos domingos. A transcrição destas crónicas radiofónicas é feita a partir dos manuscritos da autora, com organização e fixação de texto de Alberto Luís e

Laurença Baldaque. No seu estilo inconfundível, expressivo e arguto, irónico e certo, Agustina discorre sobre o quotidiano, o seu e do mundo, aproveitando ao máximo a liberdade que lhe



deram. “A rubrica desta crónica é extremamente inspiradora. Deixa-me pegar na pena obrigando a imaginação em tão fantástico desafio!”, lê-se a páginas tantas. “Só não sei se vou encostar o ouvido ao coração da Esfinge, se vou rever os temas de Chaplin e deitar um olhar afável aos seus vagabundos que se perdem na perspetiva branca da estrada. Mas não. Não sei escrever assim, por conselho, e prévio repouso do espírito. Prefiro divagar de maneira assomburada, como os fantasmas ingleses, com a cabeça debaixo do braço. Isto é: sem cátedra e sem importância”. De Agustina, lança-se, ainda, uma nova edição de Eugénia e Silvana (Guimarães, 384 pp, 24,99 euros), romance de 1989, revisto em confronto com o manuscrito. JL

cados no *Público* e no *Expresso*, entre março de 2008 e de 2015, e versam sobretudo temas literários.

► **Pedro Mexia**

**UMA VEZ QUE TUDO SE PERDEU**

Tinta da China, 80 pp, 12 euros

► **BIBLIOTECA**

Tinta da China, 240 pp, 14 euros

## Vinicius de Moraes

Uma nova e abrangente *Antologia Poética* de Vinicius de Moraes, talvez a maior e mais completa que se publica em Portugal. Além de uma reunião bastante significativa de poemas, que tanto se aproxima como se afasta da



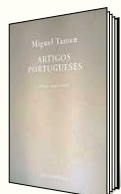
que o próprio poeta publicou em meados do século XX, o volume inclui páginas em facsimile, fotografias e aparato crítico, este com textos de Vinicius (a advertência que escreveu em 1954), Rubem Braga (da badana da primeira edição da antologia), Otto Lara Resende (da crónica d'O Globo) e Antonio Candido (da contracapa da edição de 2003). A organização é de Antonio Cicero e Eucannã Ferraz, que procuram divulgar, tanto no Brasil, como agora entre nós, uma faceta (a de poeta) que ficou ofuscada pelo sucesso do compositor e letrista da Bossa Nova. A adoção do critério da qualidade na escolha dos poemas limitou o enfoque nas várias fases da produção do poeta que outras obras semelhantes têm seguido. “Vinicius de Moraes foi um grande poeta: um dos maiores que já tivemos. Ele não está entre os grandes escritores que publicaram apenas algumas poucas páginas extraordinárias, encontra-se entre os raros que publicaram muitas páginas extraordinárias”, defendem no posfácio.

► **Vinicius de Moraes**

**ANTOLOGIA POÉTICA**

Companhia das Letras, 336 pp, 16,90 euros

## Miguel Tamen



Edição aumentada dos *Artigos Portugueses* que Miguel Tamen, prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, lançou em 2002. “Não mudei muito de ideias, mas fui entretanto escrevendo e nalguns casos publicando coisas que acho agora que podiam ter pertencido ao conjunto original”, esclarece o ensaísta no prefácio, que acrescenta: “O que definia o conjunto original, e continua a definir este conjunto, não é coligir tudo o que escrevi sobre autores portugueses: é coligir coisas que escrevi sobre autores portugueses que admiro”. Entre

esses autores, estão Camões, Fernão Mendes Pinto, Almeida Garrett, Eça de Queirós, António Nobre e Fernando Pessoa, entre outros. Dos 14 artigos, sete são novos. O meu interesse por literatura portuguesa, como aliás suponho que o de quase toda a gente, sempre foi seletivo, ocasional e privado. Estes três adjetivos descrevem bem, a meu ver, o livro que se segue”, sintetiza Miguel Tamen.

► **Miguel Tamen**

**ARTIGOS PORTUGUESES**

Documenta, 160 pp, 14 euros

## Cartas Persas



A primeira tradução integral das *Cartas Persas* acaba de chegar às livrarias, integrada na cuidada coleção de Literatura de Viagem (Tinta-da-China, 400 pp, 21,90 euros). Na verdade, esta emblemática obra de Montesquieu, publicada em 1721, podia ser incluída em diferentes coleções, tão diversa é a sua composição. Também é um romance epistolar, crónica de costumes, olhar sobre o Outro (o Ocidente e o Médio Oriente), perfil escondido de um conceituado teórico francês do século das luzes. De resto, é curioso notar as duas obras mais importantes de Montesquieu, *Espírito das Leis* e *Cartas Persas*, foram lançadas anonimamente, o que dará certamente para compor a dimensão do seu pensamento, o alcance dos seus atos e o jogo lúdico e literário que sempre aparou a pena com que escreveu. “Montesquieu é um dos nomes centrais da filosofia setecentista, e podemos integrá-lo no grupo de escritores e pensadores que contribuíram para a revolução do pensamento que irá dar origem aos princípios da Revolução Francesa”, afixa, no prefácio, Nuno Júdice. E para explicar o sucesso de *Cartas Persas*, o poeta, ensaísta e prof. universitário sugere o exotismo e a alternância de registo, entre o histórico, o geográfico, o filosófico e o ficcional.

## De Espanha

De Espanha, dois livros que marcaram o ano editorial de 2014. “Um romance sobre o desejo, como um dos motores mais fortes da vida das pessoas, que por vezes nos leva a passar por cima de qualquer lealdade, consideração e respeito pelas relações com os outros”. Eis como Javier Marías, um dos nomes de referência das letras espanholas, descreveu o seu recente *Assim Começa o Mal*, publicado em Portugal pela Alfabeta (532 pp, 21,90 euros), que a par dos novos títulos tem relançado outros mais antigos (como *Coração Tão Branco* ou *Amanhã na Batalha Pensa em Mim*). Trata-se de um triângulo amoroso que romperá com a harmonia de um casal. Na Madrid dos anos (efervescentes) 80, recém-saído da universidade,

Juan de Vere torna-se secretário pessoal do cineasta Eduardo Muriel. Entra de tal forma na sua intimidade que se torna amante da sua mulher, Beatriz Noguera. A sua posição ficará ainda mais frágil ao ser incumbido de passar a pente fino o passado de um amigo de longa data de Muriel. Desconfianças e mentiras num romance que também é sobre a história recente de Espanha. O mesmo se poderia dizer de *O Impostor*, de Javier Cercas (Assírio & Alvim, 472 pp, 18,80 euros), um dos livros mais comentados nos últimos tempos no país vizinho. Pela sua qualidade,



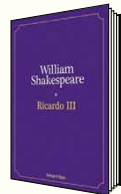
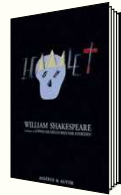
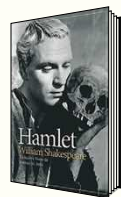
claro, indiscutível num escritor como Cercas, mas sobretudo pela figura que retrata, Enric Marco, um nonagenário barcelonês que se fez passar por sobrevivente dos campos nazis e que foi desmascarado em maio de 2005. Este é mais um caso em que o personagem facilita a vida ao escritor, na medida em que lhe permite escrever um “romance sem ficção, saturado de ficção”. Viciado na mentira, na sua imagem, na vontade de aparecer, Enric Marco viveu várias vidas, num embuste contínuo. Nada o demoveu na árdua tarefa de reinventar a sua vida. Nunca esteve realmente onde diz que esteve. Foi efetivamente preso na Alemanha Nazi mas fruto de um desacato numa fábrica para onde fora trabalhar no âmbito de um acordo entre Franco e Hitler. Contando a história de Marco e a da sua investigação, Javier Cercas dá-nos o retrato de um século espanhol, da opressão da ditadura à reinvenção do passado pós-transição

Farto de intrigas palacianas, Usbek decide abandonar a Pérsia para se lançar num *grand tour* até Paris. O que vê em França e o que se passa no seu harém abandonado são o tema da troca de correspondência. “Todo o livro é uma antologia de observações curiosas e originais sobre a época, escritas por um espírito inquieto e vigilante do que faz funcionar a sociedade, e obri-gando a cada instante a uma leitura em segundo grau das suas descrições aparentemente ingénuas, mas sempre remetendo para essa dimensão crítica do filósofo que pretende contribuir para transformar o mundo”.

► **Montesquieu**  
**CARTAS PERSAS**

Tradução de Isabel St. Aubyn, *Tinta-da-China*, 400 pp, 21,90 euros

**Shakespeare**



Em 2016 celebram-se os 400 anos da morte de William Shakespeare (e também o de Cervantes) e não vão faltar ocasiões para celebrar a obra de quem já foi considerado o inventor do humano. Talvez por isso, avolumam-se, desde já, as traduções das suas peças e poemas. De *Hamlet*, por exemplo, acabam de ser lançadas duas traduções. Na Assírio & Alvim, a tradução que Sophia de Mello Breyner Andresen fez para Luís Miguel Cintra e o Teatro da Cornucópia e que (só) foi levada à cena este ano. A edição é prefaciada pelo encenador, que com esta peça se despediu dos palcos, e inclui a nota de tradução da poeta, na qual afirma:

“Traduzir *Hamlet* é uma empresa que só pode deixar insatisfeito quem a ela se aventurou (...). Tentei, quando possível, traduzir rente ao texto, ser fiel à riqueza e à densidade de cada frase e encontrar uma linguagem que seja a do teatro”. Na Relógio d’Água, a tradução esteve a cargo de António M. Feijó. A mesma editora lançou mais uma peça do dramaturgo inglês, *Ricardo III*, traduzida por Rui Carvalho Homem e que esteve este ano em cena no Teatro D. Maria II, e uma antologia de poemas, com *31 Sonetos* e versões de Ana Luísa Amaral.

► **William Shakespeare**  
**HAMLET**

Tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen, Assírio & Alvim, 448 pp, 16,60 euros

► **HAMLET**

Tradução de António M. Feijó, Relógio d’Água, 272 pp, 16 euros

► **RICARDO III**

Tradução de Rui Carvalho Homem, Relógio d’Água, 224 pp, 18 euros

► **31 SONETOS**

Tradução de Ana Luísa Amaral, Relógio d’Água, 80 pp, 14 euros

**Rosa Lobato de Faria**



Falecida em 2010, aos 77 anos, Rosa Lobato de Faria deixou uma obra variada, publicada ao correr de cerca de cinco décadas de atividade literária.

Também vários dispersos, que este volume reúne pela mão de um respigador com grande experiência neste tipo de trabalho. “A oportunidade de organizar o seu espólio, em 2012, para doação à Sociedade Portuguesa de Autores, já nos havia permitido juntar um livro inédito e poemas avulsos à edição da sua obra poética”, explica Vasco Rosa na nota editorial. “Chegou a vez de antologiar a prosa dispersa e inédita, renovando a presença literária e editorial de Rosa Lobato de Faria e sublinhando a sua capacidade de escrever em diferentes registos e géneros literários, o teatro incluído”. O volume agrupa, assim, textos escritos para fins muito distintos. Há ficção curta (Saudade) ou nem por (Pedra Rara e Vem Senhor), peças de teatros, revisitações dramatúrgicas das obras de Gil Vicente, Camões e Pessoa e crónicas para jornal. A fechar, uma entrevista concedida a Maria Teresa Horta

► **Rosa Lobato de Faria**

**PEDRA RARA - DISPERSOS E INÉDITOS**

Parténon Edições, 358 pp, 18 euros

**Germano Silva**

Por mais livros que dedica ao Porto – e já lá vão muitos –, Germano Silva encontra sempre novas histórias e curiosidades. Não

**Valter Hugo Mãe**

Contos de Cães e Maus Lobos é o primeiro livro de contos de Valter Hugo Mãe, autor de seis romances e de vários volumes de versos, reunidos em *Contabilidade*. É também um livro que nasce da sua impossibilidade. “Não sei escrever para crianças”, diz o escritor. “Os contos que invento ficam arrevesados de ser uma coisa e outra. Talvez sejam a consciência magoada pela evidência de hoje me ter adulto”. Mas a dúvida não paralisa o escritor, que arrisca revisitar alguns temas emblemáticos da literatura infantil, como as princesas, os monstros ou os lobos. Outros

textos mergulham no universo da literatura, com histórias sobre bibliotecas ou rapazes que habitam livros. “Há nesta antologia de contos o convite ao regresso a um recanto de que nunca saímos, um



só pela coluna que mantém no Jornal de Notícias, onde foi jornalista durante décadas, mas também pela paixão inextinguível pela cidade em que vive desde

que se conhece. Depois de lugares com história, viagens ao passado, recantos, memórias e passeios, neste volume dedica-se a episódios desconhecidos e insólitos, que deixaram marcas em largos jardins e construções. “Há anos comecei a pensar em como seria interessante descobrir outras histórias de um Porto que se esconde nas traseiras dos edifícios, invisível, por isso, a quem passa apressado pelas suas ruas ou sobe as suas escadinhas”, explica na nota introdutória. O resultado são quatro dezenas de textos, ilustrados com fotografias,

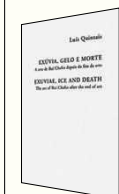
desenhos ou postais de ontem e de hoje. “Este Porto Desconhecido & Insólito ensina-nos que uma cidade é, na verdade, muitas cidades numa só. A cidade que se abraça ao Douro pelas suas pontes ou aquela que vive das romarias e práticas de antanho”, escreve, no prefácio, Jorge Ricardo Pinto. “Com Germano viajamos por caminhos de outrora que permanecem vincados nas largas avenidas do presente. E com ele constatamos que, de facto, o Porto recria-se no tempo, mantendo traços identitários nas suas esquinas e travessas, todavia acrescentando, à medida que o tempo passa, novas formas e ideias”.

► **Germano Silva**  
**PORTO DESCONHECIDO & INSÓLITO**

Porto Editora, 176, 18,80 euros

reencantamento de infância, uma cumplicidade de quem partilha vazios e silêncios”, escreve Mia Couto no prefácio. “Está nestes contos aquilo que está em toda a sua obra: o questionar das nossas certezas mais fundas, uma visita às profundezas da alma”. Cada capítulo abre com ilustrações ou desenhos de vários artistas (Ana Aragão, Paulo Damião, David de La Mano, Filipe Rodrigues, Joana Vasconcelos, Alice Vasconcelos, Daniela Nunes, Nino Cais, Luís Silveirinha, Cadão Volpato, José Rodrigues, Graça Morais, JAS e Duarte Vitória), galeria que configura um mapa estético e visual do escritor. Em simultâneo, a Porto Editora lança uma nova edição de *O Apocalipse dos Trabalhadores*, prefaciado pelo escritor sírio Adonis. JL

**Arte**



A acompanhar a exposição *Exúvia*, de Rui Chafes, patente na Galeria de Arte Contemporânea Ala da Frente, em Vila Nova de Famalicão até 23 de janeiro de 2016, publica-se um volume de ensaios (que também faz o papel de catálogo) de Luís Quintais, poeta e prof. universitário, confesso admirador da obra do escultor. É um diálogo mais estético do que crítico, de um criador sobre outro criador, ao mesmo tempo que é o registo de uma relação de amizade e cumplicidade. Os três ensaios estão agrupados sob um mesmo título, *Exúvia, Gelo e Morte*, e procuram desvendar a arte de Rui Chafes depois do fim da arte. “A arte de Rui Chafes é uma incisão nesse mundo eviscerado que a modernidade nos legou”, afirma Luís Quintais. “Poderíamos definir o seu projeto como uma singularidade elegiaca, porque nele se joga uma tensão permanente entre a lucidez trágica e disfórica e a vontade do frágil e do leve.” Ainda no mesmo campo, José Gil escreve sobre os *Poderes da Pintura*, na sequência de outros títulos sobre artes plásticas, como *A Arte como Linguagem* ou *O Humor e a Lógica dos Objetos de Duchamp*. A arte de Ângelo de Sousa é o pretexto para uma reflexão sobre a abstração e a percepção, num ensaio que convoca ainda Artaud, Duchamp, Deleuze, Kandinsky e Klee, entre outros.

► **Luís Quintais**  
**EXÚVIA, GELO E MORTE**

Documenta, 120 pp, 15 euros

► **José Gil**  
**PODERES DA PINTURA**

Relógio d’Água, 88 p, 14 euros

**De língua inglesa**

São inúmeras as propostas literárias de língua inglesa que chegam às livrarias portuguesas, num fluxo que tem conseguido acompanhar a atualidade editorial. No primeiro grupo, por exemplo, está *Cidade em Chamas*, um dos romances mais badalados dos últimos tempos. É a estreia literária do escritor norte-americano Garth Risk Hallberg, 36 anos, que recua até à Nova Iorque da passagem de ano de 1976/77. Em ambiente de festa, sobressaem personagens à margem da luz, que vivem as suas obsessões: um adolescente suburbano seduzido por Manhattan, um financeiro acoitado, um jornalista obce-

cado com uma única história, um grupo terrorista e um detetive em busca de ligações. Um romance de grande fôlego, que alterna registos, com passagens ilustradas.



Com tradução de Tânia Ganho, a edição é da Teorema (1024 pp, 29,90 euros). Na Elsinor, saem dois títulos premiados nos Estados Unidos da América. *Preparação para a Próxima Vida*, de Atticus Lish (480 pp, 23, 99 euros), ganhou este ano o PEN / Faulkner Award de ficção. É mais um retrato do sonho americano e do seu reverso, no qual se cruzam duas personagens, Zou Lei, uma chinesa ilegal que trabalha 16 horas por dia, e Brad Skinner, recém regressado da guerra do Iraque. Por sua vez, *Desmobilizados*, de Phil Klay, foi distinguido, em 2014, com o National Book Award. Também convoca o mundo da guerra, ao acompanhar, em 12 contos, o regresso à vida comum de diversos soldados. Para compor estas histórias curtas, Klay inspirou-se na sua própria experiência militar. JL

# Lojas

## museus, palácios, monumentos

**PATRIMÓNIO CULTURAL**

Direção-Geral do Património Cultural



## Presentes com história

[www.patrimoniocultural.pt](http://www.patrimoniocultural.pt)

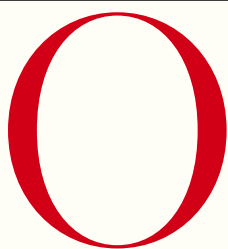


# António-Pedro Vasconcelos

## Do amor e das causas

Homem de causas e de cinema, autor de 11 longas-metragens de ficção, líder dos movimentos de cidadãos que mais contestaram os processos de privatização da RTP e da TAP, defensor de um "cinema de qualidade" enquanto "arte popular", o realizador, aos 76 anos, estreia, quinta-feira, dia 24, *Amor Impossível*, um drama, de inspiração literária, que desafia os limites do romantismo. Ao JL falou do amor, do cinema, da literatura e das causas

Manuel Halpern



"O cinema ensinou-me a viver e foi a vida que me ensinou a fazer cinema", a frase foi dita na primeira entrevista que António-Pedro Vasconcelos concedeu, nos idos anos 70, e mantém-se atual. Não que seja um realizador particularmente realista ou que viva como se estivesse num filme. Mas à associação que criou para combates cívicos (sobretudo contra a privatização da TAP) chamou *Peço a Palavra*, o nome de um filme de Frank Capra que "moldou" a sua personalidade; e afirma que está presente em todos os seus filmes, apesar de a partir de *O Lugar do Morto* ter optado por um estilo menos pessoal. Aliás, se não fosse realizador, diz, poderia ter sido encenador, editor ou professor, papéis que desempenha nos seus mais recentes filmes.

*Amor Impossível* é uma história trágica, sem final feliz, o que o torna um objeto atípico na sua cinematografia recente. O impacto emocional é forte. Mas o que está por trás é o questionamento de uma variação do amor romântico, ao estilo do *Monte dos Vendavais* - e se Kathy e Heathcliff pudessem viver a sua paixão sem obstáculos? - e o duro confronto com a realidade. O guião é, mais uma vez, de Tiago R. Santos. E no elenco, além dos habituais Soraia Chaves e Ricardo Pereira, conta com os jovens atores Victória Guerra e José Mata. António-Pedro Vasconcelos, nascido em Leiria, em 1939, é um dos nomes do 'cinema novo' português, trabalhando com António Cunha Telles, António Macedo, entre outros, e realizando a sua primeira longa-metragem, *Perdido por Cem*, em 1973. Depois do 25 de Abril, chegou a ser produtor



António-Pedro Vasconcelos 'A paixão exalta e fragiliza as relações'

de Manoel de Oliveira. E é autor de filmes como *Oxalá*, *O Lugar do Morto*, *Aqui d'El Rei*, *Jaime*, *Os Imortais*, *Call Girl*, *A Bela e o Paparazzo* ou *Os Gatos não têm Vertigens*.

**JL: Em *Amor Impossível* fala de um sentimento extremo, mas num sentido totalmente diferente daquele que abordava em *Os Gatos não têm Vertigens*. Que amor é este?**

António-Pedro Vasconcelos: Quando fiz *Os Gatos*... disse que aquele era o meu primeiro filme sobre o amor, mas estava a referir-me ao amor incondicional, no sentido de São Paulo, que nada tem a ver com o amor passional. A

paixão exalta e fragiliza a relação, ao passo que o amor incondicional, como o de um pai por um filho, não exige nada em troca. Interessam-me as variações do amor. Fascina-me o sangue... e o sangue. Ou seja as relações dos laços de sangue, e o sangue que o amor provoca. Neste filme, a Cristina aposta num amor total que não é estimulado por nenhuma contrariedade. E é algo que ela paga caro.

**A contrariedade aqui é o outro, o Tiago, que não está disposto a entregar-se a esse amor total...** Mas a paixão em si não é estimulada pelos obstáculos, ao contrário do que acontece no amor romântico. É o que Cristina defende na sua



**Quando a realidade se impõe aos mitos, às utopias, à esperança, dá-se um período de depressão, como o que estamos a viver**

**Choca-me as pessoas de esquerda que gostam muito do povo, mas têm medo do público**

tese de Literatura Inglesa na universidade. E diz que gostaria de ler uma história de amor entre Romeu e Julieta ou entre o Heathcliff e a Kathy em que estes se pudessem amar livremente e com a mesma intensidade. Ela precisa de acreditar que tal é possível. É um filme romântico, em que há uma vontade de absoluto. E depois um confronto com a realidade...

**O polícia, Marco, também diz a determinada altura que o mundo não é perfeito senão não haveria polícias nem histórias para contar...**

Se fosse possível esse amor que ela idealiza, de facto não haveria história... Sem contrariedades seria um mundo próximo do céu idealizado pelos cristãos. Provavelmente algo muito monótono onde nada se passa. O Baudelaire falava do tédio mortal da imortalidade. Acho muito importante ter a noção clara da história que se está a contar. Enquanto não tenho essa chave não consigo fazer o filme. O Aristóteles que escreveu tudo sobre a ficção diz que uma grande história pode contar-se em cinco ou seis linhas... tudo o resto são peripécias. Mas depois acrescenta que as peripécias são importantes. O herói tem que ser posto à prova. Sempre me fascinou a ideia de que a Arte se alimenta do mal. O crime ou o pecado é o grande fermento da ficção. Aliás o primeiro que entendeu verdadeiramente isso foi o Shakespeare, que fez um catálogo das paixões maléficas. Mas sem o crime, a guerra, a violência, o ciúme, a vingança não havia histórias. É um terrível paradoxo.

**Foi isso que o interessou na história** Sim, o guião foi-me trazido pelo Tiago R. Santos. Interessou-me sobretudo haver duas histórias paralelas a ecoar uma na outra: a dos dois jovens e a dos agentes que estão a investigar o caso. A cena do encontro entre Madalena e Cristina na praia foi essencial para agarrar no filme.

**É baseado em factos verídicos...**

O facto verídico é que houve uma história de amor vivida de forma muito intensa que acabou com ela assassinada com um taco de beisebol. O que indicia morte premeditada. Além disso, ele simulou um crime e ela deixou um diário. Tudo o resto é inventado por mim e pelo Tiago.

**O filme não é sobre a violência conjugal, embora ela esteja lá...**

Não é um filme moralista. Não gosto de filmes militantes nem moralistas, mesmo no plano político. É sobre as contradições da paixão, vivido por uma jovem com uma certa inocência. Aliás há uma conversa entre a Madalena e a Helena, de que gosto muito, em que ela pergunta-lhe se alguma coisa muda com a idade. E a Madalena responde: "Com a idade fazemos menos merda, mas se calhar tam-



bém é por isso que deixamos de arriscar". A Cristina arrisca tudo, é o que a torna sublime, mas o preço é muito elevado.

**Passa também a ideia de que ela está apaixonada pelo próprio conceito de amor, que é algo típico da adolescência...**

Sim, o objetivo é tornar-se nesse amor idealizado. Só que a realidade é feia. A Cristina coloca no quarto uma frase a partir de um poema de Ricardo Reis: "Tudo é tão pouco. E acrescenta. "Sem amor, tudo é tão pouco, tudo é tão feio, tudo é tão curto". Na primeira conversa a mãe diz-lhe que toda a gente quer ser diferente, mas a vida é o que é. Estou convencido de que as pessoas formam o caráter pela maneira como reagem à sua primeira decepção. Uns apostam de novo, outras desistem e abdicam dos sonhos. Ela não se conforma com pouco. Exige muito de si própria. Isso é sublime e trágico.

**Porque a realidade é cruel...**

T. S. Eliot dizia que as pessoas não conseguem suportar demasiada realidade. Quando a realidade se impõe aos mitos, às utopias, à esperança, dá-se um período de depressão, como o que estamos a viver. As pessoas precisam de uma ilusão consistente, de uma mentira razoável.

**Um dos pontos interessantes no filme é que nos convence que estamos perante o ideal romântico de morrer de amor, mas o que acaba por acontecer é o seu oposto, matar de amor...**

A primeira proposta de título para o filme foi *Morrer por Amor*. Opus-me, porque ela não morreu por amor, morreu por amar. Por outro lado, queria ligar isto à tragédia. A tragédia provocada por um mal-entendido. Ela morre porque o miúdo é propenso a um ciúme violento, mas também porque há uma série de coincidências. A Helena sem querer coloca o Tiago na pista do crime.

**Essa propensão para a violência já era visível na cena do concerto, em que o Tiago sai do palco para esmurrar um tipo que está a conversar com a namorada...**

A cena não está lá por acaso. É por isso que dou cada vez mais importância ao *script*. Um bom *script* pode dar um mau filme. Mas um mau *script* não dará de certeza um bom filme. Até a direção dos atores começa na escrita. Em relação ao projeto original, considerei necessário acrescentar qualidades que justificassem o fascínio dela. Então encontramos três coisas: a história do canário; que ele tivesse um dom, no caso, uma banda; e que possuísse alguma fantasia, expressa na história sobre a alcatifa, que fazia parte do romance do Tiago R. Santos e eu pedi que ele incluísse no filme. Era importante que tivesse essas qualidades, ao lado dos defeitos. Porque quanto



**Amor Impossível** Victória Guerra e José Mata (em cima), Ricardo Pereira e Soraia Chaves (em baixo)

mais interessante ele for, mais interessante ela é.

**O filme funciona como um policial atípico que, em vez do 'quem', centra-se no desvendar do 'porquê'?**

Ele quer saber quem matou e pronto. Ela pela sua índole quer saber porquê. O que se passou... Faz a investigação mesmo após a prisão. Isso ajuda-a a perceber-se a ela própria.

**Em Os Gatos também têm Vertigens, apesar de o tema ser a crise, há um tratamento leve, onde se apresentam saídas. Ao invés, Amor Impossível é um dos filmes mais pesados que já fez. Porquê?**

O filme vai mais ao encontro da minha índole, dos meus primeiros trabalhos. Quando era jovem sabia que queria contar histórias. Instintivamente escolhi o cinema em vez da literatura, apesar de gostar mais de livros. Apercebi-me que a literatura é um ato solitário. E essa solidão puxa pelo lado negro. É por isso que muitos grandes escritores acabaram mal. O cinema tem um lado solar: filmamos a própria realidade e criamos com outros. Estou sempre acompanhado. Esse lado depressivo é normalmente travado pelo coletivo.

**É filmado no interior, em Viseu... Porque escolheu esta cidade?**

Tentámos várias cidades, quem nos ofereceu melhores condições foi Viseu. Por coincidência, o caso que inspirou o filme ocorreu ali perto, em Mangualde. Há uma tendência para filmar em Lisboa. Eu sempre que tenho um pretexto gosto de filmar fora. Por exemplo, fiz o *Jaimé* no Porto, porque é no Vale do Ave que há uma maior concentração da exploração do trabalho infantil.

**É bastante invulgar no cinema português trabalhar com argumentistas... Tendo o António-**



**Se o público deixar de gostar dos meus filmes vou fazer outra coisa, não me proclamarei um génio incompreendido**

**Podemos escolher entre ser um país periférico e um país com uma centralidade em relação ao mundo, através da língua portuguesa**

**Pedro o dom da escrita, porque não escreve sozinho os seus próprios argumentos?**

Há duas razões. Precisaria de tirar muito tempo da minha vida para dedicar-me exclusivamente a isto. Só se escreve bem um guião quando se adormece e acorda com as personagens. Não poderia fazer mais nada nesse período. E como o cinema é muito aleatório em Portugal, nunca sei quando posso

filmar, não disponho desse tempo. Mas, mais importante do que isso, é que gosto de trabalhar a dois. Os olhares críticos levam a um bom resultado. Há três fases no argumento. A mais difícil é ter uma boa ideia, um bom conflito. A segunda é a construção das peripécias. A terceira é escrever. Normalmente escrevo o argumentista. Depois corrigimos. *Os Gatos...* teve dez versões. Este foi mais rápido porque havia um argumento original que me foi trazido pelo Tiago. Além do mais ele é de outra geração, o que torna os filmes menos confidenciais. A partir de *O Lugar de Morto* achei que tinha de fazer filmes menos na primeira pessoa.

**E a escolha do elenco?**

Nos meus primeiros filmes era eu próprio que tratava disso, recorrendo muitas vezes a atores não profissionais. Agora há muitas alternativas até porque existem as telenovelas. Enfim, as novelas são a ficção do povos pobres, a resposta latino-americana ao cinema americano, porque todos os países sentem a necessidade consumir ficção na sua língua. Haver muitas novelas em Portugal é sinal de terceiro-mundismo. Apesar disso, as novelas trouxeram atores: alguns não têm a capacidade de ir mais longe, mas permite-lhes ter algum convívio com a câmara e perce-

ber o que é representar. O ator é alguém que tem de mentir com convicção. Além disso tem que ter um olhar e um andar. A partir de determinada altura passei a trabalhar com a minha filha, que fundou uma empresa de casting. Mas quando escrevo não tenho nenhum ator na cabeça.

**Foi difícil escolher os atores para este filme?**

Foi difícil escolher os dois jovens, porque aquilo não podia falhar. O casal de polícias foi mais fácil. O Ricardo [Pereira] é um ator extraordinário. E gosto muito de trabalhar com a Soraia [Chaves], uma atriz de uma inteligência incrível. A mim choca-me que não faça mais filmes. Há o preconceito de que uma mulher bonita não pode ser boa atriz. Mesmo o neorealismo italiano criou um *star system* com atrizes e atores bonitos.

**Como é seu hábito, também contratou um ator chamado António-Pedro Vasconcelos, para um pequeno papel. É uma reminiscência hitchcockiana?**

É mais o Rembrandt, que se pintou em todas as fases da sua vida. Eu gosto de representar. Não sou ator, até porque dou cabo dos enquadramentos por ser demasiado alto. Faço pequenos papéis. Ultimamente fiz de encenador, editor e professor; três coisa que gostaria de ter sido.

**"O CINEMA É UMA ARTE POP" Há anos que mantém uma luta contra a política de apoio ao cinema em Portugal. O que defende?**

O cinema europeu a partir de 1975 perdeu dois terços do público. A determinada altura eu fui convidado pelo então comissário europeu João de Deus Pinheiro para presidir a um grupo de trabalho para analisar o assunto e propor formas de intervenção. Cheguei a algumas conclusões. Primeiro houve uma politização do cinema em meados dos anos 70. Quando morreu o Che e o Mao esses realizadores ficaram órfãos e tornaram o radicalismo revolucionário num radicalismo estético. Só isso explica que os mesmos colegas que se opuseram, em 1974, que Oliveira continuasse a filmar, por o considerarem reacionário, venham dizer quase quatro décadas depois que é um dos maiores realizadores contemporâneos. Falo por exemplo do Alberto Seixas Santos. Esse radicalismo estético matou o cinema europeu.

**E no caso português?**

Em Portugal, esse começo do declínio coincidiu com a Revolução. E nunca houve uma nova política contra o paradigma de Marcelo Caetano: que permitiu fazer cinema através de um imposto sobre as salas de cinema. Só que como era uma ditadura, em vez de impor uma obrigação que as salas e distribuidores reinvestissem em cinema português, exigiu receber

o dinheiro e redistribuí-lo a seu gosto após a leitura dos guiões. Esse é o pecado original do cinema português que se mantém até hoje. As políticas de saúde não são feitas para os médicos, mas sim para os utentes. As políticas de cinema também não deviam ser feitas para os artistas, mas sim para os cidadãos, os utentes da cultura. A frequência de filmes nacionais é 50 vezes inferior à média europeia. Criou-se um sistema de parasitismo que impôs uma determinada ideia de cinema, cujo cancro é a Escola de Cinema de Conservatório, onde são formadas as mentalidades. Na Escola de Cinema define-se que o cinema é aquilo, mas o cinema pode ser tudo aquilo que se quiser. Só nas ditaduras é que há sistemas assim. Era como se o Estado determinasse que este ano quem escreve é a Lídia Jorge e para o próximo o Lobo Antunes.

**A questão é que o cinema é uma arte cara...**

Por isso é que o Estado tem que intervir e investir no cinema. Mas a sua intervenção é abusiva. A filtragem não pode ser feita através de cinco elementos de um júri.

**Mas não defende a necessidade de uma diversidade de propostas?**

Defendo que se mude na lei uma palavra: transformar as taxas [pagas pelos agentes] em obrigações. A chave do cinema são os produtores. As grandes épocas estão ligadas a grandes produtores. Os artistas precisam de dinheiro, mas o nosso papel é fazer com que o dinheiro precise dos artistas. Temos de criar uma cadeia de produtores responsáveis e capazes. O Estado tem de ter um papel de completar e corrigir. O que não pode é ter o papel exclusivo de decidir através de cinco indivíduos quem pode filmar. É criminoso que o António Macedo não filme. Tal como não consigo perceber como se fazem certos filmes, nem como produtores e realizadores não têm de dar conta de resultados artísticos e financeiros. Eu sinto uma responsabilidade enorme pelo dinheiro investido num filme meu. O cinema tem que ter uma relação com a sociedade. Há muitos filmes com um sucesso efémero, mas isso sempre existiu. Mas, como dizia o Marx, a quantidade gera qualidade. E só há dois critérios para definir a qualidade: a universalidade e a perenidade. E ao contrário do que se quer fazer crer, a cinematografia portuguesa não tem qualidade nem prestígio lá fora. Estou convencido que a verdadeira história do cinema português é a dos filmes que não se fizeram.

**Mas acha que no sistema que defende esses filmes seriam feitos?**

Acho que sim, basta olharmos para o cinema americano, o

Chaplin, o Hitchcock, o Nicholas Ray emergiram desse sistema. Não foi o facto da ópera ser uma arte popular que impediu o aparecimento de Verdi. Enquanto este sistema funcionar, os nomes dos jurados deveriam vir no final dos filmes com os seus telemóveis, para que prestassem contas ao público.

**A literatura, por não ser uma arte tão cara, permite que haja uma Margarida Rebelo Pinto e um Herberto Helder. Pergunto-me se nesse seu sistema haveria**

**Mas não tem de haver espaço para um outro tipo de cinema?**

Fala-se de cinema de autor, mas essa é uma expressão inventada pelo François Truffaut, que eu conheci muito bem. O primeiro autor que ele defendeu foi o Hitchcock. As pessoas riam-se, gozavam com ele. O cinema americano que se guiou sempre por uma lógica de mercado tem muitos mais autores do que o cinema europeu.

**O mercado americano é tão grande que há espaço para tudo...**

**De onde vem esse seu profundo sentido cívico?**

Vem do cinema, de ter visto *Peço a Palavra*, de Frank Capra. Eu sou um bom espectador, embarco bem nas histórias. Repito o que disse, há muitos anos, na primeira entrevista que dei: o cinema ensinou-me a viver e foi a vida que me ensinou a fazer cinema. O cinema moldou o meu carácter. O *Peço a Palavra* foi decisivo, identifiquei-me com o James Stewart, um personagem magro, fraco, mas com uma

duas instituições públicas que estabelecem uma relação entre os falantes dos cinco continentes. Envolvi-me na RTP quando o último governo anunciou a sua privatização. Já o tinha feito anos antes quando o Durão Barroso e o Moraes Sarmiento tinham anunciado o mesmo. Consegui dar o meu contributo.

**E agora com a TAP...**

Neste caso dominava pior o dossier, pelo que tentei encontrar alguém que liderasse o processo, mas não consegui. Tive de ser eu. Obviamente tive que estudar a pasta, juntei um pequeno exercício de voluntários. Passa-se que a democracia é muito frágil e muito recente. Tem que ser reforçada pelo escrutínio, quer da opinião pública, quer das entidades reguladoras que em Portugal não funcionam. A sociedade civil não encontrou até hoje formas eficazes de protesto. As petições e as manifestações morrem no dia seguinte. Pelo que achei que seria necessário manter uma guerra continuada que fosse até ao fim. Começou por ser o movimento *Não TAP os olhos*, e acabou por se criar a Associação *Peço a Palavra*, pois era necessário um suporte legal, para interpor ações judiciais. Independentemente da opção ideológica este negócio é ruinoso para o país. Se não for travado rapidamente os danos são irreparáveis.

**Em geral, deposita grandes esperanças neste governo?**

Sim. O António Costa foi taticamente exímio. E a ironia da história é que, provavelmente, se ele tivesse tido maioria absoluta seria um desastre, porque iria ser atacado pela esquerda e pela direita. Assim só é atacado de um dos lados.

**E a Cultura volta a ter um Ministério...**

Esse facto tem a importância do assento no Conselho de Ministros, porque a cultura tem um papel transversal. Havia algumas medidas necessárias, como a reposição da indemnização compensatória na RTP e o apoio direto do Estado ao cinema. Só que custam dinheiro, e o orçamento da Cultura é sempre sacrificado em períodos de crise. Mas a mudança da política não se faz apenas com gastos. Há outras formas. E o João Soares foi a melhor escolha para o cargo.

**E agora? Já sabe o que vai fazer a seguir?**

Andamos a trabalhar em várias opções, para descobrir qual é o projeto mais exequível. Eu quero fazer filmes enquanto o público me quiser. Se o público deixar de gostar vou fazer outra coisa, não proclamarei que sou um génio incompreendido. Mas agora já estou numa idade avançada e sinto alguma urgência. Ainda há filmes que gostaria de fazer. JL



António-Pedro Vasconcelos 'O Ridicalismo estético matou o cinema europeu'

**espaço para o Herberto Helder do cinema?**

Acho que sim. Ele impôs-se na sociedade portuguesa. Mas há que perceber que o cinema é uma arte pop. Se para a música pop o critério fosse o do júri do ICA nunca haveria Sérgio Godinho, Jorge Palma ou Rui Veloso. Haveria todos os anos música contemporânea ao estilo de Jorge Peixinho ou Emmanuel Nunes. É um mito achar que se deixarmos as decisões aos investidores teremos necessariamente porcaria. Isso é pôr em causa a própria democracia, como dizer que se dermos o voto ao povo ele vai enganar-se, pelo que é preferível o voto ficar reservado a um Senado. Chocame as pessoas de esquerda que gostam muito do povo, mas têm medo do público. Eu não tenho medo, apesar de não fazer filmes para o público. Se eu fizer uma comédia e o público não rir, fui eu que falhei. Além de que, não estou seguro que no futuro o Herberto Helder seja mais importante para a poesia do que o Jorge Palma ou o Sérgio Godinho para a música.

Mas isso já foi possível na Europa. Até 1975 tínhamos 65 por cento do mercado europeu, com os Truffauts, Fellinis, Wenders, Bergmans... E o cinema autofinanciava-se e não tinha medo do veredicto do público. Além disso, se publicarmos por 50 as audiências para o cinema português, o financiamento também se multiplica por 50. Mas houve essa passagem do radicalismo político para o radicalismo estético. E julgo que o grande responsável por esta deriva do cinema europeu foi o Godard. Um homem extraordinário que inventou uma maneira de contar histórias, mas que a partir de 1975 radicalizou o seu discurso. Primeiro com o grupo de Ziga Vertov ao serviço da revolução, depois numa espécie de autismo. E arrastou muita gente com ele porque era um tipo fulgurante.

**"PEÇO A PALAVRA" É um homem de causas. Luta por um conceito de serviço público de cinema, mas também contra a privatização da RTP e da TAP.**

grande força interior, e que se bateu até ao fim por uma coisa em que acreditava. Qualquer personalidade que tenha credibilidade pública e notoriedade tem que pagar isso à sociedade. Não posso fechar os olhos àquilo que se passa à minha volta.

**Mas porque se bateu por estas causas em concreto?**

Ter-me-ia envolvido em 'n' causas, sobretudo nestes últimos quatro anos, se tivesse tempo para isso. Envolvi-me apenas em duas, mas com grande empenho: a RTP e a TAP. Podemos escolher entre ser um país periférico e um país com uma centralidade em relação ao mundo, através da língua portuguesa. Como país somos pequenos, pobres e periféricos, mas a nossa língua é falada nos cinco continentes. É um valor inestimável não só do ponto de vista cultural, mas também como alavanca de negócios. A RTP e a TAP são as duas principais armas em prol dessa estratégia, as

# Sérgio Azevedo

## Música com vista para o mundo

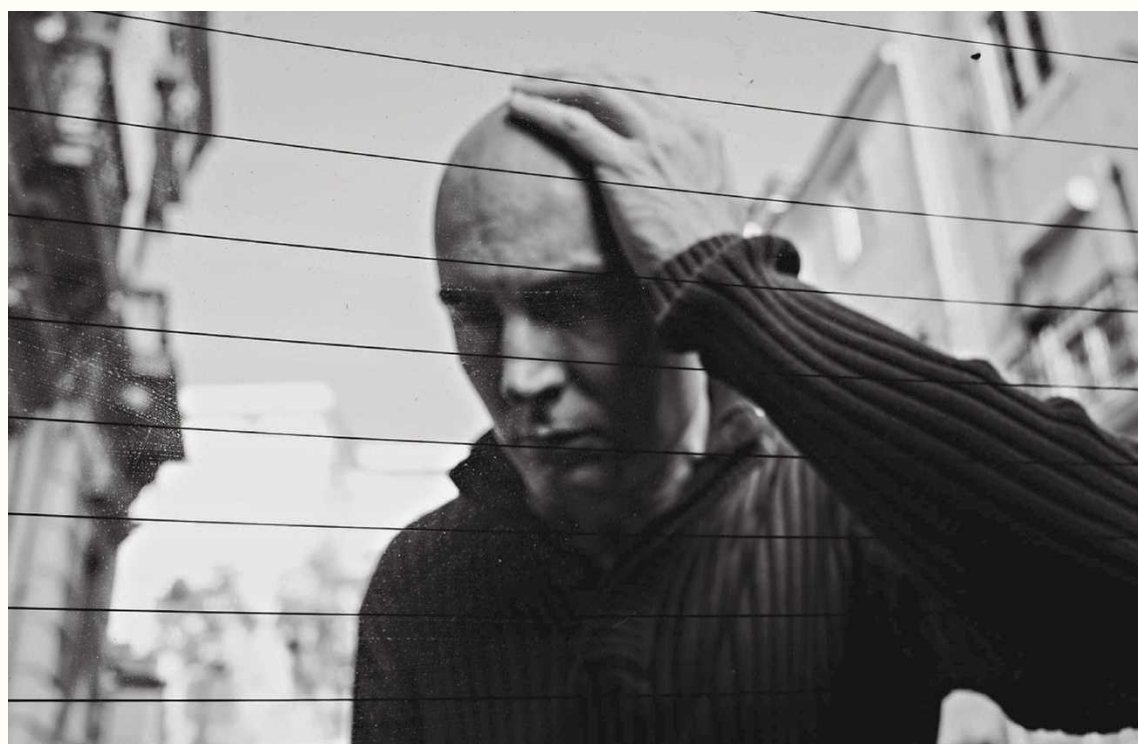
Vão ser lançados três novos CDs com obras suas, e em Guimarães, a 26 de dezembro, são tocadas duas novas obras suas para guitarra. O JL ouviu o compositor, autor já de mais de 150 obras – concertantes, de câmara, solísticas e ópera para crianças

### Manuela Paraíso

Nasceu em Coimbra há 47 anos e é um dos mais prolíficos e tocados compositores portugueses de hoje, com um *corpus* de mais de 150 obras de vários géneros, apresentadas em Portugal e vários outros países. Em final de ano, à espera da estreia de duas peças pelo guitarrista Pedro Rodrigues no Festival Internacional de Guitarra de Guimarães (26 de dezembro, 21h, no Paço dos Duques de Bragança), Sérgio Azevedo aguarda também o lançamento de três novos CDs com obras suas, pelos agrupamentos Ensemble Darcos, Trompas Lusas e Trio Pangea, após a recente publicação de outros tantos discos, sob a chancela do MPMP: “New Harmoniemusik”, pela Camerata de Sopros Silva Dionísio (que inclui a obra *A Britten Celebration*), o do Entre Madeiras Trio (com a peça *Divertimento em Trio*) e o seu primeiro CD monográfico com música orquestral, pela Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras (OCCO) – formação dirigida pelo maestro Nikolay Lalov, com a qual o compositor mantém uma relação próxima desde há quase 17 anos, que tem incluído a estreia de várias peças e a sua inclusão no repertório base da orquestra.

### Jornal de Letras: A cooperação com a OCCO tem sido uma ferramenta importante para o seu trabalho?

**Sérgio Azevedo:** Sim, em primeiro lugar porque é uma orquestra com músicos bem escolhidos, que apresenta muito bem as peças, o que nem sempre acontece com as orquestras de cordas; já tocaram muitas peças minhas, quase todas escritas para eles – incluindo o *Divertimento*, que vão levar à Alemanha no início de 2016. É evidente que vou aprendendo com isso. Enquanto compositor, pode-se aprender com professores, com partituras de outros compositores, mas também se aprende ao ter músicos à disposição para ensaiar e rever as coisas, como Haydn tinha, e que ao longo dos anos já tocaram dez ou quinze peças minhas, com muitas estreias e largas dezenas de concertos. Isso é muito importante, porque um dos problemas da música contemporânea é as obras serem estreadas e depois nunca mais serem



Sérgio Azevedo "Não conheço nenhuma arte que tenha melhorado por estar isolada no mundo e dos outros"

tocadas – e não há razão para isso, principalmente quando elas agradam ao público e aos intérpretes. A OCCO cria de facto repertório, não só comigo mas com outros compositores portugueses. Costumam tocar Joly Braga Santos e Daniel Davis, jovem compositor residente na orquestra na temporada passada.

### As peças deste CD representam uma parte específica do seu trabalho como compositor, a qual reflete o passado e a tradição popular...

Sim, são peças mais tonais, mais acessíveis, não tenho nenhum problema com isso. Sem fazer comparações, Mozart, sendo um génio – que eu não sou –, não tinha problemas em escrever sinfonias destinadas a um público mais erudito e conhecedor, mas também serenatas que eram tocadas num contexto mais popular e mundano. E não deixam de ser boa música. Sinto-me uma espécie de *kapellmeister*, no melhor sentido do termo: preciso de me exprimir através da música, mas nunca quero esquecer um lado afetivo no dia-a-dia da composição musical. Estas peças têm todas esse lado, foram escritas para pessoas que conheço desde há muitos anos, com quem me dou muito bem, para quem

gosto de trabalhar e que gostam de tocar a minha música. Poderiam ser peças mais vanguardistas, mais importantes, como algumas que escrevi? Depende do que me apetece escrever e temos de pensar que a OCCO toca num contexto que não é especializado, não lhe é possível fazer muitos ensaios para certo tipo de peças, pelo que nesse contexto prefiro escrever música um pouco mais acessível.

### Pensando também no público?

O público é uma entidade abstrata e capaz de surpreender. Aconteceu-me, por exemplo, com o *Concerto para Piano*, que me foi encomendado para os Dias da Música, com o pedido expresso de que fosse uma peça popular; cumpri esse pedido nos andamentos extremos, enquanto no do meio sou um pouco mais modernista, chamemos-lhe assim, mas curiosamente a maior parte do público gostou mais desse andamento central. Nunca sabemos o que é o público. Prefiro escrever para mim.

### Enquanto compositor capaz de assumir diversas estéticas, como entende o ato de compor no século XXI?



### Componho o que quero para criar um efeito emocional – porque acredito que a música, antes de mais, é emocional, mesmo que construída cerebralmente

É uma pergunta complexa. O caminho puro, da não influência, é uma das ideias mais radicais dos anos 50 e 60 do século passado, porque isso nunca existiu na história da música. Seja qual for o estilo, estética ou corrente, não há compositor que não seja um poço de influências. Bach, Mozart, Stravinsky, todos absorveram muitas. Não conheço estilos não ecléticos, nesse sentido. Com o dodecafonismo serial é que se criou a ideia de que só podia haver um caminho, que não seria influenciado por nada. Uma espécie de pureza genocida (*riso*). Desconfio sempre desses ideais utópicos, de pureza.

Penso que a miscigenação é ótima para a arte e até agora as culturas ganharam com os movimentos migratórios. O mundo deve ser um espaço aberto, não conheço nenhuma arte que tenha melhorado por estar isolada no mundo e dos outros. Hoje estamos num caminho de liberdade, o compositor pode usar qualquer material sem que o acusem de ser impuro ou traidor.

### Sente-se livre?

Sim, componho o que quero para criar um efeito emocional – porque acredito que a música, antes de mais, é emocional, mesmo que construída cerebralmente. Nenhuma destas peças poderia ter sido escrita por outro compositor, embora haja influências – mas todos as têm, até Boulez, em cuja música encontramos Messiaen, o gamelão javanês, Debussy, filtrados pela personalidade dele. Seja em músicas mais acessíveis, seja nas mais complexas, penso que sou sempre eu, embora com uma abordagem um pouco diferente. Gostava de pensar que quem conhecer as peças vai encontrar elementos que são meus.

### E é um desafio criar uma obra que inclua referências perceptíveis mas não citações?

Eu não uso a citação como habitualmente foi usada no século XX, um bocadinho de outra música que aparece no meio da peça. É raro fazer isso, não gosto dessa técnica, porque tem um efeito irónico, cómico ou superficial. As minhas peças que incluem citações fazem delas pontos de partida para uma outra música. Seja no 2º Trio para clarinete, violoncelo e piano, seja no *Hukvalky Trio* ou no quarteto com piano *In the mist*, que foram gravados para edição em CD, o material de outros compositores (neste caso, Janáček e Brahms) é ponto de partida como se fosse um tema para variações, mas que utilizo como um material orgânico que vai descendo e multiplicando à medida que a música progride.

### A guitarra, para que escreveu uma das obras deste CD e as duas peças em estreia no dia 26, em Guimarães, está inscrita no seu código genético. Foi guitarrista, o seu pai, Octávio Sérgio, é guitarrista...

A minha história com a guitarra é de amor-ódio. Toquei até aos 18 e, depois de ter atingido um certo nível de virtuosismo fartei-me e decidi dedicar-me à composição. Inicialmente quis compor para o instrumento, mas saíam muitos clichés ligados à guitarra espanhola ou brasileira, pelo que durante muito tempo não quis escrever para guitarra. Agora que já não toco, mais de 25 anos decorridos, recomecei a interessar-me, com intérpretes como o Júlio Guerreiro e o Pedro Rodrigues, e as ideias saem afastadas dos clichés. Já escrevi quatro sonatas, duas sonatinas, várias peças avulso, culminando no *Concertino para guitarra*, que está no CD, e num ciclo para voz e guitarra, sobre a I Guerra Mundial,

que foi estreado este ano. Há um projeto para escrever um concerto para duas guitarras, para o Pedro Rodrigues e outro intérprete, que deverá ser estreado na próxima temporada, tal como um concerto para flauta, que vou escrever para o Nuno Inácio com a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

**Entretanto, o Pedro Rodrigues vai estrear agora duas obras suas.**

Sim, a sonata nº 4, uma obra grande, e a Sonatina nº 2, encomendadas pelo Festival de Guitarra de Guimarães. Conheci o Pedro no ano passado, quando integramos o júri do Prémio Lopes-Graça, e ele mostrou-se interessado em tocar uma peça minha, tendo proposto à direção do festival que me fizesse esta encomenda. As peças vão ser tocadas junto com uma do Lopes-Graça, a *Partita*, que é uma das obras-primas do século XX e que merece ser mais divulgada, sobretudo no estrangeiro, e uma Suite de Bach. Fico muito contente, até porque fui aluno do Graça. É um confronto de peso!

**Para o próximo ano estão previstas também outras estreias, como a de uma peça encomendada pela Companhia Nacional de Bailado.**

Sim, trata-se duma encomenda a dez compositores, para uma extensão de *O Carnaval dos Animais*. São peças pequenas, de 4 ou 5 minutos, para a mesma geometria da obra do Saint-Saëns ampliada com alguns instrumentos. A cada compositor foi atribuído um animal mitológico e a mim calhou o dinossauro! A estreia será no Carnaval, por elementos da Orquestra Sinfónica Portuguesa dirigidos por Cesário Costa. Vai haver sete ou oito apresentações em vários locais. É um projeto interessante, com obras do António Pinho Vargas, do Luís Tinoco, do Carlos Marecos, do Carlos Caires, do Nuno Côrte-Real, do Eurico Carrapatoso... não me lembro de todos. São tão diferentes que vai ser curioso ouvir o resultado. Vai ser um carnaval! (riso)

**Que outros projetos haverá em 2016?**

Mais uma encomenda, que vai ser gravada para CD para o Quarteto de Guitarras de Paris, com quatro solistas do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. A música é sobre textos relacionados com a emigração, o exílio, a relação com o exterior. Escolhi um poema da Natália Correia, “Nuvens correndo num rio”. No final do ano vão ser estreadas as *Variações Concertantes Sobre um Tema Açoriano*, uma obra virtuosística para piano e orquestra, que vai ser tocada pela minha mulher, a pianista Diana Botelho Vieira, com a OCCO. Antes disso, a Diana irá estrear a *Sonata para oboé e piano*, com o oboísta Joel Vaz, e a *Sonata para violoncelo e piano*, com a violoncelista Carolina Matos. Vai ser estreado também o Quinteto com Clarinete, pelo António Saiote e o Quarteto de Cordas de Matosinhos. JL

# Maria do Céu Guerra Portugal pela Claraboia



Maria do Céu Guerra "Um ciclo José Saramago, que se prolonga pelo primeiro semestre do próximo ano"

Um ‘fresco’ de Portugal nos anos 50, visto através de Claraboia, o romance de José Saramago no palco de A Barraca estreia amanhã, quinta-feira, 10, no Cinearte, em Lisboa. Um espetáculo encenado por Maria do Céu Guerra, que abre um ciclo que a companhia vai dedicar ao Nobel da Literatura

## Maria Leonor Nunes

❗ O teatro em tempos de “austeritarismo” encolheu os atos e os “sonhos”. A Barraca quase acabou, com os cortes e os 40 mil euros de subsídio anual a que viu reduzida a existência. Farta de tanto aperto e minguia, Maria do Céu Guerra não quer poupar mais na “ousadia” de “fazer um espetáculo em grande”. Sentiu essa ânsia crescer página a página, capítulo a capítulo do livro de José Saramago que agora arrisca levar à cena: *Claraboia*, o romance póstumo do escritor, embora tivesse sido escrito em 1953. E atreveu-se a encená-lo, mesmo tendo que poupar em tudo menos em esforços e imaginação. Essa nunca é “pobrezinha”, como garante a atriz e encenadora.

No palco, um prédio com seis casas dentro, um “mosaico” de quotidianos familiares, nos anos pardacentos do fascismo, e subterrâneo o conflito, as pulsões da condição humana. São 16 atores para dar corpo à narrativa de Saramago tornada diálogo, com a adaptação de João Paulo Guerra. Para a reconstituição desse tem-

po, o cenário criado por Costa Reis. Um espetáculo para ‘virar a página’ da austeridade. “Um pontapé na sorte”, diz Maria do Céu Guerra, consciente do risco da aposta. E sabe-se que a sorte protege os audazes.

**Jornal de Letras: Que possibilidades teatrais descobriu neste romance de Saramago?**

Maria do Céu Guerra: Foi Pilar del Río quem me ofereceu *Claraboia*, que sabia que tinha tido uma história editorial complicada. Quando o comeci a ler fiquei logo interessada no retrato que José Saramago faz das casas, das famílias, da vida naqueles anos pesados, mesquinhos, do Estado Novo.

**Um retrato quotidiano do fascismo?**

E sem nunca falar de repressão, de polícia ou mesmo aparentemente de política, a não ser pela boca de uma personagem, assumidamente oposicionista. Saramago consegue dar uma narração do fascismo branco. Isso entusiasrou-me e comeci a imaginar como seria possível pôr um prédio em cena, com

seis famílias em simultâneo. A partir do meio, o livro começou a desafiar-me para o palco. E cada vez me apaixonava mais pela própria dificuldade desse exercício.

**Que aguçou o engenho?**

Estes anos de *austeritarismo*, como lhe chamo, dificultaram tanto a vida d’A Barraca que andamos a fazer reposições, um *Tartufo* muito austero, sempre a contar os tostões. Há dois anos estivemos mesmo para acabar. Só não aconteceu porque tivemos sempre a solidariedade do nosso público e houve uma petição entregue e aprovada na Assembleia da República reconhecendo o nosso trabalho, o que não nos trouxe mais dinheiro mas nos deu ânimo. Pensei muitas vezes que não me apetecia fazer mais nada, continuar a pensar só em coisas baratinhas, pequeninas. E sei que o público também gosta de qualquer coisa de espetáculo, o que é caro. *Claraboia* fez-me sentir vontade de correr esse risco.

**É uma grande produção, com 17 personagens. Como foi possível?**

A Pilar del Río ajudou-nos, não economicamente mas a abrir alguns caminhos, a chegar por exemplo ao Fundo de Fomento Cultural e a entreabrir algumas portas. Claro que foi uma dívida enorme que A Barraca contraiu e que só será capaz de pagar se o público vier ver a peça.

**Uma ‘ousadia’ nos tempos que correm?**

Foi um rasgo e avancei, apesar desses perigos. E teve o condão de me entusiasmar e apaixonar de novo. E sair da mediania. Já tenho esta idade e ainda muitos sonhos que quero realizar. A ousadia muitas vezes ajuda a dar um salto em frente. E é preciso.

**Além das questões orçamentais, encenar *Claraboia* foi um quebra-cabeças?**

Se foi. São muitas famílias, personagens, cenas, feitas ao mesmo tempo... E que têm que o ser em estilos diversos, porque são mesmo diferentes. Cada casa é uma casa, com o seu *décor*, as suas formas de relacionamento, pessoas que se cruzam nas escadas, que se veem e ouvem, uma que transporta o desgosto de ter perdido uma filha, duas irmãs com o amor pela música e pela

rádio, um linotipista do *Diário de Notícias* sórdido, uma rapariga por conta e o seu protetor, um casal infeliz, com uma galega nostálgica e muito divertida... Foi obra não os deixar contagiar pelos ritmos uns dos outros.

**E a narrativa de Saramago não levantou problemas especiais na transposição para o palco?**

Não. É um romance com um fio ficcional ténue, a história surge naquele painel de vidas remediadas. No teatro, esse fresco é dado, mas o conflito vai-se insinuando como um réptil, através da calúnia, da mentira, dos defeitos dominantes daquele tempo, talvez de todos os tempos. Tudo o que vemos naquele prédio se calhar não está tão longe de nós.

**É isso que procura sublinhar a sua encenação?**

Interessou-me trabalhar precisamente esse lado dos conflitos das famílias, as histórias silenciosas das casas, aquilo que acontece portas adentro. Por isso, fazemos uma espécie de corte naquela casa maravilhosa, criada pelo Costa Reis, inspirado na casa onde nasceu, e convocamos os espetadores a serem *voyeurs* desses universos fechados. Gostei muito de fazer esta dramaturgia. Aliás, agrada-me muito a passagem da escrita narrativa para a dramática.

**Porquê?**

Já adaptámos muitos romances e seduz-me esse exercício de tornar as descrições didascálias, o narrativo ativo. E desta vez, sem recorrer a narrador, o que acontecia numa outra adaptação, *A Balada do Café Triste*, de Carson McCullers, uma peça de que gostei muito. E sem ninguém a narrar é mais difícil. São seis casas ativas na frente do público, como a espreitar pela claraboia, o verdadeiro olho de Deus, para o interior daquelas vidas. E vão ajudar-nos as roupas, os hábitos, o que se comia, como se vivia.

**Fizeram uma verdadeira ‘reconstituição’?**

Sim. E foi muito divertido recuar no tempo. E tenho a aspiração de que o público faça essa viagem conosco. Estamos muito contentes com o espetáculo. Por outro lado, o Helder [Costa] há muito queria encenar *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e decidimos fazer um ciclo José Saramago, que se prolonga pelo primeiro semestre do próximo ano.

**Haverá mais textos de Saramago?**

*O Conto da Ilha Desconhecida*, que vamos fazer em reposição. E gostaria muito que *Claraboia* ainda estivesse em cena quando A Barraca fizer 40 anos, a 4 de março. JL

TEATRO

Helena Simões

# Tragédia Íntima

Porque razão temos de assistir à vida dos outros em direto? Porque nos tornamos presos de uma visibilidade que queima o nosso olhar? Porque se “postam” os gestos mais ínfimos do quotidiano pessoal? Porque nos tornamos *voyeurs* de nós mesmos? Há uma suspeita de que a verdadeira vida poderá estar soterrada, debaixo de muitas camadas que nos cobrem e que devemos retirar? Elmano Sancho, o ator que nos últimos anos nos deslumbrou em Herodíades e com o premiado MisterMan, volta à função de encenador, mas mantém a de ator, para refletir sobre uma certa pornografia que se instalou nas nossas sociedades contemporâneas ocidentais, ampliada pelas redes sociais, *reality-shows* e jornalismo sensacionalistas. A residir em Nova Iorque em julho de 2014, assistiu em direto pela televisão à imobilização e perda de consciência (que levaria à morte) do cidadão americano Eric Garner. A verbalização do apelo de

socorro de Garner, “*I cant breathe*”, não escutado pelos polícia que o prendiam, deu origem ao movimento com o mesmo nome, mas que produziu em Elmano a sensação literal de asfixia. Asfixiado pela quantidade excessiva de imagens, obscenas por despidas de qualquer filtro, apresentadas na sua nudez, que não escolhem tempo ou lugar, mas surgem e invadem os nossos espaços e as nossas mentes a ganhar os *prime-time* de antena.

Com o espetáculo que agora apresenta nos Artistas Unidos, Elmano Sancho traz para o palco a metáfora “verdadeira” dessa violência, recriando um estúdio de cinema pornográfico e escolhendo para contracenar com o verdadeiro ator Elmano Sancho, uma verdadeira ex-atriz de cinema pornográfico, Ana Monte Real, aliás a primeira portuguesa a ter essa ocupação. A escolha foi, de resto, deliberada e acertada, resultou de um verdadeiro *casting*.

A proposta, ousada e corajosa, corresponde a um experimento-limite, levado a cabo com absoluta necessidade e até urgência de alcançar alguma clareza sobre os efeitos dessa sobre-exposição e esbater dúvidas e incertezas sobre o estado em que estamos e o rumo que levamos. Como sobreviver ao despojamento permanente da interioridade e aos ataques constantes à parte da vida que quer e precisa de ser invisível. Pode-se existir sem vida invisível?

A consistência da conceção deste projeto criou um espetáculo de facto violento, mas marcado por delicadeza extrema no tratamento do tema a expor poeticamente a nossa vulnerabilidade face à sordidez com que somos confrontados. Desde logo pela escrita de um texto diálogo ou interrogatório que surge do desespero face a uma situação asfíxia. A arquitetura das perguntas e respostas na sua concretização em cena acabam num quase monólogo a duas vozes em que a *stripper* se constitui em espelho como o *alter ego* do ator, a personificação da exposição, a única que sem proteção poderá, no limite, fornecer uma resposta material à questão de como sobreviver aos olhares críticos e reprovadores, ao tabu, ao cliché e igualmente à própria mitologia da mulher objeto físico sem existência espiritual.

E é exatamente aí também que a aposta é ganha e ficamos sem pé face à não representação das per-



I Can't Breathe Com interpretações de Ana Monte Real e Elmano Sancho

sonagens, a resistir a todas as definições, à verdadeira exposição que ambos os intérpretes de si próprios aceitam partilhar com o público colocado no mesmo espaço aberto a todos os olhares. Na sala de exposições, Elmano organiza as ações e marcações ao pormenor com total domínio sobre o espetáculo, segue uma dramaturgia irrepreensível de espaço cénico e de iluminação, a criar as condições plásticas perfeitas e de distância exata para o olhar dos que assistem a este ritual de intimidade trágica, obsessivamente registado pela câmara que persegue o seu objeto.

Um belo espetáculo de alguém que sabe e que pelo teatro avalia a medida da nossa humanidade. ■■

> I CAN'T BREATHE

Autoria Elmano Sancho, Apoio à Dramaturgia Rui Catalão, Desenho de Luz Alexandre Coelho, Assistente de encenação Joana Barros, Vídeo João Leitão, Interpretação Ana Monte Real e Elmano Sancho. Coprodução Culturproject/Artistas Unidos/Festival Temps d'Images. Apoio à Criação - Fundação Calouste Gulbenkian - Programa de Língua e Cultura Portuguesas, apoio Fundação GDA, apoio à residência artística O Espaço do Tempo apoiado pela DGArtes. M18

Teatro da Politécnica, terça e quarta às 21h, de quinta a sábado às 19h. Até 12 de dezembro.

## Programa Gulbenkian em Estudos Portugueses Universidade de Berkeley, Califórnia



Está aberto o concurso para o Programa Gulbenkian em Estudos Portugueses na Universidade de Berkeley, destinado a professores assistentes associados ou catedráticos, de qualquer universidade portuguesa, especialistas em língua, literatura, história e cultura portuguesas.

O candidato selecionado receberá uma bolsa da Fundação Gulbenkian e lecionará durante um semestre como professor visitante na Universidade de Berkeley.

As candidaturas devem ser enviadas até às oohoo (hora da Califórnia) do dia 31 de janeiro de 2016 para:

Dra. Deolinda Adão  
Executive Director do Programa de Estudos Portugueses  
deoadao@berkeley.edu

Consulte o regulamento em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Avenida de Berna, 45 A  
1067-001 Lisboa

## OLHARES

Rocha de Sousa

# Ana Lima-Netto Do banal ao sublime

Talvez esta expressão, relacionada com os conteúdos plásticos propostos por Ana Lima, pareça redutora, como que ligada a certas convenções dos anos 70. Mas não é bem disso que se trata: as soluções geométricas e minimalistas da maior parte das peças apresentadas são, em certa medida, contrariadas pela natureza dos materiais empregues nas calotes alinhadas aqui e além, algo que se torna enganador para o olhar e compromete o resultado da perceção. Uma linha feita de uma espécie de corda enrola-se em direção ao centro do suporte, antracite, verdadeira ou virtual, e nada mais acontece além disso. O que torna o objeto, no limite da

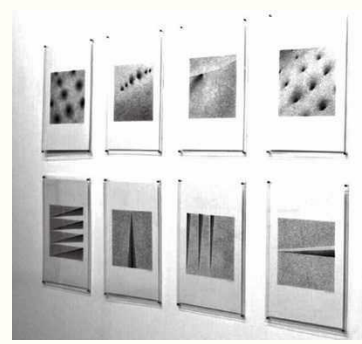
surpresa, dono de si próprio, de súbito e ao mesmo tempo — vulgar e raro. Ora é nesta perspetiva que a exposição de Ana Lima-Netto parece desconcertar a apreensão súbita, o que *desacontece* em alguns instantes porque a soma dos vários indicativos que nos mobilizam enquanto observadores logo nos avisam de outras proximidades estranhas, semelhantes na diferença.

**O VALOR DA PARCIMÓNIA**  
De facto, a autora dispensa os materiais raros e valiosos: a partir de produtos em geral pouco valorizados, como esfregões de cozinha e cola de obra, a sua ironia acaba por surpreender os olhares



Pinturas de Ana Lima-Netto Soluções geométricas e minimalistas

visitantes, alcançando uma espécie de arrojo e de valor intrínseco em peças artísticas, inovadoras por dentro, evanescentes e precisas no espaço singular do seu experimentalismo. Este modo de formar, ainda que nos recorde uma vanguarda cujo caminho já vem de longe, tem o mérito de relacionar a linha contínua com a simetria e regularidade de outras proposições. Protuberâncias meio esféricas, azuladas,



mapeiam um quadrado em alinhamentos contínuos, estreitando-se para o centro do quadrado diretor, um buraco negro ao centro, quadrado

sombrio onde tudo acaba e recomeça. Qualquer dureza escapa ao olhar, no qual se resolve o visível em jeito de tapeçaria geométrica e de ponto bem espesso.

Assim mesmo, certa mudança pode surgir aqui e além, viragem do material de fundo, de súbito algo tão evidente como o alumínio ou o plexiglass — sinais de compressão em descida, como aqueles tiros que atingem uma superfície plana e formam covas rudes em cascata, desfazendo-se em novo vazio. Em certo sentido, o material atingido inova-se e ganha novas hipóteses identitárias.

Ora isso também se pode concentrar numa ideia bem atual como as redes amarrotadas, vedações de nunca mais, lembrando ainda o vento nos panos soltos ou o choque de coisas pesadas na malha em módulo quadrangular. Outra vez, a seguir. De novo, mais à frente. Não importa as produções ornamentais que resistiram aos interiores festivos. Tudo aqui é simples, direto e silencioso. JL

Exposição de Ana Lima-Netto, Galeria António Prates, Lisboa, até 19 de dezembro. Horário: das 10 às 19h. Encerra ao domingo

## CINEMA

Manuel Halpern

# Juventude, de Paolo Sorrentino O tempo dos mais velhos

O título é irónico, o filme é mais sobre a velhice do que sobre a juventude. Claro que as perspetivas facilmente se invertem: enquanto a juventude é uma permanente expectativa no futuro, a velhice é um sistemático recordar do passado. Numa das mais fortes parábolas do filme, a velhice é representada pelas imagens diminuídas e difusas que aparecem quando se espreguiça do lado errado dos binóculos. Enquanto a juventude, claro está, são os binóculos do lado certo, a ampliação daquilo que está distante, tão longe tão perto. *Juventude* é o sexto filme do italiano Paolo Sorrentino do italiano Paolo Sorrentino a chegar a Cannes. Também é o sucessor do aclamado *A Grande Beleza*, e tal como *Este é o Meu Lugar* (em que

Sean Penn faz de Robert Smith dos Cure) é totalmente falado em inglês. Há uma declarada tentativa de entrada no universo anglo-saxónico embora o filme não tenha propriamente os ingredientes hollywoodescos de quem possa irromper no *mainstream*. Contudo, tal como acontecia em *A Grande Beleza*, há no cinema de Paolo Sorrentino uma certa megalomania, que facilmente se pode confundir com petulância.

O filme tem o mérito de juntar dois 'senadores' do cinema mundial, numa idade já improvável. Temos lado a lado o britânico Michael Caine e o norte-americano Harvey Keitel. Um faz de compositor aposentado que recusa um convite da rainha de Inglaterra



Juventude A primazia da estética em Sorrentino

para dirigir um concerto pelo aniversário do príncipe Filipe. O outro de realizador decadente a preparar o seu filme testamentário.

A ação decorre numa estância luxuosa dos Alpes Suíços reservada a artistas e afins — a condição de artista é um dos temas prediletos de Sorrentino —, mas é mais do que isso. O realizador cria uma espécie de limbo idílico, num meio caminho entre o céu e

aterra. Um espaço afastado da realidade do mundo, onde homens e mulheres de diversos talentos convivem e refletem sobre a vida e sobre si próprios antes de estarem prontos para seguir para o próximo estádio. Um retiro monástico de normas invertidas. Assim, ali tanto encontramos um realizador de cinema incompreendido, como a Miss Universo, ex-jogador de futebol que, apesar de nunca ser dito

o seu nome, facilmente podemos identificá-lo como Diego Armando Maradona. Este Maradona, abafado e asmático, é mostrado num campo de ténis a pontapear sucessivamente a bola amarela em direção ao céu, como se quisesse lá chegar.

Faz parte do ambiente felliniano, em que a realidade é substituída por uma forte ideia de magia, de mundo dentro do mundo, sem que tal impeça que se reflita sobre as grandes questões da vida. Tal é ainda reforçado pela primazia do estilo, que em Sorrentino é quase tudo. A estética predomina. A maior preocupação de Sorrentino é, aparentemente, a criação de planos deslumbrantes, com um cuidado fotográfico extremo, mesmo que tal implique uma certa artificialidade. E, entretanto, fala da vida e da morte, da juventude e da velhice, questiona a arte e faz-nos conviver com os artistas. Sorrentino tem o mérito de apurar um estilo que se situa algures entre o deslumbramento e o pedantismo. JL

### > JUVENTUDE

de Paolo Sorrentino, com Michael Caine, Harvey Keitel, Rachel Weisz, Jane Fonda, Paul Dano, 118 min

CLÁSSICA

## O tenor



« Dizem-no “o maior tenor vivo”, elogiam-lhe a extensão de voz, a versatilidade, o instinto de ator. Jonas Kaufmann

soma perto de 20 anos de carreira, uma boa parte deles com lugar entre os grandes intérpretes, mais recentemente, até, com o estatuto de “superstar”. O epíteto, porém, não ilude aquilo de que é capaz: o desempenho em papéis tão distintos entre si, seja nas personagens de Verdi ou no universo de Wagner, seja em Mozart ou na canção de câmara, nos “lieder” de Schubert ou de Richard Strauss. Em Portugal, nos últimos anos, pôde ser visto nas transmissões do “Met”, na Fundação Calouste Gulbenkian, em “Parsifal” e “A Valquíria”, também em “Werther” e “Faust” (e, em princípio, sê-lo-á de novo em março, em “Manon Lescaut”, de Puccini). Cantou no Teatro de São Carlos, mas só para as filmagens de “Variações de Casanova”. No último verão, lançou um novo álbum dedicado a Puccini, “Nessun Dorma”, com a orquestra e o coro da Accademia Nazionale di Santa Cecilia, o maestro Antonio Pappano e árias de “Turandot”, “La Bohème”, “Manon Lescaut”, “Tosca”, “Madama Butterfly”, “Il Tabarro”, “Gianni Schicchi”, “La Fanciulla del West”, “Le Villi and Edgar”. O novo CD traz o “selo” Sony. A Decca, anterior editora do tenor alemão, reuniu entretanto, numa só caixa, seis DVD de quatro dos seus maiores sucessos em palco: “Faust”, de Gounod, como subiu ao palco da Metropolitan Opera, em Nova Iorque, em 2011 (e chegou em transmissão direta ao Grande Auditório Gulbenkian); “Werther”, de Massenet, por Benoit Jacquot, para a Ópera de Paris, em 2010; e duas produções de 2009/2010 da Ópera de Zurique – “Tosca”, com direção de Paolo Carignani e encenação de Robert Carsen, e “Carmen”, de Bizet, segundo Franz Welser-Möst e Matthias Hartmann. A revista britânica Gramophone escreveu um dia que Kaufmann vai além de qualquer classificação: “Não pode ser colocado numa ‘caixa’, porque não há caixa suficientemente grande” para o seu talento. É mais ou menos isso.

> Jonas Kaufmann

NESSUN DORMA CD SONY

Tosca/Carmen/Faust/Werther 6DVD Decca

## Abbado, ainda e sempre

« Após a edição dos derradeiros concertos de Claudio Abbado, no Festival de Lucerna, em 2013, a recuperação da sua discografia não tem parado, permitindo o reencontro com um dos mais determinantes acervos da música orquestral dos últimos 50 anos.

Desta vez são as obras sinfónicas

## Um Mundo Sempre Pop

« “Prima Donna”, a ópera de Rufus Wainwright, passou pelo grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, numa versão híbrida, entre o filme/instalação de Francesco Vezzoli, com Cindy Sherman, e a Orquestra Gulbenkian, sob a direção da maestrina Joana Carneiro.

Em disco e no palco, a ópera do criador de “Cigarettes and chocolate milk” conta um dia na vida de uma antiga “diva” do canto lírico – Régine Saint-Laurent, personagem que o autor diz ser inspirada em Maria Callas –, que prepara o regresso aos palcos, no 14 de julho de 1970, em Paris, na vã expectativa de retomar a glória, quando tudo é esquecimento e se combina para o insucesso.

Rufus Wainwright compôs a música e escreveu o libreto, em francês, com Bernadette Colomine. O projeto teve origem num desafio lançado pela Metropolitan Opera de Nova Iorque, há quase uma década, e a estreia ocorreu em Manchester, no Reino Unido, em 2009, depois de a instituição norte-americana

afastar “Prima Donna” do seu repertório.

Desde a estreia, “Prima Donna” surgiu em palco em Londres, Toronto e Nova Iorque (mas em Brooklyn, com a New York City Opera), depois de revista a encenação inicial. Este ano, ganhou o filme/instalação de Vezzoli (que a Gulbenkian também patrocinou).

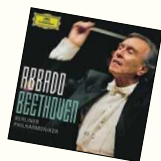
Através dos materiais que acompanham a edição em disco, percebe-se que não é apenas nas fotografias que o músico apela à “indumentária” de Verdi e de Puccini. Também



> Rufus Wainwright – Prima Donna

2CD DEUTSCHE GRAMMOPHON

Maria Augusta Gonçalves



de Haydn, Beethoven, Schubert e Mendelssohn, em quatro volumes autónomos, com um total de 27 CD, que têm origem na

monumental “Symphony Edition” de 2014, que englobava igualmente Mozart, Bruckner, Brahms e Mahler. De Beethoven, com a Filarmónica de Berlim, vêm as Sinfonias, os Concertos para piano (o extraordinário encontro com Maurizio Pollini), a música de cena para a tragédia de Goethe, “Egmont”, “A consagração da casa”, diferentes versões de aberturas de “Leonore” e “Fidelio”. O triplo concerto, com Alexander Lonquich, Ilya Gringolts, Mario Brunello e a Simón Bolívar Orquestra da Venezuela, completa a série dedicada ao compositor alemão (10CD).

De Schubert, com a Orquestra de Câmara da Europa, somam-se as Sinfonias, a música de cena para “Rosamunde”, as Missas n.ºs 6 e 2, e os “Lieder” com orquestra (8CD). As sopranos Barbara Bonney, Karita Mattila, a meio soprano Anne-Sophie von Otter e o baixo-barítono Thomas Quasthoff são outros grandes intérpretes aqui reunidos. Também com a Orquestra de Câmara da Europa vêm as memoráveis gravações das “Sinfonias de Londres”, de Joseph Haydn (4CD).

A derradeira caixa, com a Sinfónica de Londres, congrega as cinco

grandes Sinfonias de Felix Mendelssohn, as aberturas – “Sonho de uma noite de verão”, “As Hébridias”, “Mar calmo e feliz viagem”, “A bela Melusina”, “Ruy Blas” – a versão orquestral do estonteante Scherzo, do Octeto, e o Concerto para violino, com Shlomo Mintz, como solista, e, neste caso, a Sinfónica de Chicago.

A reedição das Sinfonias surge depois da caixa dedicada às gravações conjuntas do maestro com a pianista Martha Argerich, numa cumplicidade que remonta a 1967 e atravessa todo o seu percurso, lançada no início do ano, e do lançamento da derradeira direção de Abbado, em Lucerna: a 9.ª Sinfonia de Bruckner, com a orquestra do festival suíço.

> SINFONIAS BEETHOVEN/HAYDN/MENDELSSOHN/SCHUBERT,

27CD Deutsche Grammophon

## Sibelius 150

« Os 150 anos do nascimento de Jean Sibelius estão na base de novas recolhas da sua obra, ora resgatando interpretações de referência dos anos de 1950/60, como as do maestro Anthony Collins, com a Orquestra Sinfónica de Londres, e de Lorin Maazel, com a Filarmónica de Viena (Decca), centradas em particular nas sete Sinfonias e nas mais conhecidas suites ou poemas sinfónicos (“Karelia”, “Finlândia”, “Tapiola”), mas também conjuntos mais extensos que

o faz no drama. “Prima Donna” ora sugere o compositor de “Aida”, ora o de “Turandot”, ora os palcos franceses da viragem do século XIX para o seguinte, em particular uma certa “cor” de Massenet, sem outra preocupação.

O que “Prima donna” deixa claro, é mesmo a raiz do gosto de Wainwright, o conjunto das suas preferências, seja para compor uma ópera, seja as suas canções, mesmo que mais simples e imediatas, com mais ou menos cigarros e leite com chocolate.

O programa que promete para Lisboa, aliás, é mesmo esse: “Prima Donna”, recriações orquestrais de algumas das suas canções, clássicos da Broadway e escolhas do repertório operático. Ouvindo “Prima donna”, percebe-se que a mistura é possível, neste “mundo sempre pop”.

A gravação em disco, realizada no início deste ano, conta com as sopranos Janis Kelly (que já fora Régine, na estreia, em 2009) e Kathryn Guthrie (Marie, a criada, na apresentação em Nova Iorque, em 2012), o tenor Antonio Figueiroa (André, o jornalista), o barítono Richard Morrison, a Sinfónica da BBC e o maestro Jayce Ogren. **J. MARIA AUGUSTA GONÇALVES**



também abrangem os concertos, a música de câmara, as canções, a produção dramática. É o caso dos 14 discos agora reunidos pela Deutsche Grammophon. A proposta compõe uma integral das Sinfonias entre Leonard Bernstein, Okko Kamu e Herbert von Karajan, estende a obra orquestral a Neville Marriner, Neme Järvi, Jussi Jalas e Vladimir Ashkenazy, recupera o Concerto para violino por Anne-Sophie Mutter e Andre Previn, recorda os recitais de canção de câmara pelo barítono finlandês Tom Krause e retoma a grande música de câmara do compositor, quase sempre esquecida em prol da de orquestra, pelo Quarteto Emerson, o violoncelista Heinrich Schiff e os pianistas Elisabeth Leonskaja, Shura Cherkassky e Bengt Forsberg. Para um bom fecho de contas, no ano do centenário.

SIBELIUS EDITION

14CD Deutsche Grammophon

## Brahms em casa

« Durante perto de nove anos, Riccardo Chailly e a Orquestra Gewandhaus de Leipzig construíram um testemunho magnífico da obra orquestral de Johannes Brahms – as quatro Sinfonias, os dois Concertos para piano (com Nelson Freire), o Concerto para violino (com Leonidas Kavakos) e o duplo Concerto



para violino e violoncelo (com Vadim Repin e Truls Mørk), a que se juntaram os “Intermezzi” e as três Danças

Húngaras, transpostos para orquestra, além das duas Serenatas e das Variações sobre um tema de Haydn. O resultado traduziu-se em sete álbuns, datados de 2006 a 2014, que agora são editados em conjunto.

A “triade” Brahms, Gewandhaus e Chailly é como um acorde perfeito, um regresso a casa, a possibilidade de repor todas as peças no devido lugar. A integral é também um testemunho vivo do trabalho de Chailly com a orquestra de Leipzig, como maestro titular, que desempenha desde 2005, e que deixará no final desta temporada, no verão de 2016, para dirigir o Scala de Milão e o Festival de Lucerna.

> Johannes Brahms – Complete Orchestral Music Gewandhausorchester,

RICCARDO CHAILLY

7CD Decca

## Kovacevich por inteiro



« O pianist Stephen Kovacevich é “só” um dos grandes intérpretes das últimas décadas, um dos principais, em

Beethoven, Schubert e Brahms, mas também em Chopin, Schumann, Debussy, Bartók, Stravinsky, tantos mais. Nos guias de música Penguin ou Gramophone, as “suas” “Variações Diabelli”, de Beethoven, e os concertos do compositor alemão, a derradeira Sonata de Schubert e as peças tardias de Brahms continuam entre as primeiras escolhas. Essas são agora algumas das gravações que regressam, numa só caixa de 25 CD, com as quais o pianista norte-americano celebra os seus 75 anos de vida e meio século carreira.

No conjunto, “Stephen Kovacevich – Complete Philips Recordings” é um tesouro. Bastaria o “seu” Beethoven – as Sonatas, as “Variações Diabelli” e os Concertos –, dos anos 1960/1970, antes da celebrada e mais recorrente edição da EMI/Warner, para valer a pena. Mas há mais. Há o 4.º Livro do “Mikrokosmos” de Béla Bartók, na primeira edição em CD, os Concertos para piano do compositor húngaro, a Sonatina e a Sonata para dois pianos e percussão, com Martha Argerich, com quem também se cruza em Mozart e Debussy (“En blanc et noir”), na célebre gravação de 1977. Há ainda o Concerto de Schumann, o de Grieg e o de Stravinsky (para piano e instrumentos de sopro), assim como o Concerto do compositor britânico Richard Rodney Bennett, e o seu “Jazz calendar”, com o London Jazz Ensemble, além das

parcerias com o octeto da Filarmónica de Berlim, para a música de câmara de Mozart e Dvorák. As obras concertantes contam (quase) sempre com a Sinfónica de Londres, a Sinfónica da BBC e o maestro Colin Davis.

As gravações remontam ao final dos anos de 1960, atravessam a década de 1970 e desaguam em 1985, com a conclusão da obra para piano de Johannes Brahms. São 25 anos de maturação, metade de uma carreira, que aqui mesmo se afirmou.

**Stephen Kovacevich - COMPLETE PHILIPS RECORDINGS**

25 CD Decca

M:A:G:

**JAZZ**

**Em nome do filho**



■ Tal como essoutro todo-poderoso-saxofonista Charles (Lloyd), este todo-poderoso-saxofonista Charles (Gayle) é um homem de

fé, esperança e caridade, devotando os rituais de consagração professados pela sua música ao designio da revelação eclesiástica como via para a ascese anímica e sónica. Correligionários do mistério da salvação do gospel e dos blues pelo culto dos evangelhos do

hard bop e do free jazz do "Pai" John Coltrane, Charles Gayle louva como "Filho", enquanto Charles Lloyd ora como "Espírito Santo". Neste "Christ everlasting", novo testamento do vital vigor e da transcendental maturidade do saxofone tenor e do piano do americano Gayle - coadjuvado pelos acólitos Ksawery Wójcinski e Klaus Kugel (um baixo polaco e uma bateria alemã, respetivamente) -, "cantam-se" hinos expressionistas a uma cristologia especulativa, espécie de liturgia catártica que ecoa uma abstrata doutrina de adoração, epifania e redenção - sobretudo se ouvida nestes dias de advento, de agonia geopolítica e de profecias escatológicas. Uma inusitada eucaristia sacramental, composta por cinco homilias do trio e por quatro parábolas de outros tantos messias - "Ghosts", de Albert Ayler, "Oleo", de Sonny Rollins, "Well you needn't", de Thelonious Monk, e "Giant steps", de... John Coltrane -, que nunca cede à tentação de soar a proselitismo cego. Sagrado Natal, este que se celebra com tamanha espiritualidade, amor e graça.

► **Charles Gayle Trio CHRIST EVERLASTING**

ForTune / import. Flur, 2015

BRUNO BÉNARD-GUEDES

**POP**

**La Nena é ela**

■ A prodigiosa Dom La Nena está de volta com um segundo álbum chamado *Soyo*. E tem uma canção dedicada



a *Lisboa*, cidade pela qual se apaixonou, e onde viveu o seu produtor Marcelo Camelo. Tal como acontecia em *Ela*,

*Soyo* é um doce reflexo do percurso de La Nena, um triângulo entre Porto Alegre, Buenos Aires e Paris. Mas também de como uma virtuosa violoncelista se transformou na mais inesperada estrela da música Indie brasileira. Em *Soyo*, encontramos temas em português, castelhano e francês, por vezes misturando os idiomas no mesmo tema. A entrada, *La Nena Soy Yo*, cantada com um sotaque argentino carregado, é um ótimo cartão de apresentação. *Vivo na Maré*, em tom idílico, é um ótimo single. *Em Menino*, explora toda a sensualidade do espanhol da argentina, para colmatar num refrão em português. E em *Juste un Chanson* faz algo de parecido -, com uma letra belíssima. Todo o álbum se constrói nessa polifonia poliglota, uma exploração original da musicalidade das diferentes línguas.

► **Dom La Nena SOYO**

Six Degrees

**Cantar Paredes**

■ Nem o fado se dança, nem o Paredes se canta. Ou talvez não seja bem assim... A banda sonora de *Verdes Anos*, de Paulo Rocha, conta com uma interpretação notável de Isabel Ruth,



sobre um poema de Pedro Tamen. Mariana Abruñheiro, que chegou a ser vocalista do Madredeus (no tempo em que

o grupo escolheu duas cantoras para substituir Teresa Salgueiro), arrisca-se a solo com um álbum dedicado a Carlos Paredes. Mas atenção que aqui não é celebrado o Paredes virtuoso guitarrista, antes o compositor, pois todos os arranjos partem do piano de Ruben Alves. É um olhar alternativo e inteligente, que na verdade facilita a entrada da voz de forma mais límpida. Em parte dos temas, Mariana não chegou a introduzir palavras, apenas vocalizações: a voz usada como o primeiro dos instrumentos. Mas há outros temas em que são dadas letras à música de Paredes, com destaque para *Canto de Embalar*, com letra de Pedro Ayres Magalhães. A editora Boca tem o bom hábito de desenhar objetos especiais, dando uma resposta inteligente ao digital. *Cantar Paredes* é também um pequeno livro, com textos de Gonçalo M. Tavares, Miguel Castro Caldas, Irene Fulsner Pimentel, entre outros.

► **Mariana Abruñheiro CANTAR PAREDES**

Boca

**Moura encantada**

■ Depois da revolução *Desfado*, Ana



Moura repete a fórmula num disco variado, onde pede a autores de dentro e de fora do fado que lhe escre-

vam músicas e letras. Os arranjos de Larry Klein fogem à tradição fadista, tal como acontece no disco anterior, aproximando-se do universo pop-rock, incluindo até bateria. Apesar de haver sempre algo de fado no jeito de Ana Moura cantar, as próprias melodias são suficientemente heterogéneas para que não se possa catalogar este álbum como um disco de fados, no sentido estrito. Isto embora contenha também fados tradicionais, como *Moura Encantada*, uma letra de Manuela de Freitas sobre o *Fado Cravo*, que poderá equivaler na sua carreira a um *Fado Amália*. Destaca-se naturalmente no álbum o dueto com Omara Portuondo, em *Eu Entrego*. Vale a pena ouvir temas como *O Meu Amor foi Para o Brasil*, com letra e música de Carlos Tê; *Cantiga de Abrigo*, de Samuel Úria; *Não Quero Saber*, de Kalaf e Sara Tavares; ou *Ai Eu*, de Pedro da Silva Martins e Luís José Martins. Como bónus, a grande surpresa é a interpretação de *Lillac Wine*, de James Shelton, celebrizada por Jeff Buckley.

► **Ana Moura MOURA**

Universal

MANUEL HALPERN

\* Loja do Natal. Campanha válida em Portugal até 06/01/2016, salvo erro tipográfico e limitada ao stock existente. A assinatura na versão digital é válida também no estrangeiro. A bateria portátil e livros serão enviados após boa cobrança, num prazo máximo de 10 dias úteis.

**CHRISTMAS SHOP**  
AS MELHORES OFERTAS  
SUGESTÕES A PARTIR DE 4,40€

SURPREENDA QUEM MAIS GOSTA

13 Jornais | Versão digital

**JL**

Os Papéis da Prisão de LUANDINO VIEIRA  
A 'biografia' de uma obra única

16,90€  
52% DESCONTO

12 Revistas | Versão digital

**Courrier International**

ESCRITOS do EXÍLIO

14,90€  
54% DESCONTO

26 Revistas | Versão digital

**VISÃO**

QUE A FORÇA ESTEJA CONNOSCO

29,90€  
45% DESCONTO

12,00€  
OS GRANDES PINTORES

ALMA  
DRE  
RE  
VA  
VEL  
LE  
PICASSO

Coletânea de 8 livros



Assine uma das nossas publicações e **GANHE** uma bateria portátil.  
Mais sugestões em [assineja.pt/natal](http://assineja.pt/natal) ou ligue 21 469 88 01

(dias úteis - 9h às 19h | sábados - 9h às 17h)  
Indique o código **C09LZ**





# Os obstáculos à Cimeira de Paris

## As alterações climáticas como niilismo cosmológico

"Até o Presidente Obama, certamente o político ocidental mais competente e sério, já veio dizer que nenhum Tratado vinculativo poderá sair de Paris", sublinha, com pessimismo, o prof., filósofo, especialista em Ambiente, de que é colunista permanente do JL desde há muitos anos, a propósito da importantíssima cimeira que decorre na capital francesa e na qual já participaram a maioria dos principais dirigentes mundiais, incluindo o chefe de Estado norte-americano

Viriato Soromenho-Marques

P

Pelo menos até ao próximo dia 11 estará reunida em Paris mais uma Conferência das Partes da Convenção do Clima. A Convenção para combater as alterações climáticas foi assinada no Rio de Janeiro, na já longinquamente famosa Eco-92. A Cimeira de Paris é a 21.<sup>a</sup> edição de um esforço onde reiteradamente se procura "salvar o planeta". Neste ensaio procura compreender-se as razões profundas que, uma vez mais, impedirão um sucesso claro para o concílio de Paris. O autor aconselha os leitores que só suportam boas notícias a mudar de página.

1. **Cegueira organizada.** Não foi ainda suficientemente explorada a razão pela qual partimos para o combate às alterações climáticas derrotados à partida. O objetivo canónico da diplomacia ambiental, desde Copenhaga-2009, consiste em impedir que a temperatura média global do planeta não ultrapasse os 2.ºC até 2100. Isso significa que já perdemos a capacidade de evitar as alterações climáticas. Estamos apenas, e não é pouco, a tentar minimizar os seus impactos. No entanto, desde o final do século XIX que se conhece o mecanismo da mudança climática, que foi claramente descrito e antecipado pelo físico sueco Svante Arrhenius. Como foi possível termos chegado até aqui sem ter prestado atenção à colossal modificação da composição química da atmosfera que estava a acontecer à escala do planeta inteiro?



Cimeira de Paris Alguns dos chefes de Estado e primeiros-ministros presentes, entre os quais, ao centro, os Presidentes Barack Obama, dos EUA, e François Holland, da França

A resposta é de uma simplicidade desconfortável. As ciências contemporâneas estão organizadas em torno de uma agenda tecnocientífica, fortemente dependente dos financiamentos do Estado e da indústria. A tecnociência não tem como prioridade o conhecimento do planeta na perspetiva da sua proteção, mas sim no ângulo da sua exploração. A investigação é comandada pelas encomendas comerciais, do setor privado, ou pelos programas de defesa e armamento dos grandes Estados. A ecologia e suas ciências auxiliares estão longe de ser a via verde para uma brilhante e bem-sucedida carreira científica. Por outro lado, o abismo entre "as duas culturas" (usando uma expressão cunhada por Charles Snow em 1959) tem condenado os cultores das ciências sociais e humanas a uma espécie de estatuto de quase iliteracia no que respeita ao controlo adequados das categorias que permitem uma compreensão suficiente da física básica envolvida nas alterações climáticas.

Tudo isso concorreu para se deixasse resvalar a concentração

dos gases de estufa (GEE) muito para além das 270-80 moléculas de dióxido de carbono por cada milhão de partes de volume de ar (ppmv), típica do período pré-industrial. Em apenas 30 anos, entre 1970 e 2004, as emissões de todos os GEE (medidos em dióxido de carbono equivalente) aumentaram 70%. Em 9 de maio de 2013, a atmosfera terrestre registou, pela primeira vez nos últimos 3 a 5 milhões de anos, uma concentração de 400ppmv CO<sub>2</sub>.

2. **Uma métrica ilusória.** Vivemos numa sociedade dominada pelos fluxos de comunicação. Mesmo a comunidade científica já aprendeu alguns artifícios de retórica, quando pretende ser eficaz. O problema surge quando a retórica deixa de ser útil e caímos numa espécie de prisão gongórica que nos tolhe os movimentos. Julgo que é isso que está a acontecer com o famoso limite dos 2.ºC, que corresponde a uma concentração máxima de GEE que oscila em torno dos 450 ppmve de CO<sub>2</sub>. Esse limite é uma construção conceptual, que foi apresentada aos dirigentes políticos para

satisfazer a sua necessidade de objetivos simples e claros. No seio dos debates científicos mais qualificados, toda a gente sabe (tal é o caso de James Hansen, e do movimento dos 350 org., por ele inspirado) que esta métrica diplomática oculta profundas incertezas, que, no essencial escondem perigos tão graves para o nosso futuro, que os próprios cientistas tendem a um exercício de reserva mental para não serem acusados de alarmismo.

Vejam algumas dessas zonas de interrogação. Se, por exemplo, um terço do carbono e do metano contidos no permafrost (solo permanentemente gelado que representa 25% de toda a superfície emersa do hemisfério Norte) forem libertados pelo aumento da temperatura, isso significará uma intensificação extraordinária da concentração de gases de estufa, com mais aumento de temperatura. Se o degelo do Ártico se concretizar nas próximas décadas, a temperatura tenderá a aumentar nos oceanos, pois o gelo reflete nove décimos da radiação que recebe, enquanto o mar limpo

de gelo tem o comportamento inverso. A instabilidade da criosfera terá aqui um papel decisivo. Se a temperatura média se elevar 3ºC, ou mais, correremos o risco de despertar um mecanismo de não retorno que poderá levar, ao longo dos próximos séculos, ao colapso completo das grandes massas de gelo permanente que se encontram sobre a Gronelândia e a Antártida. Nesse caso, a elevação do mar assumiria proporções diluvianas de mais de 60 metros. Também não temos certezas sobre o grau de resiliência dos ecossistemas e do "capital natural" face às pressões induzidas por uma mudança climática tão radical e brusca. O que sabemos, com segurança, é que o ritmo de extinção das espécies não



Como foi possível termos chegado até aqui sem ter prestado atenção à colossal modificação da composição química da atmosfera que estava a acontecer à escala do planeta inteiro?

Se a temperatura média se elevar 3ºC, ou mais, correremos o risco de despertar um mecanismo de não retorno. Nesse caso, a elevação do mar assumiria proporções diluvianas de mais de 60 metros

tem parado de se intensificar, embora as alterações climáticas não sejam, por enquanto, o fator determinante nesse processo.

3. **A venalidade das democracias.** Vivemos numa época de desigualdade crescente, como Stiglitz e Piketty têm denunciado. Numa época de declínio da qualidade das democracias representativas. A corrupção tornou-se um fenómeno quase universal, e a esfera política não escapou a tal facto. Já John Rawls dizia que o Congresso dos EUA se tinha transformado num leilão onde se vendiam leis ao melhor preço. Mas, uma análise das composições do parlamento português ao longo das legislaturas não nos dá melhor ideia. Seria preciso uma grande

ingenuidade para supor que um sistema político, cada vez mais residual face ao poderio global do dinheiro, seria capaz, em matéria de diplomacia ambiental, de desobedecer à “voz do dono”. Até o Presidente Obama, que é certamente o político ocidental mais competente e sério, já veio dizer que nenhum Tratado vinculativo poderá sair de Paris. Os financiadores da maioria republicana (a mesma que apresenta o hediondo Donald Trump como potencial candidato presidencial) nas duas Câmaras do Congresso não o tolerariam. A maioria dos dirigentes políticos mundiais não consegue sequer perceber o que significa uma agenda a longo prazo, quanto mais arriscar perder uma eleição para satisfazer a qualidade de vida de eleitores que ainda não nasceram...

4. O significado filosófico das alterações climáticas. Estou profundamente convencido de que as alterações climáticas são a versão física e cosmológica daquilo que Nietzsche considerava ser a questão existencial para o futuro da Europa (e do mundo) até ao final do século XXI: o niilismo. O niilismo rompeu as tutelas teológicas milenares (“a morte de Deus”), mas como o próprio Nietzsche preveniu, ainda lamentaríamos esse vazio de Deus se não fossemos capazes de criar uma nova forma de espiritualidade e disciplina, imanente, respeitando o “sentido da Terra”. As alterações climáticas correspondem a uma versão patológica e autodestrutiva do fenómeno de substituição da tutela de Deus pelo império de um novo paganismo, que Nietzsche tão bem descreveu no seu *Crepúsculo dos ídolos* (1888). O planeta irá, certamente, sobreviver à Sexta Extinção, desta vez antropogénica, mas a humanidade como a conhecemos, essa não passará o umbral de um processo descontrolado de alterações climáticas.

Se não ocorrer um milagre, dia a dia, a nossa espécie continuará consumindo e devorando o suco vital deste fantástico planeta que é a nossa única morada. Com as alterações climáticas iremos perder, também, a nossa expectativa de persistência na memória da posteridade, que é a base da cultura, bem como o profundo valor e sentido de dignidade humana que nos fez acreditar na possibilidade de sermos o sal da Terra. Sem um acontecimento redentor excepcional, restará o esquecimento como fraco consolo, e a amarga certeza de que a nossa mortalidade nos poupará a sermos protagonistas diretos da trágica luta pela sobrevivência que o futuro reservará aos vindouros. JL



## A PAIXÃO DAS IDEIAS

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

# Antero inesperado...

N o ano da ida para Vila do Conde, em 1881, Antero de Quental redigia textos para o 1º volume de *A Europa Pitoresca*, obra que iria ser editada em Paris, por iniciativa de Salomão Sáragga. Os temas do poeta eram Normandia e Bretanha, Casas Nobres Inglesas e Veneza. Tratava-se de pôr em português o livro *Picturesque Europe*, publicado em Londres em cinco volumes, entre 1875 e 1878. A incumbência não era traduzir os textos, mas fazer uma versão própria, que procurasse seguir o original, dando corpo a um conjunto profusamente ilustrado. Andrea Ragusa acaba de publicar o texto sobre *Veneza* (Pianola 10, 2015), fazendo luz sobre várias interpretações que havia relativamente a este inesperado texto anterior.

Contrariamente ao que se disse não estamos perante um texto original do poeta, mas sim diante de uma recriação, constituída por traduções do texto de Thomas George Bonney, inserido na obra londrina, e de *Voyage en Italie*, de Hippolyte Taine, bem como de um conjunto de diversos textos da própria autoria anterior. Bonney (e Ruskin) constitui a base para as descrições das obras de arte, itinerários, paisagens, canais, gôndolas e outras particularidades, enquanto Taine é o cicerone para a dimensão humana da arte e para a visão histórica da mítica cidade. É, aliás, a propósito do autor francês que Antero mais facilmente se espraia nas considerações próprias que enriquecem a prosa.

O pequeno livro agora dado à estampa (como o texto de Antero e o original de Bonney) é uma preciosidade, menos pela originalidade ou pela importância crucial no contexto da obra riquíssima de Antero, mas porque nos revela uma faceta inesperada do poeta, que confirma o que Andrea Ragusa escreveu: «Diga-se de passagem que a literatura de viagens foi das poucas diversões que o seu estado de saúde lhe permitia no período da “crise pessimista” – isto é, de 1874 até cerca de 1881 – como o próprio Antero afirmava numa carta enviada ao amigo Batalha Reis: “(...)o que leio é meramente uma distração: viagens, história, narrativa e nada mais”». Ora, além do mais, Antero tinha um especial fascínio pela cidade de Veneza, já evidente na versão portuguesa do conto de Edgar Allan Poe, *The Assignment*, publicado em 1864 no *Século XIX* de Penafiel, e passado na cidade dos Doges, cuja descrição é especialmente cuidada pelo poeta.

O mais interessante nestas incursões no campo da tradução é o facto de nos encontramos perante recriações, onde a imaginação supera muitas vezes o respeito da letra original. E é o próprio Antero que nos explica esse processo. «Tradução é mais que transplantação (dizia em maio de 1861 no ensaio *Sobre as Traduções*). Tome-se a planta no seu clima, sob o seu céu e para céu e clima estranhos a levem; anime-se, afague-se, trate-se com amor, que pode viver, talvez florir e dar fruto. É o mesmo género, a mesma família, o mesmo indivíduo? O mesmo que era ou teria sido se de lá o não tirassem – a mil léguas, no solo aonde o Senhor lhe deixara cair a semente? Já não. Ora isto é transplantação».

Mas o que se significa recusar a mera «transplantação»? Trata-se de definir os traços essenciais e colocar o novo texto de acordo com o que se pretende junto do público a que o mesmo se destina.

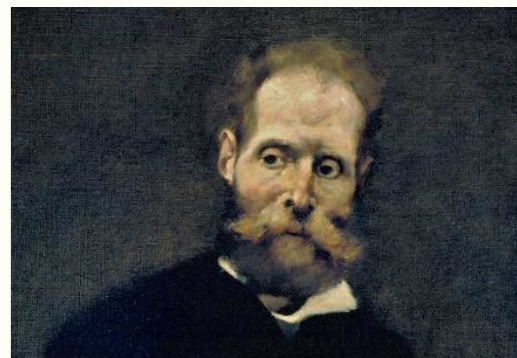
De facto, Salomão Sáragga pretende apresentar a obra aos leitores portugueses, inspirando-se na obra original, mas revivificando-a, o que justifica o convite a autores com pensamento próprio e que não deixam de acrescentar o seu ponto de vista. Além do mais, Fidelino de Figueiredo lembrou que «Antero desamou sempre a descrição plástica, não sentia a pintura, não amava a paisagem natural como beleza em si...». Significará isso que Antero ao seguir as descrições originais é menos fiel a si mesmo? Não parece. Do que se trata é de seguir o texto base, segundo o objetivo geral da obra. Daí que a recriação, seguindo o essencial do autor original, procede a uma recriação, que visa garantir que exista mais do que mera transplantação. «Veneza, apesar de decadente é ainda bela – talvez a mais bela entre todas as cidades da Europa meridional. É seguramente, entre todas elas, a mais pitoresca, a mais original e a mais plácida, daquela placidez nobre a que os italianos chamam “soave austero”».

Nesta perspetiva, Antero, mais do que a descrição plástica, procede a uma consideração intelectual – baseada na coexistência entre ocidente e oriente, entre latino e bizantino. «Harmonia graciosíssima», eis o que Antero realça em Veneza, como «terra preferida pelos artistas, pelos poetas, pelos cismadores amigos de um silêncio cheio de imagens e pensamentos». Que é Veneza senão um «mediador ativo e inteligente entre civilizações diversas e hostis, entre o mundo latino e o bizantino, primeiro, depois entre o mundo cristão e muçulmano»? Afinal «Veneza tomou de uns e de outros, apropriou-se por uma lenta e insensível infiltração e como que assimilou esses géneros diversos e com eles compôs o seu, já na política, já na religião, já na arte».

Para Antero, no fundo, a tradução seria «a pedra de toque do estilo». Isso é especialmente evidente com Taine – o viajante atento e disponível para refletir sobre o que vê e sente. Daí o poeta seguir fielmente *Voyage en Italie*, acrescentando – «o leitor não nos perdoaria a impertinência, se, depois destas páginas realmente eloquentes tentássemos ainda acrescentar alguma coisa a respeito de São Marcos». O poeta português prefere a reflexão e a interrogação às tiradas sentimentais. Enquanto Bonney se despede da Cidade Sereníssima com uma imagem saudosa e impressionista, Antero não descreve nem o pôr-do-sol nem os barcos a passarem à brisa da tarde, preferindo uma despedida em tom interrogativo e sombrio. «Saíamos de Veneza com esta impressão última, a impressão dos túmulos, que é austera mas salutar. Em Veneza tudo

fala do passado, por conseguinte da morte. E o que é a história, essa agitação de efémeros, durante um momento, entre duas eternidades, mais do que o proémio da morte de uma necrópole sucessiva?».

Andrea Ragusa fala de uma coincidência, quase ironia do destino: o facto de uma parte do espólio de Antero de Quental estar na Biblioteca Marciana de Veneza, incluindo o manuscrito «A Poesia na Atualidade». A presença na cidade onde confluem múltiplas vias obriga ao entendimento entre a criação e a existência, entre a vida e a morte (como nos acontecimentos relatados por Thomas Mann, em *A Morte em Veneza*). E compreendendo bem o que significa o Mediterrâneo, na cidade de Othello, Antero não deixa de lembrar a paradoxal força de uma cidade plena de mistérios e contradições: sendo afinal, a verdadeira originalidade de Veneza: «Criar alguma coisa nova e imprevisível com elementos anteriores e conhecidos». JL



PINTURA DE COLUMBANO BARDALO (1911)



**Antero prefere a reflexão e a interrogação às tiradas sentimentais. Enquanto Bonney se despede de Veneza com uma imagem saudosa e impressionista, ele não descreve nem o pôr-do-sol nem os barcos a passarem à brisa da tarde**

## Passado, presente e futuro de Deus



❗ "Não tardará muito que entremos no tempo da hipercomunicação com o mundo à volta convertido numa espécie

de deserto ignorado dos antigos". O cenário é traçado por Eduardo Lourenço, que assina o prefácio de *Deus Ainda Tem Futuro?*, onde a discussão sobre a existência de Deus vai desde o campo da situação religiosa nos dias de hoje à natureza e às neurociências. A obra reúne comunicação apresentadas num Colóquio Internacional em Gaia, em 2013, no qual participaram especialistas de diversas áreas do saber. De Carlos Fiolhais, físico, da Universidade de Coimbra, a Paul Valadier, teólogo das Faculdades Jesuítas de Paris, e Juan Masiá, filósofo da Universidade Sophia, em Tóquio. A coordenação da obra é do padre Anselmo Borges, também teólogo e prof. da Un. de Coimbra. "Um livro para crentes e não crentes que tenham, em comum, o gosto pelo debate desassombrado", sublinha.

➤ **Anselmo Borges (coordenação)**  
**DEUS AINDA TEM FUTURO?**  
Gradiva, 336 pp, 15 euros

## A Rússia de Putin



❗ Bill Browder, diretor executivo de uma das empresas de fundos de investimento mais bem sucedidas do mundo, apresenta uma história

real protagonizada pelo seu advogado, Sergei Magnitsky, a quem dedica *Alerta Vermelho*. Magnitsky testemunhava contra funcionários estatais russos, num caso de roubo de largos milhões de dólares pagos pela empresa de Bill quando, em 2009, viria a ser "isolado numa cela de uma prisão de Moscovo, algemado e espancado até à morte." Desde então, Browder conduz uma campanha para denunciar a corrupção e os abusos dos direitos humanos na Rússia. O autor, neto de Earl Browder, histórico líder do Partido Comunista dos Estados Unidos, explica como se tornou "o inimigo número 1 de Putin", depois de ter descoberto que a compra e venda de ações e empresas russas era só uma forma eficaz de enriquecer.

## Cinco 'títulos' em destaque

❗ Ao contrário do que muitas vezes sucedeu em anos anteriores, desta vez o JL não faz, nem na área das Letras, nem nesta das Ideias, uma Estante com um formato 'especial', para dar mais livros e destacar alguns numa época em que há mais gente a comprá-los, para ofertas de Natal. Vamos sempre e de várias formas falando do que de mais importante sai, e procuramos fazê-lo coincidindo com a chegada das obras às livrarias, ou, melhor ainda, como tem acontecido e continua a acontecer muitas vezes, antecipando-o. Mas, como ainda a eles não nos referimos mais de espaço, nem é possível fazê-lo neste número, aqui queremos desde já assinalar a muito recente publicação de alguns títulos de autores portugueses.

O principal destaque vai para *Álvaro Cunhal - Uma biografia política*, de José Pacheco Pereira. Trata-se do 4º volume de uma obra, a muitos títulos excepcional, de investigação do percurso e do combate político do lendário líder do Partido Comunista Português (PCP), e, do mesmo passo, do próprio partido, que Cunhal mudou e marcou profundamente -- sendo assim, em simultâneo, uma obra fundamental sobre a luta contra a ditadura "fascista" ou salazarista e a história portuguesa contemporânea. Este 4º volume abrange o período que vai de 1960 a 1968, e tem como sub-título "O secretário-geral", cargo que se "entendia permanecer vago" desde a morte de Bento Gonçalves, em 1942, e para o qual foi designado em Março de 1961 (e manteria até 1992, aos 79 anos).

A vastidão, o rigor e minúcia da informação sobre matérias ao longo do tempo sujeitas ao maior secretismo obrigou, necessariamente, a um intenso trabalho de procura e consulta de numerosas diversificadas fontes. Mas a leitura do livro, cheio de revelações sobre a matéria tratada, não se mostra difícil, e muito menos penosa, antes

aliciante, com uma narrativa solta e que nos conduz aos meandros ou subterrâneos da clandestinidade e de episódios surpreendentes. Como logo sobre o 1º volume da obra notou Maria Lúcia Lepecki (e se recorda neste) nela há também "a sensibilidade para trazer pormenores que vivificam as figuras humanas, tornando-as pessoas", para além de personagens históricas; dando-nos "um espantoso quadro da atmosfera do Portugal fascista, daquele país soturno, lúgubre, claustroal, que felizmente já não é o nosso".

Ainda no domínio da nossa história, um pouco mais recuada, e obviamente tratando-se de livros que nada têm a ver com o de José Pacheco Pereira, referência a *A Grande Guerra de Afonso Costa*, de Filipe Ribeiro de Menezes (D. Quixote, 528 pp., 27,90 euros), e *Os Camisas Azuis e Salazar*, de António Costa Pinto (Ed. 70, 364 pp., 19,90 euros). No primeiro,

o historiador, prof. em Dublin, que se tornou muito conhecido com *Salazar - Uma biografia política*, de 2010, regressa ao que muitos consideram a mais

importante figura da 1ª República, sobre o qual publicou um livro naquele mesmo ano, analisando especificamente a sua ação a favor da participação de Portugal na guerra de 1914-1918, e tudo com ela se relaciona. No segundo, o cientista político, investigador do ICS e docente do ISCTE, historia e analisa as origens do "fascismo português", a emergência, evolução, intervenção e "queda" do "nacional-sindicalismo" português, que teve como chefe Rolão Preto (daí o subtítulo "Rolão Preto e o fascismo em Portugal"), oriundo do "integralismo lusitano".

Relacionado com a 1ª fase do regime implantado a 5 de Outubro de 1910 é também *Os sons da República*, de Rui Vieira Nery (Imprensa Nacional, 166 pp., 18 euros). O autor é um reputado musicólogo, que escreve sobre música como raros, e aqui apresenta "um estudo diacrónico do panorama musical português da era republicana, correlacionado com os paradigmas vigentes antes

e depois daquele período, e com o contexto cultural e social da sociedade portuguesa sua contemporânea" -- tratando "temas tão diversos como a orquestra sinfónica e a banda filarmónica, a Ópera e a Revista, o Fado e a Canção de Câmara". Interesse redobrado -- o livro inclui, anexo, um disco.

Uma nota final sobre *A minha Europa*, de Maria Filomena Mónica (A esfera dos Livros, 350 pp., 19, 50 euros). Logo no início do prefácio, a autora diz o que a obra quer ser: "...não um guia de viagens, uma enciclopédia ou um tratado, mas um livro sobre a forma como eu e, antes de mim, alguns intelectuais do século XXI vimos a integração do nosso país na Europa". Mas o livro tem bastante de memorialismo e memorialismo ligado às viagens feitas por MFM, só que dela partindo para outros voos, para reflexões e opiniões em vários campos, num volume valorizado com fotografias de António Barreto. ❗

➤ **Bill Browder**  
**ALERTA VERMELHO: COMO ME TORNEI O INIMIGO Nº1 DE PUTIN**

Vogais, 456 pp, 21,98 euros

## Histórias de 'êxito(s)'



❗ A crise, o desemprego, a falta de esperança, a troika e o FMI estavam em todo o lado. Nas conversas com amigos, nos cafés e bares que frequentava, nas televisões e nos jornais. A terminar a

licenciatura, ainda com dois anos de mestrado pela frente (em gestão, pelo ISCTE), André Leonardo "tentava contrariar falando de alguns casos de sucesso que conhecia, mas sem êxito. Era rapidamente fuzilado." Foi assim que, aos 24 anos, o jovem açoriano decidiu dar a volta ao Mundo sozinho, para "relatar histórias inspiradoras de empreendedores e pessoas que fazem acontecer." *Faz Acontecer* relata essa sua aventura, apresentando homens e mulheres que conheceu nos 23 países por onde passou. Uma mulher que escalou o Everest, outra que conta histórias para mudar vidas e uma estilista em Maputo, são algumas dessas histórias.

➤ **André Leonardo**  
**FAZ ACONTECER**

A Esfera dos Livros, 248 pp, 15 euros

## Chegar à Europa



❗ *Menos que Humanos* analisa a chegada de milhões de pessoas à Europa, apresenta causas e consequências e discute os

fenómenos de imigração clandestina e tráfico de pessoas. Nuno Rogeiro, especialista em assuntos estratégicos e geopolítica, comentador, esteve em alguns dos grandes

centros de partida e chegada de migrantes para os países da UE e fala designadamente da resposta política que eles poderão dar à situação vivida, do papel das nações do Médio Oriente, das teias de corrupção, dos traficantes, etc. E das possíveis consequências para Portugal, sugerindo soluções "fáceis, difíceis, realistas, utópicas, impossíveis." Paralelamente, sublinha, "há tresloucados dispostos a matar, como protesto."

➤ **Nuno Rogeiro**  
**MENOS QUE HUMANOS: IMIGRAÇÃO CLANDESTINA E TRÁFICO DE PESSOAS NA EUROPA**

Dom Quixote, 320 pp, 16,50 euros

# Portugal, tempo de paixão

Jaime Nogueira Pinto

Quarenta anos depois do que ficou conhecido como PREC (Processo Revolucionário Em Curso), ou seja: o período entre o 11 de Março e o 25 de Novembro de 1975, sai uma 2ª edição do livro *Portugal - Tempo de Paixão*, de Leonor Xavier (Temas e Debates, 280 pp., 16,60 euros). O livro é constituído por cem "testemunhos" sobre o Verão Quente de 1975, recolhidos e sintetizados pela autora - escritora e jornalista - no que considerou essencial ou mais interessante. Esses cem testemunhos são, sublinha Leonor Xavier, "50 mulheres e 50 homens, figuras públicas de diferentes e opostas posições políticas, com percursos reconhecidos em variadas carreiras e profissões". A apresentação desta nova edição foi feita por uma figura do setor político ao tempo do 25 de Abril afeta ao regime deposto e que combateu como voluntário na guerra colonial - e que depois, doutorado em Ciência Política, sobretudo nos últimos anos se tem distinguido como docente universitário e participante em diversificados debates públicos em defesa das suas posições, autor de uma já larga obra naquele domínio (último título publicado: *Islão e o Ocidente - A Grande Discórdia*, ed. D. Quixote) e de um romance tributário da sua própria experiência pessoal no pós-25 de Abril. É o essencial dessa apresentação, na versão do próprio apresentador, que aqui se publica

**N**ão podia dizer que não ao convite da Leonor Xavier para vir falar deste livro: primeiro, porque um dos depoimentos

é da Zezinha\*, a falar de nós, partindo para Angola, "mesmo antes do fim do Império", levando só o essencial - retratos, cigarros, livros, um crucifixo; depois, porque foi a Leonor que mo pediu e tenho por ela uma especial ternura e amizade; finalmente, porque não podia ficar indiferente à memória aqui registada de muitos amigos já desaparecidos - Ernâni Lopes, Helena Vaz da Silva, João Bénard da Costa, Jorge de Mello, Luís Pinto Coelho e, mais recentemente, José Fonseca e Costa, com quem, nos últimos tempos, jantava de vez em quando. Falávamos de tudo, até dos nossos caminhos políticos tão diferentes.

A Leonor, na Introdução, faz uma excelente evocação da época, do espírito do tempo, desse *zeitgeist* do mirífico ou apocalíptico Verão de 75. Verão que não passei em Portugal. Tinha saído de Angola com um mandado de captura de outubro de 1974 e começara outra vida que iria durar até 1978. Vida igual à de todos os exilados, fins de mês incertos, conspirações,



Leonor Xavier "Uma distância do tempo e do espaço em que o fogo e as brasas são já cinzas"



**Este livro é um retrato transversal da sociedade portuguesa, na sua diversidade ideológica, de classe, de origem, de sensibilidade, perante o momento excecional da Revolução**

ilusões, desilusões, altos e baixos na esperança de que as coisas mudem e de poder voltar. Não me incluo, por isso, em nenhum dos grupos de que a Leonor fala. Não era nem "dos que queriam o regime democrático em Portugal", nem dos "que exigiam a implantação absoluta do regime comunista". Era dos que pensavam que, com o fim do Império, com o fim da aventura ultramarina, Portugal ia acabar em pouco tempo, reduzido ao pequeno retângulo europeu, entre uma Espanha forte e um Atlântico que deixara de ser o nosso *mare nostrum*.

Depois, o tempo, com os seus modos paliativos e curativos, encarregou-se de mudar algumas dessas primeiras perceções catastróficas e acabei por regressar ao Império fragmentado em povos e países que, dolorosamente, iam encontrando os seus caminhos na História. Voltei pelos meus pés e pela minha cabeça e esse regresso foi a cicatrização de uma ferida aberta.

Por cá, tinham ganho os que queriam a democracia. Não sei se agora estão satisfeitos ou resignados. Os outros, os que queriam o Império ou a Revolução, perderam, perdemos. Uns a 11 de Novembro, outros a 25. Mais para "uns" do que para "outros" escrevi um romance a que chamei *Novembro*, esse tempo outonal para

todos os que nos batemos pelo Império ou pela Revolução, para todos os que sentimos a gloriosa tragédia das lutas inglórias por pátrias perdidas, sonhos interrompidos, ilusões desfeitas.

Como bons filhos da segunda metade do século XX conscientes da História da primeira, sabemos que os amanhães que cantam ou as bandeiras vitoriosas, os sonhos de igualdade universal ou de unidade nacional pelos quais vendemos ou entregámos a alma e a lealdade, nos podem arrastar para Goulags e para campos da morte, e que das glórias do Império e da Revolução podem resultar limpezas étnicas ou tiranias de burocratas sem alma nem desígnio.

Por aqui o que aconteceu não foi isso mas também não foi o contrário disso. Foi o empate, o Thermidor de Novembro... e acabámos todos vivos e todos a conviver, mesmo os que, noutras latitudes, talvez nos tivéssemos exterminado.

A Leonor dá-nos bem a natureza ambígua de tudo isto: os testemunhos e as testemunhas pairam aqui numa distância do tempo e do espaço em que o fogo e as brasas são já cinzas e os pássaros da sabedoria podem planar pelo nostálgico crepúsculo das coisas, longe da possibilidade do tiro ou da pedrada.

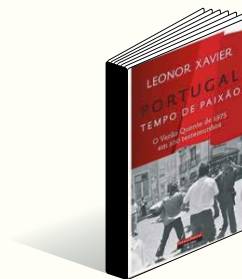
Disciplinámos já a paixão e

olhamos agora para este passado como que para um sonho - bom ou mau - consoante o espelho ideológico. Desconstruímos, integrámos, despolitizámos, estendendo sobre o que éramos, sobre o acontecido, sobre os antigos adversários um tolerante manto de humanidade. Talvez porque aqui as tragédias individuais tenham sido sobretudo as que vieram com as coletivas.

Assim, os testemunhos são aqui tendencialmente confessionais e racionais, com os mais empenhados a quererem descontar ferveores políticos e os que estavam do lado das vítimas a conterem-se nas lamentações. Alguns, como Artur Santos Silva, são mais pormenorizados na análise política; Agustina tem uma deliciosa narrativa psicossocial do quotidiano revolucionário no Porto; há uma tristeza lúcida com o PREC em Leonardo Mathias e uma satisfação também lúcida com o mesmo PREC em Maria do Céu Guerra. Há os que falam da ruína profissional, pessoal e familiar e os que se centram no êxodo de África; há os que contam a fuga para o Brasil e para Espanha e os que lembram o devaneio de adolescência de uma passagem por um grupo radical. Há os arrependidos e os não arrependidos. Há de tudo nestas pequenas histórias de cem portugueses e portuguesas que olham desapaixonadamente um tempo de paixão.

Este livro é um retrato transversal da sociedade portuguesa, na sua diversidade ideológica, de classe, de origem, de sensibilidade, perante o momento excecional da Revolução. É isso e também o que nos diz dos efeitos do tempo sobre esse olhar. Ajuda-nos a perceber melhor quem somos, como agimos e como nos vemos. **JL**

\* NR Maria José Nogueira Pinto (1952-2011), mulher de JN, foi designadamente deputada, dirigente do CDS, diretora da Maternidade Alfredo da Costa, provedora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, vereadora da Câmara de Lisboa, subsecretária de Estado da Cultura e colaboradora de vários órgãos de comunicação social



► Leonor Xavier  
**PORTUGAL**  
- **TEMPO DE PAIXÃO**

Temas e Debates, 280 pp.,  
16,60 euros



**PARALAXE**

**Afonso Cruz**

# Jalan Jalan

**PORTO RICO**

A arte e a literatura têm a obrigação de lacerar a realidade e de abrir a cortina para novas possibilidades - como diria Rumi, é pela ferida que entra a luz -, a arte não deve estar em harmonia com a realidade, deve magoá-la, deve ser uma dissonância, deve recriá-la, colocar hipóteses, caminhos e perguntas. E já se sabe que uma pergunta é capaz de magoar, é tirar o teto a uma casa e ficar exposto ao céu, à luz e à tempestade.

Se um artista não prejudicar a realidade de alguma maneira, mais vale vestir-se de papagaio e concordar com as trivialidades que se dizem da democracia, da liberdade e da ética, confundindo o lugar-comum com uma ideia. Em Porto Rico tive a sorte de ver uma exposição de Antonio Martorell, um final de tarde único, com a particularidade de ter sido uma visita guiada pelo próprio. Explicou que algumas daquelas peças eram dedicadas à sua mãe. Começou por nos mostrar uma casa sem teto com uma máquina de costura lá dentro, panos coloridos, fitas métricas, tecidos, toa-lhas fitas. A mãe fazia trabalhos de costura. O pai, "que nunca fumou, foi comprar cigarros e nunca mais voltou."

A casa sem teto anunciava uma espécie de liberdade que fazia lembrar um livro de Goran Petrovic em que os habitantes de uma casa decidem pintar o teto de azul celeste, e, para bem da verdade, fazem-no removendo todo o telhado, deixando a casa aberta para o céu.

Os trabalhos de Martorell giram à volta da palavra e trazem à partida uma simbologia e significado profundos a que o autor alude de forma descontraída, apesar da gravidade dos problemas em que se baseiam: "Aprendi a fazer da desgraça, graça."

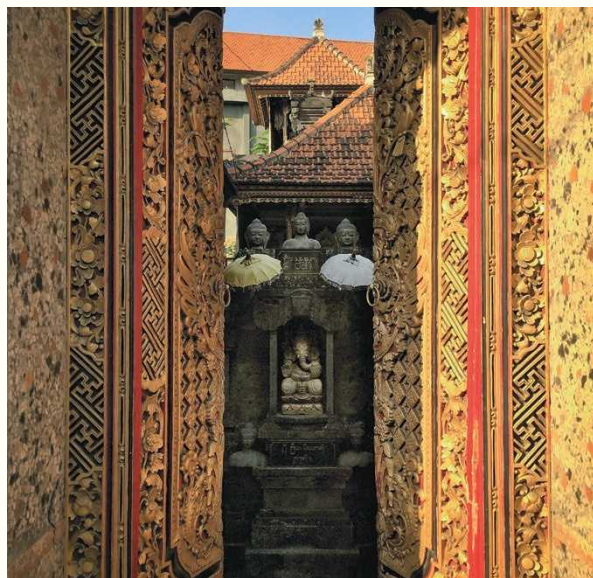
Uma das suas obras é uma jaula de palavras espalhadas pelo chão. Mais uma vez, uma construção sem teto, ainda que, desta vez, o foco seja a falta de liberdade. Martorell pede que nos descalcemos e sintamos as palavras sem os sapatos. Diz-nos que são vocábulos fundamentais que foram substituídos: democracia, Deus, paz, segurança, liberdade, justiça, amor.

Mas há mais casas sem teto. Há uma, por exemplo, feita de dólares, com moedas e notas verdadeiras. Disse que era assim, com notas a sério, por causa da especulação à volta do preço e do valor das casas, e porque tantas vezes não são nossas, mas dos bancos.

Chama aos velhos de super adultos. Os jovens são pessoas que ainda não chegaram ao mais alto patamar da humanidade, "a este estado superior", disse enquanto apontava para si mesmo.

Tirou o chapéu quando decidimos, junto a uma cadeira de ba-loiço gigante, outra das suas obras, tirar uma fotografia. Disse que só tirava o chapéu ao pé de outros calvos.

E eu, apropriadamente, disse-lhe que também nós, por causa dessa calvície, éramos uma espécie de casas sem teto.



**Viajar é uma forma de loucura, é sair do seu lugar, prescindir do conforto e entregar-se ao desconhecido. Nesse sentido, é um ato artístico, que procura novas paisagens, novas formas de vida. É um ato que abdica da segurança, do lugar-comum. Há nisso poesia**

**BALI**

Em Bali, no Ubud Writers and Readers Festival, falou-se muito da atualidade, de todos os problemas da radicalização religiosa, da liberdade de expressão, de 1975. Nas mesmas mesas juntaram-se escritores de várias nacionalidades. As diferenças sociais, religiosas e económicas vinham muitas vezes à superfície. Numa das mesas, um escritor australiano estava muito espantado com o poeta indonésio, muito jovem, que se sentara ao seu lado. Por vários motivos. Um deles era o facto de o poeta viver numa pequena aldeia onde não tinha acesso à internet. Outro motivo de assombro para o australiano: o indonésio não recebia, como ele, dinheiro do Estado para se dedicar exclusivamente à escrita.

- O que fazes para ganhar dinheiro?
- Sou professor primário.

Virando-se para mim, esperando que eu, por ser português, europeu, também recebesse uma quantia mensal para me dedicar exclusivamente à literatura. Disse-lhe que não. Ele mostrou-se

espantado e rematou: - Na Austrália todos os escritores recebem...

Apesar da beleza da paisagem, dos campos de arroz, do verde omnipresente, dos templos hindus, dos macacos zangados, a melhor recordação que trouxe de Bali foi uma oferta do João, que me embrulhou e ofereceu uma palavra, talvez duas: Jalan significa rua em indonésio, disse-me. Também significa andar. Jalan jalan, a repetição da palavra, que muitas vezes forma o plural, significa, neste caso, passear. Passear é andar duas vezes.

Quando se repete o andar, quando se sublinha, nasce um comportamento lúdico, o passeio. Esta repetição não me parece uma rotina, mas uma hierarquia. Repetimos a palavra para reforçá-la, fazê-la melhor, fazê-la chegar ao prazer.

Viajar é uma forma de loucura, é sair do seu lugar, prescindir do conforto e entregar-se ao desconhecido. Nesse sentido, é um ato artístico, que procura novas paisagens, novas formas de vida. É um ato que abdica da segurança, do lugar-comum, que encontra prazer no ato de beber água ou de adormecer junto ao fogo. Há nisso poesia, uma entrega à simplicidade e à beleza do quotidiano, do presente.

O caminhante perde a história, a ansiedade. É o estoicismo, ou se quisermos epicurismo, a andar pelos campos. Cada passo é uma renúncia e uma forma de desapego. Jalan jalan é andar melhor. Por um motivo simples: não é utilitário, não tem um percurso definido, há uma

liberdade intrínseca. Assemelha-se à arte.

É uma atividade que prescinde de técnica. Ninguém tem de ter um modo eficiente de andar para poder passear. Não há tempo envolvido. Não há limitações, não há pressa. Nem sequer vagar. A noção de tempo perde-se na contemplação da paisagem.

Um passo reencarna outro passo e mantém a mesma essência, o hedonismo do gesto.

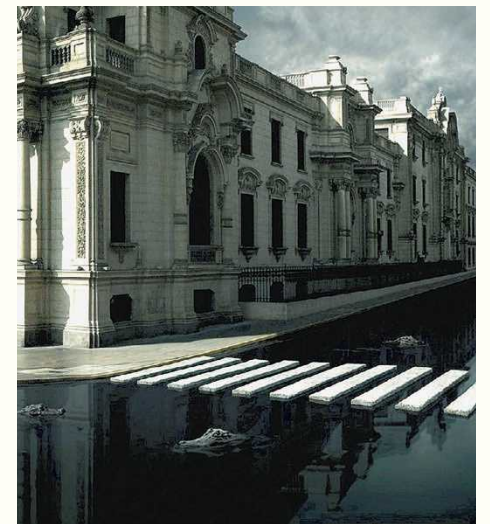
Passear é o que fazemos para não chegar a um destino, e não se mede pela distância nem pela técnica de colocar um pé à frente do outro, mas sim, pelo modo como a paisagem nos comoveu ou como o voo de um pássaro nos tocou. É um pouco como a arte, e tem o valor imenso de tudo aquilo que não tem valor nenhum. Pode não ter razão, destino, objetivo, utilidade, e é exatamente aí que reside a riqueza do passeio. Não existem profissionais do passeio. Chesterton, que era um grande apologista do amador, dizia que as melhores coisas da vida, bem como as mais importantes, não são profissionalizadas. O amor, quando é profissionalizado, torna-se prostituição. JL



**CADERNO DE SIGNIFICADOS**

**Tiago Patrício**

## O lugar do outro



Um homem desloca-se de carro pelo seu bairro e quando vê algum peão a aproximar-se da passadeira detém-se e expressa um sorriso próprio de quem tem prazer nesse gesto de suspensão da marcha. Os peões nem sempre olham para dentro do carro e os que reparam naquele sorriso desconfiam de alguma perversão. Para além disso, os condutores que ficam atrás dele não gostam daquelas paragens demasiado prolongadas e sentem-se incomodados. Muitas vezes os peões nem sequer querem atravessar e passam por acaso junto da passadeira, mas só quando se afastam ou indicam com o braço que não querem atravessar é que ele arranca, sem contudo demonstrar contrariedade.

Um dia, ao ver uma senhora idosa a menos de três metros da passadeira, decidi abrandar para chegar a tempo de lhe dar passagem. Quando a senhora olhou para os lados para confirmar se poderia atravessar em segurança, já ele estava a travar para dar o exemplo aos outros carros. Porém, a senhora não queria incomodar e fez-lhe sinal com o braço para que ele continuasse. Mas ele insistiu e fez-lhe uma vénia com as duas mãos enquanto expressava um sorriso complacente. Um dos condutores de trás buzinou e os outros seguiram-lhe o exemplo, mas ele aguentou a pressão e abriu a janela para dizer à senhora que não ia avançar enquanto ela não atravessasse.

A senhora resignou-se e depois de dar três passos na passadeira foi atingida por um rapaz que apareceu de bicicleta e embateu contra ela. A senhora caiu desamparada e o rapaz da bicicleta desapareceu estrada abaixo. O homem saiu do carro e recebeu que a senhora tivesse sofrido um traumatismo. Decidiu levá-la ao hospital de imediato sem sequer esperar pela ambulância nem pelos paramédicos. Pegou nela ao colo, atirou-a para o banco de trás do seu carro e arrancou a toda a velocidade em direção ao serviço de urgência mais próximo. JL



## AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

VALTER HUGO MÃE

# Rena Finder

**Q**uando transferidas para o campo de Auschwitz, as cerca de trezentas mulheres listadas por Oskar Schindler viajaram longamente de comboio, juntas como pouco mais do que bichos, julgando seguir para melhor. O calor nos vagões era tanto que a sede, por tantas horas,

se tornava um desespero. Quando chegaram, de pé na rua, imediatamente as mulheres estenderam a mão à neve escura que caía, mas a neve escura não era fria, nunca serviria para se refrescarmos. Caía a cinza densa dos corpos incinerados. A morte era o próprio inverno. Foi como Rena Finder chegou a Auschwitz, uma das raras sobreviventes da lista de Schindler, uma das assombrosas testemunhas ainda vivas daquele campo de concentração.

Lembro sempre o que escreve Giorgio Agamben acerca dos judeus massacrados no holocausto. Chamar-lhes mártires é uma ofensa. Porque os mártires morrem por uma causa e no terror nazi apenas compareceu o grotesco, nenhum objetivo senão o grotesco. Os judeus debitaram-se sem sentido, foram simplesmente objecto de um ódio irracional. Não houve um propósito sacrificial. Não houve sequer a ilusão de que deus poderia criar uma redenção para o que acontecia. Nada. Ali, as vítimas morreram por nada. Sem deus.

Foi a primeira vez que me encontrei com uma pessoa sobrevivente de Auschwitz, admito que me tolhi como se diante de uma figura sagrada. Há uma vergonha guardada para todos nós perante esta memória. Sentimos que as ameaças persistem e precisamos sempre da verticalidade bastante para as dominarmos, não permitir nunca que regressemos ao terror. E sabemos bem que o mundo está de volta ao terror. Falhamos todos, novamente.

Impressionou-me o modo como explicou que nunca encarava os carrascos. Era uma menina mas percebera que cruzar o olhar com o predador constituía uma afronta. Ver apenas o chão significava a perda de personalidade que os nazis promoviam, atribuía uma invisibilidade bastante à vítima. Quando, depois da guerra e fechados os campos, mostraram a Rena Finder a fotografia do mais feroz assassino de Auschwitz, a quem ela obedecera todos os dias, viu-lhe o rosto pela primeira vez. Era-lhe, daquele modo, um homem absolutamente desconhecido. Pasmou diante dele para o auscultar. Era como procurar entender o passado. Algo que não haveria nunca de entender.

Sabe que sobreviveu muito porque as poucas mulheres e homens listados por Schindler auferiam da proteção desse bom homem. Era-lhe uma figura paterna, um anjo. Não tem medo de acreditar assim, diz que deus o terá enviado para uma salvação pequena entre um tão grande massacre. Defende muito o filme de Spielberg. Garante o seu obstinado rigor. Fala do filme como uma redenção, como se fosse possível usá-lo para diminuir a morte.

Em Auschwitz raparam-lhe o cabelo. Era igual aos meninos. Lembra-se do sofrimento que lhe causou a ideia de não poder definir-se como menina. O tempo longo do cárcere convencia-a de que a vida seria assim para sempre, importava criar hábito, sobreviver. Mas deixar de ser menina era-lhe insuportável. Não conhecia o mundo senão a partir da sua pulsão feminina, destituírem-na disso era já metade da morte.



Rena Finder A história de uma sobrevivente



**Perguntei-lhe o que aprendeu acerca da felicidade, decorridos tantos anos, sobrevivente, rodeada de uma família que pôde, afinal, constituir. Respondeu-me que a felicidade é a normalidade. Só queria, e só quer, ser normal. Crescer, namorar, casar, ter filhos, cuidar das pessoas, vê-las sorrir, esperar, ter esperança. Depois, acrescentou que teve sempre esperança. Observava os cadáveres, fugia da neve quente, escutava os gemidos ininterruptos dos que padeciam, e esperava. Era o melhor que saberia fazer, esperar.**

Perguntei-lhe o que aprendeu acerca da felicidade, decorridos tantos anos, sobrevivente, rodeada de uma família que pôde, afinal, constituir. Respondeu-me que a felicidade é a normalidade. Só queria, e só quer, ser normal. Crescer, namorar, casar, ter filhos, cuidar das pessoas, vê-las sorrir, esperar, ter esperança. Depois, acrescentou que teve sempre esperança. Observava os cadáveres, fugia da neve quente, escutava os gemidos ininterruptos dos que padeciam, e esperava. Era o melhor que saberia fazer, esperar. Esperar até poder voltar a ser normal outra vez.

Falava, reparei, como alguém que convidava os outros à naturalidade das suas diferenças. Era só o que queria dizer. Que estava tudo bem em ser-se diferente. Os sonhos de cada um não devem ofender os dos outros. Isso é o que precisa de ser, para sempre, normal. JL



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: Medipress  
Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. NPC 501 919 023  
Rua Calvet de Magalhães, nº 242 - 2770-022 Paço de Arcos  
Tel.: 214 544 000 - Fax: 214 435 319 email: ipublishing@impresa.pt

GERÊNCIA: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Pedro Norton, Paulo de Saldanha, José Freire, Luís Marques, Francisco Pedro Balsemão, Martim Avillez Figueiredo, Raul Carvalho Neves

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE PROPRIETÁRIA:  
Capital Social €74.748,90; Impresa Publishing, SA - 100%

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

PUBLISHER: João Garcia  
DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES E COLABORADORES PERMANENTES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte, Francisca Cunha Rêgo, Carolina Freitas, Afonso Cruz, Agripina Carriço Vieira, António Carlos Cortez, Carlos Reis, Daniel Tércio, Eduardo Lourenço, Eduardo Paz Ferreira, Eugénio Lisboa, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, Jacinto Rego de Almeida, João Ramalho Santos, João Santos, Jorge Listopad, Lídia Jorge, Manuela Paraíso, Maria Emília Brederode Santos, Maria João Fernandes, Maria Alzira Seixo, Maria Augusta Gonçalves, Miguel Real, Ondjaki, Onésimo Teotónio de Almeida, Rocha de Sousa, Tiago Patrício, Václav Havel e Viriato Soromenho-Marques  
OUTROS COLABORADORES: Alexandre Pastor, Álvaro Manuel Machado, André Pinto, António Cândido Franco, Boaventura Sousa Santos, Carlos Vaz Marques, Cláudia Galhós, Cristina Robalo Cordeiro, Gabriel Leite Mota, Gastão Cruz, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Caraça, João Medina, José-Augusto França, José Luís Peixoto, João de Melo, João Ribeiro, Joaquim Francisco Coelho, José Manuel Mendes, José Saspportes, Lauro Moreira, Leonor Xavier, Luísa Lobão Moniz, Manuel Alegre, Margarida Fonseca Santos, Maria do Carmo Vieira, Maria Fernanda Abreu, Maria José Rau, Miguel Carvalho, Marina Tavares Dias, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Mário Soares, Marcello Duarte Mathias, Nuno Júdice, Ricardo Araújo Pereira, Rui Canário, Rui Mário Gonçalves, Silvína Pereira e Teolinda Gersão

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira

SECRETÁRIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gescio

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua Calvet de Magalhães, nº 242, 2770-022 Paço de Arcos - Tel.: 214 698 000  
Fax: 214 698 500 - email: jl@impresa.pt. Delegação Norte: Rua Conselheiro Costa Braga nº 502 - 4450-102 Matosinhos - Tel.: 22 043 7001

PUBLICIDADE: Tel.: 214 698 227 - Fax: 214 698 543 (Lisboa)  
Tel.: 220 437 030 - Fax: 228 347 558 (Porto)

Pedro Fernandes (Diretor Comercial) pedrofernandes@sic.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora) mjoacosta@impresa.pt, Carlos Varão (Diretor), Luís Barata (contacto), Miguel Diniz (contacto); José António Lopes, jalopes@impresa.pt. Delegação Norte: Ângela Almeida (Diretora Coordenadora) aalmeida@impresa.pt, Miguel Aroso maroso@impresa.pt (Contactos); Ilda Ribeiro (Assistente e Coordenadora de Materiais) jmribeiro@impresa.pt

PUBLICIDADE ONLINE: publicidadeonline@impresa.pt Tel.: 214 698 970

MARKETING: Mónica Balsemão (Diretora), Ana Paula Baltazar (Gestora de Produto)

PRODUÇÃO: Raul das Neves (diretor), Manuel Parreira (assessor da Direção de Produção), Manuel Fernandes (diretor adjunto), Pedro Guilherme e Carlos Moraes (Produtores)

CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS: Pedro M. Fernandes (Diretor), José Pinheiro (Circulação), Helena Matoso (atendimento ao assinante); Atendimento ao Ponto de Venda: pontodevenda.ip@impresa.pt Tel.: 707 200 350, 21 469 8801 (todos os dias úteis, das 9h às 19h) - Fax: 214 698 501 email: apoio\_cliente.ip@impresa.pt. Aceda a www.assineja.pt

ENVIO DE PEDIDOS: Medipress - Sociedade Jornalística e Editorial Lda. Remessa Livre 1120 - 2771-960 Paço de Arcos

IMPRESSÃO: Lisgráfica - Casal de Sta. Leopoldina - 2745 Queluz de Baixo

DISTRIBUIÇÃO: VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Aqualva-Cacém - Tel.: 214 337 000  
Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545  
Fax: 808 206 133

TIRAGEM: 10 500 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766 - Depósito Legal nº 11 745/86  
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

"A Medipress não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias".

Estatuto editorial disponível em  
<http://www.impresa.pt/lei782015>



Assine o JL

Ligue já 214 698 801

Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 17h

Vá a [www.assineja.pt](http://www.assineja.pt)

ou [apoio\\_cliente.ip@impresa.pt](mailto:apoio_cliente.ip@impresa.pt)

1 ano 3 prestações x € 16,99\* 30% desconto

2 anos 6 prestações x € 14,56\* 40% desconto

\*Prestações mensais sem juros, TAEG 0%



Esta revista utiliza papel produzido por empresas certificadas segundo a norma ISO14001 (Certificação de sistemas de Gestão Ambiental)

CUIDE DO MEIO AMBIENTE  
Utilize melhor esta revista depois de a ler  
Colabore com a sua reciclagem

# Mário Assis Ferreira

## Quando a soma é maior que as partes

Presidente do conselho de administração da Estoril-Sol, desde há muito ligado às artes e à cultura e apoiando-as, ele criou há 15 anos, no âmbito daquela empresa, e dirige desde o início, uma revista (trimestral) de luxo intitulada *Egoísta*, escrevendo para todas as suas edições o “editorial” de abertura. Textos agora reunidos num volume com aquele mesmo título, sobre o qual aqui escreve a prof<sup>a</sup> catedrática da Universidade Fernando Pessoa, membro da direção do CLEPUL e do Circulo Literário Agustina Bessa-Luís

Isabel Ponce de Leão

**E**nvolve-me o fumo do cachimbo de Magritte nesta jornada descendente que *Egoísta* mas não só de Mário Assis Ferreira (MAF) propõe. A obra perturba e gera um estado de semi-inconsciência que motiva um idílio pouco consentâneo com a necessária objetividade da crítica canónica.

São 61 os textos, “aqui ordenados em cronologia inversa à da sua publicação”; 61 editoriais que, ao longo de 15 anos, iludiram, de forma singular, as características do género. Sendo o editorial um género veiculado pelo universo jornalístico, reivindica alguma objetividade, mesmo se dotado de um pensamento autoral voltado para a argumentação, representativa, esta, de uma vontade coletiva.

Se, por um lado, estas características se presentificam nos editoriais assinados por MAF, por outro, parece-me que o autor cria um pessoalíssimo subgénero – na senda do escritor e jornalista espanhol Juan José Millás quando se refere ao seu *articueto* –, em que o tecido macrotextual é urdido por uma série de microtextos, que se encaixam em jeito de matrioskas, a que tão pouco falta a diversidade de motivos policromos. Por isso os localizo algures entre o jornalismo e a literatura. Do jornalismo herdam os critérios de periodicidade e a relevância tipográfica movendo-se à volta da res quotidiana em inevitáveis microrrelatos. Da literatura extraem o jeito quase ficcional de temas, motivos e procedimentos retóricos, extrapolando os limites da realidade pela sensibilidade que a arte convoca.

Perante esta existência dilemática de um subgénero anómalo e híbrido que mantém a atualidade num discurso de e sobre a arte, constato que se desenvolve com argumentos indutivos que, partindo do concreto, usa critérios que desembocam, assazmente, em situações transcendentais, surpreendentes e quase enigmáticas, procedentes de “O enigma da vida” onde “somos o resultado do que pensamos” e definidoras da opção entre a “convicção de existir ou a resignação de vegetar” (MAF).

Por tal no *incipit* de *Egoísta* mas não só me deparo com idiosincrasias quase alheias ao estigma editorialista, configuradoras de traição / desconstrução do cânone que me seduzem, mantendo-me, concomitantemente, em estado de hipnose para que possa entender o cruzamento do memorialismo com o diarismo, da notícia com a opinião... um processo metabólico, uma assimilação. Brincando com o leitor porque confundindo-o, por vezes ironizando, MAF ergue um autêntico hino ao mistério da linguagem.

Recorro à Hipótese de Sapir-Whorf e tento entender esta linguagem geradora do texto literário. De facto, há uma vivência induzida por uma cultura iniciática que desemboca numa vastíssima enciclopédia cultural. O estudo da estrutura da linguagem de MAF leva à elucidação de uma conceção do mundo que o acompanha. O mentalismo gera a literariedade, a mais erótica das linguagens, que, acoplada à não literariedade, convocam o prazer do criador e do leitor que se tornam dependentes deste texto infinito assim gerando o intertexto.

Conquistando a proeza de gerar a identificação do leitor, o autor de *Egoísta* mas não só convoca um apetecível registo que isenta de tragicidade as situações mais problemáticas, aceitando com agrado ironia os paradoxos da vida. Usando perspetivas laterais e fixando-se em pormenores aparentemente periféricos, induz, através destes editoriais, o relato da vida: a sua própria vida, a vida da arte, a vida dos povos. Ficcionaliza-se e ficcionaliza-os para se / os aproximar da realidade.



CONGALO ROSADA SILVA



**Capitaliza textos dispersos num fantástico macrotexto que, seguindo a linha editorial da ética e da estética, parece configurar o seu ideal de**

de mundividência. Não há fraturas, não há ligações forçadas, há uma vida que pulsa numa história desenrolada ao longo de 15 anos. Vida da revista, vida do homem numa magnífica radiografia onde a sinceridade pede meças a qualquer texto confessional. Homem de cultura, demonstra que a arte, qualquer arte ou todas em uníssono, estão ao serviço do pensamento humano sugerindo-as como o melhor caminho para um mundo melhor. Não desilude.

Privilegiando a literatura no seio de uma imprensa periódica, ainda que idiosincrática, convocando mestres como Agustina ou Vasco Graça Moura, que parecem guiar uma linha semântico-estilística onde cultura e humor são matriciais, Mário Assis Ferreira, atento ao mundo, honra a arte, uma arte longe de ideologias, isenta, porque em *Egoísta* mas não só há uma política de verdade e de liberdade.

Aqui chegada, cessam os paradoxos, agora, agora o cachimbo é já o de António Nobre. A arte purifica. A soma é maior que as partes. JL

## O HOMEM DO LEME

MANUEL HALPERN

### Apenas canções

**U**m serviço de streaming musical pediu-me, enquanto responsável pela música pop do JL, uma *playlist* com as melhores canções de 2015. Portuguesas ou estrangeiras, populares ou experimentais, indies ou mainstream... Tanto faz, desde que sejam canções. Um desafio simultaneamente estimulante e ingrato, que não deve ser levado demasiado a sério. Vale o que vale, como as sondagens e quase tudo o resto. Enfim, como escreveu Guimarães Rosa: “Pãos ou pães é questão de opiniões”.

Sinal dos tempos é que, ao contrário do que aconteceu em anos anteriores, pediram-me canções em vez de álbuns. A canção é a quintessência da música pop. Foi por aí que tudo começou e é o que tem perdurado ao longo dos tempos. O pop-rock constrói-se sobretudo através dos hits. Os hits do Elvis que se vendiam em singles e EP. Os hits dos Beatles que passavam na rádio. Os hits do Michael Jackson vistos na MTV.

A determinada altura, a cultura do single, pelo menos em determinados meios, foi substituída pela cultura do álbum. Isso aconteceu com o aparecimento dos álbuns conceptuais, cujo exemplo máximo é *Sargent Peppers* dos Beatles. Nos anos 70, a tendência intensificou-se, até porque algumas bandas apuraram a ideia de álbum conceptual, criando temas mais longos e entrecruzados que contrariavam totalmente a ideia do single. Nos anos 80, o single continuava e as duas realidades conviviam, mas reinventou-se o máxi-single. Este máxi-single já não era uma espécie de mini-LP com quatro temas, como acontecia nos anos 50 e 60, mas antes uma oportunidade para apresentar versões mais longas e remisturadas dos hits, sobretudo na música mais dançável.

Na década seguinte, os anos 90, o CD passou a tomar conta do mercado. E apesar da coexistência de cd-singles, vingou novamente o formato longo. Se nos LP havia uma preocupação especial com o início do lado A e do lado B, tal deixou de fazer sentido. E o pioneiro Brian Eno até tratou de fazer um CD com um só tema de 78 minutos sem interrupções, como não seria possível no formato anterior.

O CD, vendido como o suprasumo da barbatana, acabou por se revelar um dos mais efémeros suportes. E ironicamente com o advento dos ficheiros e dos serviços de streaming, o pop recuperou o seu formato primordial, e hoje procuram-se essencialmente canções. Por mais que se queria defender a pureza artística, é inevitável constatar que o formato condiciona o conteúdo tanto ou mais do que o conteúdo condiciona o formato. Também é verdade que o formato virtual permite a construção de temas ininterruptos de longas horas. Mas, aparentemente, estão todos mais interessados em canções. JL

S

Só vale a pena a gente autobiografar-se quando já se fez a maior parte da caminhada que é a nossa vida, que para alguns é fácil mas chata, em chão raso, e para outros a subir. Por mim acho que tem sido a subir, e que quanto mais anos tenho mais ampla é a paisagem em meu redor. Gosto de contemplá-la como se de outrem fosse, mas saboreando-a mais por ser de outras de mim – as que fui sendo ao longo da vida. Sim, porque vamos sendo outros, no decorrer das nossas diferentes idades, embora essas diferentes criaturas, no que me diz respeito, gostem muito umas das outras, contrariamente ao que se passa com o meu amigo Pessoa que escreveu: “De dia a dia nos desamparamos”.

Nasci já órfã, três meses depois de o meu pai morrer – muito jovem, com 20 e poucos anos. Cresci no imenso colo de uma família grande (tias, tios, avós – quatro!) e tive duas mães: além da verdadeira, uma tia, sem filhos, com quem fomos viver, e um pai: o querido tio António, marido da tia, que sempre como tal se comportou. Por isso, a minha orfandade não me devia ter marcado. Mas marcou. Talvez inclinando-me afetivamente para homens mais velhos... Brinquei sempre sozinha. Fui até aos 12 anos não só filha única mas neta e sobrinha única, aparecida por todos. Talvez por isso gosto da solidão, como dizia a minha mãe. Quando me davam beijos não gostava, esfregava logo a cara com a mão. Ainda hoje sou assim.

Aos sete anos fui para a escola primária. A professora da 4ª classe, D. Gabriela, descobriu que eu tinha muito jeito para redações e essa fama granjeou-me glória mas alguns encargos: as moças mais velhas, já namoradeiras, vinham-me pedir para lhes escrever cartas aos bem amados. Como comecei cedo a construir ficções, lembrei-me de escrever a uma das mais taludas uma declaração de amor de um namorado por mim inventado, em arrebatadas investidas eróticas, nem sei onde fui adquirir tal terminologia! Dias depois, a mocinha apareceu em minha casa, chorosa, pela mão da mãe que queria à força que eu lhe dissesse quem era o malandrão que tinha escrito aquela carta à filha, que o pai lhe queria dar uma surra. Confessei que era eu: a deceção da moça tocou-me mais que a surpresa da mulher: então aquela menina de claros olhos cândidos é que tinha escrito tais indecências?! Não me assustei porque a minha mãe, que não se ensaiava nada para me dar umas boas nalgadas, não conseguia conter o riso. Pena que tais cartas nunca possam vir a constar das

> AUTOBIOGRAFIA <



## Teresa Rita Lopes

### Uma caminhada a subir

minhas *Obras Completas*, se um dia mas fizerem!

Agora o liceu. Ficava na periferia da cidade (Faro), como então a minha casa, na Rua de São Luís. Ia para lá a corta-mato, através de uns campos com amendoeiras. Estudava pouco e não estava com muita atenção nas aulas porque me distraía a escrever versos nos “cadernos diários”. Mas os professores gostavam de mim. Eu era ladina mas “engraçada” – mais tarde um deles, o dr. Ferro, confessou à Maria dos Reis, amiga de toda a vida, quando já eram colegas no Liceu de Oeiras: “As meninas eram tão engraçadas!”. Todos sabiam que eu era dada ao teatro e à poesia, porque, logo no 1º ano, organizei um sarau no salão solene, com a representação da *Gata Borralheira*, por mim adaptada e encenada e representada. A mania do teatro nunca mais me passou. No 2º ano criei um jornal escrito em stencil e policopiado: *A Voz da Juventude*. No 3º e no 4º passou a ser impresso, na Tipografia União. Levava o tempo a contar as moedas de dez tostões, preço de cada jornal, para pagar os 200 escudos que custavam os 220 exemplares! (Também me ficou a pecha dos jornais e revistas: a última, recente, foi uma antologia do jornal on-line das colectivas aventuras pessoanas, intitulada *Modernista*.) No meu 6º ano, nuns Jogos Florais do liceu, consagraram-me com quatro prémios: os três de poesia e o primeiro de ficção! O 1º prémio de Poesia foi a *Mensagem*, de Pessoa – que não estava ainda na moda, honra seja feita ao júri! –, mas não posso dizer que isso fosse determinante para a minha vocação pessoana porque sempre tive, em relação a esse livro, uma relação distante, de contido apreço...

Tenho a sorte de nunca ter sido obrigada a ser uma profissional da escrita: ganhei o meu pão e da minha família, que sempre tive unicamente a meu cargo, como professora. Foi a minha profissão, à minha vocação só me dedico quando me apetece. Nem me afeta muito ser ou não publicada. Isso já é outro momento. Outro contentamento – se o for.

Em 1962, o Artur Ramos pediu-me uma peça para o Teatro Nacional; dei-lhe uma, acabada de fazer, *Três Fósforos*, que a Censura proibiu, já com os ensaios a meio.



**Teresa-Rita Lopes,**  
78 anos, dramaturga,  
poetisa, ficcionista,  
ensaísta e investigadora  
pessoana, professora  
catedrática de  
*Literaturas comparadas*  
da Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas, da  
Universidade Nova de  
Lisboa. Acaba de lançar  
a sua edição do Livro(s),  
do Desassossego  
(ver pp 6/7)

Aflito, quis outra, *Retrato com Pássaros*, que encenou e ensaiou até ao ensaio geral, em que a Censura a proibiu.

Por estas e outras é que a PIDE me foi prender, em novembro de 1963, a uma casa de onde me tinha mudado, na outra margem, perto do mar, onde ainda hoje gosto de morar. Avisaram-me, e no dia seguinte, tomei o comboio para Paris. Deixava a casa, a mãe, três filhos (dois gémeos com um ano e outro com três). E um marido. Que no ano seguinte foi ter comigo. Mas separámo-nos pouco depois. Entretanto relacionei-me com o António José Saraiva, que não conhecia pessoalmente, só dos livros, e por lá andava, no Café dos portugueses exilados, com um ar muito “pendurado”, como eles todos. Tinha uma boina basca muito sebenta e uma

magra bolsa do Centre National de Recherche Scientifique. Tinha apenas 40 e tal anos mas parecia-me um senhor de idade, mal trajado, mal cuidado. Vivia sozinho num quarto alugado em casa de um velhote francês, também solitário, num prédio do Boulevard Saint Germain. Foi o *maître à penser* dos jovens marxistas de então. Mas já tinha saído do Partido Comunista.

Pedi-me para ver poemas meus, de que disse gostar muito, e que exprimiam em verso o que ele nem em prosa sabia dizer. Mostrou-me ficções dele, até pus em teatro um seu conto “O Grande Reizinho da Pigmilândia” (inserir no meu *Teatro Reunido* mas nunca foi representado). Isso tudo nos aproximou. O gosto pelo teatro e pela poesia, sobretudo. Adaptámos ambos duas peças do Gil Vicente a linguagem atual, que pudesse ser entendida pelos trabalhadores emigrados: *A Farsa de Inês Pereira* e *Quem tem Farelos*. A segunda foi representada em Paris e em *foyers* dos ditos trabalhadores. Fizemos, por essa altura, um artigo a quatro mãos para a revista *Vértice* sobre Gil Vicente. Houve, afinal uma troca de autores: ele incutiu-me o gosto do Gil Vicente, de que eu pouco sabia, e eu a ele o do Pessoa, que ele só ainda conhecia pela rama.

Comecei então a fazer o meu doutoramento; Pessoa já era, nessa altura, minha companhia quotidiana. Mas o teatro continuava a ser outra das minhas paixões. Lembrou-me de, ao chegar a Paris, ficar muito reconfortada por me mostrarem o meu nome numa *História do Teatro Português*, escrita por uma estudiosa italiana Lucciana Stegano Picchio. Mas nunca separei o teatro da poesia. Também tinha publicado poemas nas páginas literárias que, na altura, abundavam. Cada jornal tinha a sua.

Talvez por isso, resolvi estudar Pessoa como poeta-dramaturgo, perspectiva que ele reivindica mas nunca até aí aceite por ninguém. Fui ver o René Etiemble, especialista em Literatura Comparada, na Sorbonne, que me confessou nada saber de Pessoa. Mas bateu-me no ombro e encorajou-me: “Je vous fait confiance”. No final fez-me o prefácio para a edição do meu grosso calhamaço, editado pela Gulbenkian em 1977: *Fernando*

*Pessoa et le drame symboliste – héritage et création*. O 4º volume da tese, *Fernando Pessoa et le théâtre de l'être* – foram quatro os volumes policopiados apresentados para a defesa – foi mais tarde publicado pela editora parisiense, Éditions de la Différence, que também editou, uma antologia da minha poesia: *La Vie en Vers*.

Em 1969, depois do Salazar cair da cadeira, comecei a vir a Portugal. No exílio não tinha alinhado com partido político nenhum – como nunca, aliás, em toda a minha vida. Tudo o que fiz foi, como sempre, por pessoal impulso e gosto. Assim, emparceirei com o Saraiva e a Maria Lamas na criação de uma sucursal portuguesa da “Liga Francesa para o Ensino Laico”, com sede em Paris. Tínhamos uma bela sala que a Liga nos cedeu, onde fizemos encontros culturais. Mas achámos necessário ir ao encontro dos portugueses emigrados nos sítios em que viviam e organizámos sessões de alfabetização e cursos vários. E levámos ao bairro de lata de Champigny *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, representado pelo grupo de teatro que formámos.

Constituiu-se, tempos depois, a Universidade Nova de Lisboa. Os profs. Vitorino Magalhães Godinho e Maria de Lourdes Belchior estiveram na sua origem e convidaram-me, a mim e ao António José Saraiva, para integrar o elenco, mal rebentou o 25 de Abril.

Hoje o Pessoa é mais conhecido por esse mundo fora que o Camões, só suplantado pelos craques do futebol – que passarão, mas ele ficará. Esta glória internacional é, contudo, recente. O Etiemble, que o conheceu através da minha tese, disse-me que ela tinha tido um grande papel na divulgação do Pessoa em França – o que deve ser verdade porque nem o Barthes, cujo seminário então segui, nos Hautes Études, sabia quem era.

Sempre tive o impulso de escrever poesia e prosa porque sim, como outros cantam por puro prazer. Estou sempre a dizer que vou arrastar as mangas e organizar “as minhas coisas” para edição. Mas acabo por dar prioridade às do Pessoa... Já comecei a dizer, como as pessoas de idade: “Não quero morrer sem” – deixar o “meu” Pessoa”. Porque este “meu” é o que eu considero que ele foi e é e até disse que era, sem nunca ser bem compreendido: o poeta dramático do “drama em gente”. Dedico-me também, há anos, à sua biografia que tem uma forma muito especial... Não digo, é surpresa... Já está enorme, a dificuldade é pôr-lhe ponto final.

Além disso, sem alistamento nem obediência a qualquer partido ou ideologia, continuo a fazer espontaneamente a minha guerrilha quotidiana por um mundo mais justo. **JL**







## Cláudia Semedo Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento

Pág. 2

## Marrocos Mestrado de didática da língua portuguesa

Pág. 3

## Recital sobre Gregório de Matos

Pág. 3



**Exposição  
de João Maria Gusmão  
+ Pedro Paiva  
em Berlim**

Pág.4

**Projetos e  
Concursos de Souto  
de Moura expostos  
em Sevilha**

Pág.4

**As 1001 Noites  
de Miguel Gomes  
em festival  
berlinense**

Pág.4

**O Espírito  
Caluanda  
de António  
Ole**

Pág.4

## Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento

# «Migração irregular não é o problema»

## – Cláudia Semedo

«Numa altura em que centenas e centenas de milhares de pessoas rumam à Europa e a outras regiões do mundo, fugindo dos seus países à procura de condições de vida condignas, Cláudia Semedo (Oeiras, 1983), Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento (AED), que decorreu em 2015 promovido pela União Europeia (tendo como entidade coordenadora em Portugal o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua), afirma que «a migração irregular não é o problema mas, sim, o resultado do problema», que importa perceber e encontrar formas de resolver.

Nesta entrevista, a atriz e apresentadora Cláudia Semedo, licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, fala da cultura como «potentíssimo fator de desenvolvimento», da nova visão das políticas de desenvolvimento, que se distanciaram da perspectiva anterior que privilegiava as diferenças norte-sul, da agenda pós-2015 e do desenvolvimento sustentável.

A participar presentemente no elenco de *Macbeth* – peça encenada a partir de textos de William Shakespeare por Carlos Avilez, numa produção do Teatro Experimental de Cascais –, Cláudia Semedo aborda ainda a sua experiência como Embaixadora do AED, que para ela «significou ganhar um palco enorme para partilhar uma visão de um mundo mais justo, mais livre, mais humano».

**– Acha que, tal como o AED (Ano Europeu para o Desenvolvimento) propunha, se conseguiu explicar aos cidadãos europeus, e aos portugueses em particular, como funciona a ajuda ao desenvolvimento e demonstrar que o seu dinheiro produz efeitos concretos e duradouros no combate à pobreza em todo o mundo?**

O AED representa mais uma etapa num eixo de atuação mais vasto que tem vindo a ser trabalhado por vários organismos públicos e organizações da sociedade civil para o esforço de levar as matérias do desenvolvimento para junto do quotidiano dos cidadãos.

Neste âmbito, fizemos exposições, conferências, debates, mesas redondas, semanas do desenvolvimento, escrevemos artigos, demos entrevistas, fomos a escolas, universidades, a prisões, a juntas de freguesia e a espaços de infância. Aproveitámos todas as oportunidades para falar do tema com a profundidade que a reflexão exige. Sei que temos vindo a despertar muitas consciências.

**– Dos 12 temas do AED, quais os que considera mais relevantes?**



Refugiados na fronteira germano-austriaca

Os 12 temas do AED procuram de alguma forma sintetizar as principais áreas de trabalhos e os principais desafios do desenvolvimento não devendo nesse sentido ser hierarquizados. Há situações mais urgentes do que outras mas que se prendem mais com o contexto de cada comunidade do que com um grau de importância pré-definido. Há países em que as questões da segurança alimentar estão à frente de todas outras, noutros é o acesso à saúde e a prevenção de doenças que pedem uma ação mais imediata e noutros ainda é a paz a necessidade primeira.

**– Entre os 12 temas do AED figura a educação, mas a cultura está ausente. No entanto, as mais recentes políticas de desenvolvimento tendem a dar um lugar de destaque à cultura como um motor de desenvolvimento. Que comentário?**

Enquanto atriz e alguém que escolheu a comunicação como forma de promoção da mudança, acredito que a cultura é um potentíssimo factor de desenvolvimento. Apesar de não haver um mês específico, a cultura está presente em muitas das temáticas debatidas. A abordagem é ampla.

**– Considera realistas os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) aprovados pelas Nações Unidas em Nova Iorque, em setembro passado?** A agenda pós-2015 é ambiciosa porque é universal e procura abarcar as três componentes do desenvolvimento sustentável: o social, o económico e o ambiental.

É uma oportunidade a não desperdiçar que resulta de um processo inclusivo no qual estiverem envolvidos os Estados-membro das Nações Unidas, 32 agências especializadas da ONU, a Sociedade Civil de forma organizada e para o qual foram consultados milhões de cidadãos

em reuniões presenciais em mais de 100 países. Neste sistema, foram promovidas 88 consultas nacionais, incluindo em Portugal, e foi assumida uma consulta *Global My World*.

Acho ótimo que se pense com ambição no desenvolvimento e acredito que com comprometimento, vontade política e ações concertadas podemos cumprir todos os objetivos traçados para alcançar a justiça, a igualdade e a liberdade global.

**– Qual o papel da Europa (e de Portugal) nesta agenda pós-2015?**

Ao contrário dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), a agenda pós-2015 é uma proposta que envolve de igual forma todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, da mesma forma. Europa e Portugal têm a mesma responsabilidade que todos os estados que se comprometeram a cumprir os objetivos traçados têm. Um dos ODS prevê a promoção de parcerias o que indica a consciência de que a partilha de conhecimentos e do saber fazer terá um papel essencial.

Por outro lado, o papel da Cooperação para o Desenvolvimento continua a ser real e fundamental para a erradicação da pobreza e para a promoção de sociedades mais justas e equitativas, de instituições eficazes e que defendam os Direitos Humanos, incluindo os Direitos das Mulheres e das crianças.

**– Fala-se muito hoje em dia das dicotomias de desenvolvimento dentro de regiões continentais e dentro dos países, em contraposição a uma perspectiva anterior que privilegiava as diferenças norte-sul à escala do mundo. Reconhece-se nesta visão dos problemas de desenvolvimento?**

Reconheço. Acho que é uma visão que está mais de acordo com a realidade e mais próxima das necessidades particulares de cada comunidade. Os mecanismos de auscultação são cada vez mais rigorosos, o que permite uma análise mais precisa.

**– Estamos a assistir a movimentos populacionais sem precedentes nas últimas décadas em que centenas de milhares de pessoas, senão mesmo milhões, migram e procuram refúgio e/ou melhor vida noutras paragens, sobretudo na Europa. Qual a responsabilidade dos desequilíbrios de desenvolvimento entre continentes e países, e dentro destes, do atraso e da pobreza na emergência desses movimentos?**

É enorme. A mobilidade é uma possibilidade maravilhosa enquanto escolha. Atualmente, a maioria dos migrantes não o é por opção. Há atualmente cerca de 60 milhões de

refugiados no mundo. Pessoas que não conseguem reunir no seu país de origem as condições necessárias para manter uma vida digna. Pessoas que, com grande espírito de sacrifício, abandonam os seus lares, as suas gentes e as suas vidas na expectativa de encontrarem um sítio onde possam efetivamente viver. Importa perceber o que causa este problema e encontrar formas de o resolver. Porque a migração irregular não é o problema mas, sim, o resultado do problema. Não devemos esquecer-nos disto. Assim como não deveremos esquecer-nos que o grande fluxo de pessoas acontece por exemplo dentro do continente africano e não para a Europa.

Se os nossos direitos fossem respeitados, acredito que assistiríamos a uma redução acentuada desses movimentos.

**– Hoje a palavra de ordem é desenvolvimento sustentável. Entende-se muitas vezes como um desenvolvimento ambientalmente sustentável. Mas esta posição surge quando muitos países e regiões já estão desenvolvidos e outros não. Não é pedir de mais a esses outros países e regiões para que se desenvolvam respeitando o ambiente?**

Claro que não. A aposta na transferência de tecnologia preconizada pelos ODS procura responder a esta necessidade. Promover um caminho de desenvolvimento sustentável é apontar na direção da saúde, da justiça, do respeito e de um futuro para a população de cada um desses países. É importante que não associemos desenvolvimento sustentável a um tipo de desenvolvimento moroso ou incapaz de dar resposta às nossas necessidades.

**– Está a fazer um ano que foi investida como embaixadora do AED 2015. Como surgiu o seu envolvimento nesta campanha?**

Surgiu por convite. Fui sugerida pela Embaixadora da Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População, Catarina Furtado, que acompanha o meu percurso há 14 anos.

**– O que é que significou ser embaixadora do AED? Quais foram as suas tarefas no AED? O que retira da experiência no plano pessoal e profissional?**

Ser embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento significou ganhar um palco enorme para partilhar uma visão de um mundo mais justo, mais livre, mais humano. Enquanto embaixadora tive um papel de grande proximidade com crianças e jovens em idade escolar. Participei em palestras, colóquios, debates, conferências, escrevi artigos para vários meios de comunicação e estive sempre em ligação com as associações e organizações que trabalham no terreno.

Está a ser um ano de enorme enriquecimento e crescimento pessoal, não só em termos de conhecimento adquirido mas também de um esclarecimento da minha visão do mundo e posicionamento no mesmo.

## Cláudia Semedo

«Distinguida com o Prémio Bernardo Santareno na categoria de Atriz Revelação, Cláudia Semedo participou em diversas peças teatrais como *A Bicicleta Que Tinha Bigodes*, *O Amor Não É Um Fogão*, *Paredes Meias* ou *Antes de Começar*. No cinema participou em filmes como *O Crime do Padre Amaro*, *O Último Voo do Flamingo*, *Ricochete*, *Nuvem Passageira*, entre outros.

Na televisão, fez parte do elenco de telenovelas e séries e apresentou diversos programas, entre os quais *Desafio Verde* e *Nós* na RTP, programas que versam sobre ecologia e inclusão respetivamente.

Investida Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento 2015, tem também trabalhado com a Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade em iniciativas contra a violência doméstica e violência no namoro.



## Marrocos

# Mestrado de didática da língua portuguesa



❖ O primeiro curso de mestrado para ensino do português como língua estrangeira teve o seu início no presente ano letivo de 2015/2016 na *Ecole Normal Supérieure* da Universidade Mohammed V Agdal (UM5A), de Marrocos. O curso é um dos dois ramos do mestrado em didática das línguas e culturas latinas, que compreende, além do português, o italiano, e é a «sequência natural» licenciatura em língua portuguesa, criada em 2008 no quadro de um protocolo de cooperação tripartido celebrado entre a Universidade de Lisboa (UL), a UM5A, em Rabat, e o Camões, I.P., segundo afirma José Bettencourt Gonçalves, docente do instituto público português naquela

universidade marroquina.

«Desde o início da formação desta parceria – Camões, I.P., UL e UM5A, de Rabat – que existe a aspiração a que o português venha a ser incluído no sistema de ensino, a nível do secundário», afirma o professor, explicando a decisão de criar o curso de mestrado, que habilita para a docência. «Para que este desiderato possa ter concretização [em Marrocos], a criação do mestrado era imprescindível». Marrocos, acrescenta ainda, «é um país cujo paradigma é bastante europeu e assim, a um 1º ciclo de estudos superiores segue-se naturalmente um 2º».

A implementação do mestrado foi assumida principalmente pela *Ecole*

## Motivações

❖ «Quem aprende português em Marrocos tem, regra geral, como motivação o aumento das suas oportunidades de trabalho», garante José Bettencourt Gonçalves, docente de língua portuguesa da Universidade Mohammed V Agdal (UM5A), de Marrocos.

Mas a par das motivações de carácter económico surgem outras, diz. É o caso de alunos que gostam da música portuguesa e resolvem aprender a língua, alunos que visitaram Portugal ou o Brasil e decidem aprender o português, casos de casamentos mistos, etc.

Mas a nível dos alunos que frequentaram ou frequentam a licenciatura de Estudos Portugueses, «é a vertente da maior oportunidade de trabalho que predomina». «Os marroquinos têm consciência de que uma língua representa uma mais-valia». É assim que se compreende que, ao longo dos anos, vários alunos que já tinham outra licenciatura, e até alunos com mestrado, se tenham inscrito na

licenciatura de Estudos Portugueses da UM5A. Nos cursos livres do Centro Cultural Português de Rabat – conta o docente –, um aluno que vem de Marraquexe para ter a sua aula de português faz 4 horas e meia de comboio para cada lado. «Creio que se pode depreender que isto significa que o português tem para ele importância considerável».

Em termos de saídas profissionais, embora José Bettencourt Gonçalves tenha perdido o rasto a um ou outro aluno – porque muitos deles vêm de pontos muito afastados do território –, «a maioria está, ou a prosseguir estudos – mestrado ou doutoramento – ou a trabalhar, sobretudo em empresas que têm negócios com países de língua portuguesa». Neste momento, diz, «há uma empresa que tem 3 vagas em que o português é um requisito e não consegue encontrar candidatos». Por outro lado, 7 ex-alunos estão presentemente em Portugal a fazer o seu mestrado e 8 em Marrocos. Considerando o número dos até agora licenciados em Estudos Portugueses, estes 15 mestrandos constituem quase um terço do total.

*Normal Supérieur* da UM5A, com a colaboração ativa dos departamentos de Italiano e de Português. O mestrado tem um tronco comum às duas línguas e um número de disciplinas específicas em cada uma delas. Neste primeiro ano é frequentado por 8 alunos.

Já a licenciatura em estudos portugueses iniciou-se em 2009-2010. De acordo com os dados avançados por José Bettencourt Gonçalves, existem em média, em cada ano letivo, cerca de 50 alunos inscritos, distribuídos pelos três anos do curso. No 1º ano existem atualmente 32 alunos inscritos, 15 no 2º ano e 12 no 3º. No presente ano, «parece verificar-se um aumento da procura» na fase inicial do curso, que o docente interpreta como resultado da criação do mestrado. O número dos já licenciados é de 51, os primeiros dos quais no ano letivo de 2011/12.

Genericamente, o estado do ensino da língua portuguesa em Marrocos é «bom», na avaliação de José Bettencourt Gonçalves. O ensino do português processa-se não só nos níveis da licenciatura e do mestrado, como também com os cursos livres no Centro Cultural Português de Rabat, nos níveis A – iniciação – e B – consolidação, refere o docente.

«A extensão ao ensino secundário continua no horizonte», mas, para tal, José Bettencourt Gonçalves considera «condição necessária que haja docentes com o grau de mestrado», pelo facto de estar previsto que o grau de mestre será exigido aos professores do ensino secundário, no âmbito de alterações em curso a nível de política linguística.

Outra vertente de que há que cuidar para que o ensino do português se alargue no reino norte-africano, é o dos programas e, sobretudo, dos manuais e outros materiais didáticos. A seu ver, «os manuais de português língua estrangeira (PLE) existentes adequam-se sobretudo a alunos que chegam a Portugal e aprendem a língua em situação de imersão linguística». Para adolescentes que não conhecem Portugal, os manuais existentes parecem-lhe «insuficientes e pouco motivadores».

Embora «seja mais uma questão de política linguística do que de ensino propriamente dito», defende que se deve sempre «tentar fazer de cada lusófono um lusófilo». E isso exige, diz, «materiais adequados que motivem» e sejam «uma janela para outros horizontes, que contemplem (...) uma vertente cultural capaz de desencadear esse processo de gosto pela língua que se estuda».

Um terceiro aspeto prende-se com o facto de, na sociedade marroquina, a escolha dos jovens ter de ser sempre aprovada pela família e em muitos casos partir mesmo dela. Assim, sublinha, «há todo um trabalho a fazer para que as famílias marroquinas considerem o português como uma língua que merece ser incluída nas escolhas dos filhos». E para que tal aconteça não está em causa apenas a vertente económica, número de falantes, etc. – «o italiano, se tivermos em consideração o número de falantes, é uma língua de fraca expressão, no entanto, tem bastante procura por cá» – mas também o seu «valor cultural».

## Recital sobre Gregório de Matos no Camões, I.P. em Lisboa



Ricardo Bitencourt

❖ Um espectáculo dedicado àquele que é apontado como um dos primeiros poetas do Brasil – Gregório de Matos (1636-1696) – estreia amanhã em Lisboa, no Palacete Seixas, sede Camões, I.P. em Lisboa, estando em cena nos dias seguintes no Teatro da Comuna. A interpretação de *Boca a Boca: um solo para Gregório* está a cargo do ator baiano Ricardo Bitencourt, acompanhado do músico Leonardo Bitencourt. Ambos «promovem um verdadeiro recital em formato de *show* de rock'n roll», segundo o comunicado dos produtores brasileiros do espectáculo (Theatro XVIII e a Sole Produções), que teve «ensaio aberto» a 26 de novembro em Salvador.

*Eu sou aquele que os passados anos / Cantei na minha lira maldizente / Torpezas do Brasil, vícios e enganos* – com estes versos de Gregório de Matos abre o recital, que tem guião e encenação de João Sanches. «Queremos trazer Gregório de volta para a Bahia e mostrar o quanto ele é atual», comenta Sanches.

O recital «busca reconhecer a importância do poeta baiano, que é considerado, por muitos teóricos, o primeiro escritor brasileiro efetivamente nascido no Brasil, em 1636. Depois de ficar conhecido como *Boca do Inferno* e *Boca de Brasa*, pelas críticas ferozes e debochadas que fazia em suas poesias à sociedade do século XVII, Gregório foi preso e enviado para exílio em Angola. Conseguiu ser perdoado e voltar ao Brasil, mas com a condição de que morasse em Recife e nunca mais voltasse à Bahia, permanecendo até hoje banido de sua terra», lê-se no comunicado.

Segundo Simone Carrera, diretora-geral da Sole Produções, a obra de Gregório de Matos «inaugura a poesia do povo brasileiro» e «retrata a Bahia e o Brasil, descrevendo costumes típicos e criticando hábitos negativos». Carrera sublinha que o

«poeta se refere aos portugueses de sua época como estrangeiros». A sua produção apresenta «expressões tipicamente brasileiras, fruto da mistura de palavras indígenas, africanas e portuguesas», refere. «Gregório de Matos também escreveu poemas religiosos e líricos da mais alta qualidade, expressões autênticas do espírito barroco».

O espectáculo «é um recital performático, com muito humor, e que apresenta reflexões políticas muito atuais», garante Simone Carrera. A banda sonora, que entremeia as declamações e as narrações sobre a vida e obra do poeta, tem música dos *The Doors*, Caetano Veloso, *Nirvana*, *Ramones*, *Novos Baianos* e Gilberto Gil. «Gregório é *rock'n roll* puro, pois ele tem essa atitude roqueira da contestação. Isso sem contar que ele é POP – por isso, o repertório se vale de estrelas da MPB [música popular brasileira] e do *rock* internacional», explica João Sanches no comunicado.

Para Ricardo Bitencourt, o espectáculo é rápido, dinâmico e apresenta o texto de Gregório como grande protagonista. «Eu sou um agente do discurso do poeta e um porta-voz da poesia dele», explica, sublinhando que «são os *eus líricos* de Gregório que aparecem durante as declamações».

O guião apresenta 40 poemas ou trechos de poemas de Gregório de Matos, divididos por temas, como a sátira de costumes, o sexo, a religião e a crítica ao poder. Intercalando os blocos de temas, há pequenas narrativas que contextualizam e associam cada texto a momentos da vida do poeta, explica o comunicado.

O título do espectáculo faz referência não só aos apelidos que o poeta ganhou, mas também à forma como a sua poesia foi perpetuada: de boca a boca, de cópia em cópia, uma vez que a imprensa era proibida no Brasil colonial até 1808. A publicação das obras completas de Gregório de Matos só ocorreu no século XX, ou seja, quase trezentos anos depois de manuscritas.

*Boca a Boca: um solo para Gregório* será o primeiro espectáculo sobre Gregório de Matos a ser apresentado em Portugal, pela mão da companhia de teatro 33 Ânimos e em parceria com *Res Inexplicata Volans*, um espectáculo a que o público português tem convidado a assistir pela cantora brasileira Daniela Mercury. Gregório de Matos estudou direito em Coimbra e passou 30 anos em Portugal antes de regressar ao Brasil e iniciar a sua carreira literária. «Portugal foi quem deu régua e compasso a Gregório. Precisamos apresentá-lo tardiamente aos portugueses», explica Ricardo Bitencourt, que constatou ser aquele autor pouco conhecido em Portugal, apesar de aí ter vivido longamente.

## Obra de Souto de Moura exposta em Sevilha

¶ Agora é a vez de Sevilha, onde a Fundação Valentín de Madariaga acolhe até 31 de janeiro de 2016, em colaboração com o consulado-geral de Portugal e o apoio do Camões, I.P., a exposição de arquitetura *Eduardo Souto de Moura: Projetos e Concursos*, que percorre de maneira crítica a trajetória de uma das mais importantes referências da arquitetura portuguesa e mundial contemporânea, distinguido com o Prémio Pritzker em 2011.

A exposição, já vista em Espanha, em Madrid, durante a Mostra Portuguesa de 2014, propõe duas vias para entender o trabalho de Souto de Moura (Porto, 1952): a partir dos seus projetos construídos - como a *Reabilitação do Convento das Bernardas*, a *Casa das Histórias Paula Rego*, *Torre Burgo*, *Estádio Municipal de Braga*, *Complexo la Pallaresa*, a *Casa do Cinema de Manoel de Oliveira*, entre outros; e a partir de alguns dos concursos mais relevantes em que o arquiteto participou - como a *Alta Velocidade Évora* ou as *Piscinas de São João da Madeira*.

De forma a potenciar a sua projeção pública e mediática, a exposição - com curadoria dos arquitetos Ana Leal e André Campos - foi concebida para estar patente em dois espaços, o Pavilhão de Portugal da Exposição Ibero-americana de 1929, sede do consulado-geral de Portugal - exposição *concursos* -, e o Pavilhão dos EUA naquele certame, atual sede da Fundação Valentín de Madariaga - exposição *projetos* -, permitindo estabelecer um 'diálogo' entre dois edifícios que são também eles referências arquitetónicas emblemáticas da cidade de Sevilha.

Até janeiro está prevista a realização de um conjunto de conferências de destacados arquitetos de Portugal e Espanha, incluindo aquela que constituirá o ponto alto desta iniciativa, a cargo do arquiteto Eduardo Souto de Moura. Está igualmente prevista a realização de visitas de estudo por parte de estudantes de arquitetura e de escolas profissionais andaluzas à exposição.

## As 1001 Noites de Miguel Gomes em festival berlinense

¶ O realizador Miguel Gomes participou, com os 3 volumes do filme *As 1001 Noites (O Inquieto, O Desolado e O Encantado)* no Festival de Cinema Independente *Around the World in 14 Films*, que decorreu 27 de novembro a 6 de dezembro nas salas da Kulturbrauerei da capital alemã.

O Festival, fundado em 2006, apresenta todos os anos, durante 9 dias, 14 filmes especiais do jovem cinema mundial. Todos os filmes foram apresentados pela primeira vez em Berlim, tendo sido mostrados anteriormente nos festivais de cinema de Cannes, Locarno, Roterdão, San Sebastián, Sundance, Toronto ou Veneza.

A participação de Miguel Gomes contou com o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Berlim. O festival teve igualmente a presença de cineastas de todo o mundo que apresentaram os seus filmes.

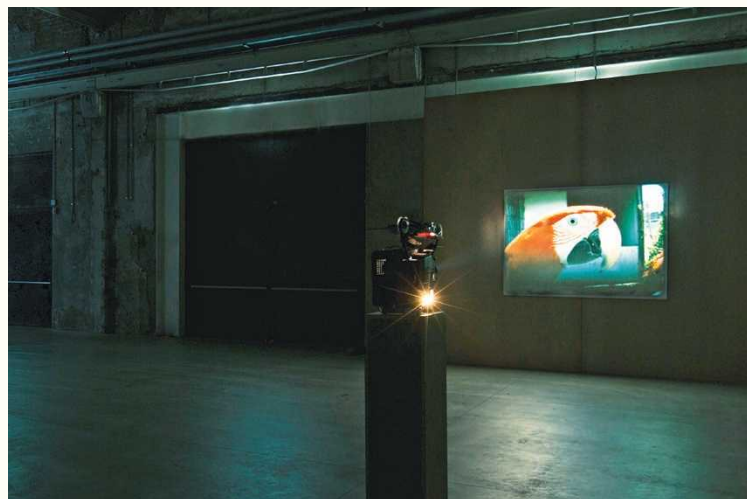
## «Estão a vender bacias?» – o Espírito Caluanda em exposição de António Ole

¶ *Espírito Caluanda* foi o título da exposição de António Ole que esteve patente em novembro no Centro Cultural Português/Camões, I.P. de Luanda. A mostra daquele é um dos mais importantes artistas plásticos angolanos foi acompanhada por um pequeno ciclo de cinema durante o qual foram exibidos dois documentários realizados por António Ole e um documentário sobre a sua vida e obra, do cineasta português Rui Simões.

Segundo o comunicado de imprensa, Ole apresentou 22 obras de pintura, fotografia e instalação, na sua maioria inéditas, entre as quais se destacam dois trípticos de fotografia e caixas de luz, que evocam o *Espírito Caluanda*.

Num texto alusivo, Filipe Correia de Sá, jornalista e escritor, conta uma história com que pretende ilustrar o 'espírito caluanda': «recentemente, quando se preparava para levar a sua arte à Bienal de Veneza 2015 (como artista e como curador da representação de Angola), António Ole voltou a inspirar-se na cidade para fazer uma peça para a qual utilizou baldes, desses que as quitadeiras usam nos seus afazeres, de várias cores, encarnados, azuis, verdes, amarelos. Terminada a instalação Ole colocou-a na parte fronteira do estúdio, que tem uma parede de vidro. A umas senhoras que passavam não passou despercebida a exposição, atraídas pela cor e sem dúvida pela cuidada forma em que se expunham e foram ter com o António Ole a quem perguntaram: Estão a vender bacias? Aqui nesta cena, em que a arte dá encontro com o real que a inspira, quem valeu e quem falou foi mesmo o Espírito Caluanda. O Ole prova: ele existe!»

## Exposição de João Maria Gusmão e Pedro Paiva em Berlim



João Maria Gusmão + Pedro Paiva. *Papagaio*. Vista da instalação na Fondazione HangarBicocca, 2014

¶ *Papagaio* - a mais recente exposição de João Maria Gusmão e Pedro Paiva voltou a sair à rua e está em Berlim, na galeria KW - Institute for Contemporary Art, até 24 de janeiro próximo, com o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Berlim, depois de ter sido apresentada pela primeira vez, em 2014, no Hangar Bicocca de Milão e já este ano no Camdem Arts Center de Londres, onde a crítica lhe teceu rasgados elogios.

A mostra, curada por Vicente Todoli, apresenta cerca de 20 filmes de curta duração em 16mm, e uma longa-metragem filmada em São Tomé e Príncipe, visionados graças a projetores analógicos. Também são apresentadas duas câmaras obscuras.

Como escreveu João Laia, a propósito de *10.000 coisas - filmes recentes em 16mm* (2012), o trabalho filmico destes dois criadores conceitualistas, que produzem em conjunto desde 2001 filmes, esculturas, fotografia, instalações e antologias de textos, «apresenta características formais e de conteúdo que remetem para a época inicial da história do cinema». Laia notava ainda que os filmes de Gusmão e Paiva retinham «este

hibridismo entre ciência e magia, uma característica que advém da Abissologia - ciência transitória do indiscernível - que o trabalho da dupla explora e interroga».

Com *Papagaio*, lê-se numa apresentação da exposição, «o duo de artistas revela a sua capacidade para utilizar a linguagem cinematográfica e as instalações artísticas de uma forma única e original. (...) Cada filme examina um assunto particular, constituindo um tratado sobre o comportamento material, animal ou humano. A técnica de filmagem, com câmara de alta velocidade, associada a uma técnica de projeção em câmara lenta, permite revelar detalhes de outra forma imperceptíveis».

### PULSÃO CONTRA-ILUMINISTA

Enquanto a maioria das curtas-metragens são «filmes-ensaio», segundo escreveu no *Público* em 2014 Vanessa Rato, a longa-metragem que dá nome à exposição - *Papagaio* - «abre um campo de ação de características ligeiramente diferentes». «Ao contrário da maioria dos filmes de João Maria Gusmão e Pedro Paiva,

não parece haver aqui qualquer artifício intencional de filmagem ou montagem. Próxima do que seria o ponto de vista de um registo antropológico, a câmara tenta limitar-se a registar os eventos em curso, evitando a construção de uma narrativa própria - um programa conceptual muito distinto das linhas que costumam enformar os projetos desta dupla de artistas, mais frequentemente construídos em busca de um certo onirismo ou até, por vezes, de ambientes alucinatórios», explica a jornalista

Vanessa Rato sugere no entanto, que essa diferença poderia ser mais aparente do que real, porque *Papagaio*, que nos revela, num ambiente de penumbra, «um ritual de transe ou possessão» com homens e mulheres, todos negros, em São Tomé e Príncipe, ao fim e ao cabo é conforme com o trabalho destes dois criadores. «É evidente que não estamos nos domínios das necessidades ordenadoras e niveladoras do mundo de herança modernista - filiados numa lógica de magia visual, João Maria Gusmão e Pedro Paiva dão antes forma a uma pulsão contra-iluminista em que a metafísica surge como âncora sem a qual o mundo se precipitaria num vazio de leveza».

João Maria Gusmão (Lisboa, 1979) e Pedro Paiva (Lisboa, 1977) estudaram Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde se conheceram. Em 2004 foram galardoados com o prémio Novos Artistas da EDP e representaram Portugal na 53.ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, em 2009, onde regressaram em 2013, selecionados pelo curador Massimiliano Gioni para a mostra principal da 55.ª bienal - *Il Palazzo Enciclopedico* (O Palácio Enciclopédico) - no Pavilhão Central do Giardino e no Arsenale. Já expuseram em países como Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Dinamarca, Espanha, Holanda e Reino Unido.

Na edição de 2014 da ARCO - Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid, o Museu Rainha Sofia, da capital espanhola, adquiriu três obras da dupla João Maria Gusmão e Pedro Paiva, representados pela galeria Graça Brandão, de Lisboa.

## Camões no Mundo

### França

Conferência por Luís Filipe Castro Mendes, Embaixador de Portugal junto do Conselho da Europa. A 10 de dezembro, na Delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

### Portugal

Exposição *Arame farpado/dinamite: o poder da circulação livre*, de André Alves, ex-bolseiro Fulbright/Fundação Carmona e Costa, com curadoria de Sandra Vieira Jürgens, no Palacete Seixas, sede do Camões, I.P. em Lisboa. Até 18 de dezembro.

### Reino Unido

Anglo-Portuguese Ensemble em concerto de Natal na Igreja de Our Lady of the Assumption and St Gregory, em Londres, a 10 de dezembro.

### Venezuela

Encontro de Estudantes de Língua Portuguesa da Venezuela, em Caracas, no Colégio San Agustín-El Paraíso, promovido pela Coordenação de Ensino Português no Estrangeiro do Camões, I.P. naquele país. A 12 de dezembro.



### Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
www.instituto-camoes.pt  
jlcarte@camoes.mne.pt  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Paula Saraiva  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato

# JL educação

Nº 1179 • Ano XXXV • 9 a 22 de dezembro de 2015 • Diretor José Carlos de Vasconcelos • Coordenação Carolina Freitas



## O Programa de Governo em análise

O Programa do XXI Governo Constitucional, tendo como primeiro-ministro António Costa (PS), foi aprovado na Assembleia da República no passado dia 3. Nesta edição, quatro reconhecidos e experientes especialistas na área da Educação apreciam e comentam, a nosso pedido, tal programa, nesse domínio. Além disso, duas outras destacadas personalidades daquela área e da Ciência escrevem sobre os novos titulares das pastas da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, e da Ciência e Ensino Superior, Manuel Heitor

### Igualdade de oportunidades

Ana Maria Bettencourt\*

Considero importante que os cidadãos debatam os programas dos Governos, o que poderá contribuir para a construção de consensos, podendo também constituir uma estratégia preventiva de tentações para a tomada de decisão política ao sabor de opiniões e preconceitos de quem governa.

Espero por isso que o programa do XXI Governo Constitucional seja objeto de debate, mas reconheço que não é de fácil leitura, em virtude da sua extensão e de uma organização complexa. No entanto, a sua orientação e as medidas propostas para a educação são consistentes em matéria de igualdade de oportunidades e desenvolvimento educativo. E a leitura ganha outra dimensão se associada a ideias defendidas persistentemente por António Costa ao colocar a educação e a inovação no centro das políticas e defender horizontes claros e estabilidade, decisiva em educação, designadamente através de uma agenda para a década.

O Programa parte da afirmação da importância da educação para a valorização das pessoas, para uma cidadania democrática e para o desenvolvimento sustentável e contém políticas que respondem a alguns dos principais problemas

do país. Há contudo uma indefinição em matéria de currículo e do sentido da escola que se deseja para o futuro. A necessidade de repensar o currículo, incluindo o elenco das disciplinas, a dimensão (exagerada) dos programas e a sua articulação horizontal e vertical parece estar adiada, apesar de se ter tornado ainda mais premente depois dos desmandos e incoerências introduzidas pelo último governo nesta matéria.

Concentrando-me sobre a preocupação com a igualdade de oportunidades que atravessa todo o texto e é um traço importante do Programa, depois da deriva dos últimos quatro anos, destacaria:

- O alargamento do acesso desde a educação pré-escolar ao ensino superior e à educação de adultos. Retoma-se assim um percurso interrompido em que vale a pena sublinhar um Plano específico dedicado à educação de adultos e a educação ao longo da vida, consideradas essenciais para o combate ao desemprego. Trata-se de uma área decisiva, abandonada pelo governo anterior, que tem sido defendida consistentemente por António Costa.

- O combate ao insucesso escolar, assumido como ponto marcante de todo o programa, essencial para o cumprimento dos 12 anos de escolaridade obrigatória. Em vários capítulos vão sendo apresentadas medidas entre as quais o reforço da Ação Social Escolar, a aposta na educação

### Demasiadas proposta

Joaquim Azevedo\*

O documento relativo ao Programa de Governo na área da educação estabelece três prioridades: combater o insucesso escolar, desenvolver a educação de adultos e a formação ao longo da vida e modernizar o ensino superior. O que é de sublinhar, como tendencialmente diverso das prioridades seguidas até hoje, é o foco no insucesso escolar e na educação de adultos. Esta foi arredada da agenda das políticas públicas quando, após 2011, não se foi capaz de separar a criança da água suja do banho e se lançou a Iniciativa Novas Oportunidades para o lixo. Foi pena. Este *stop-and-go* nas políticas públicas paga-se bastante caro e esta paragem vai dificultar muito o recomeço de uma política pública concertada sobre a educação de adultos e a formação ao longo da vida, desde os jovens adultos até aos mais idosos.

Quanto ao foco no combate ao insucesso escolar, definido como a “principal prioridade da política educativa”, é declinado de variados modos, entre os quais destaco a aposta na educação pré-escolar, o ensino básico “integrado, global e comum”, a valorização do ensino profissional e artístico e a redução do insucesso no ensino superior.

São propostas demasiadas ações, muitas delas de difícil ou impossível concretização: ex. estratégia de recursos digitais educativos, a descentralização do sistema educativo, a

prioridade ao 1º ciclo, fazendo da retenção um “fenómeno meramente residual”, a redução da carga disciplinar dos alunos, apontando ao mesmo tempo para a reintrodução de áreas de ensino entretanto suprimidas,....). Quando se dispara para todo o lado, o que ocorre, basta olhar para trás, é que as pessoas concretas que ocupam os cargos é que fazem a política que querem, colocando bem à vista o cheiro da sua idiossincrasia pessoal, e preterindo o serviço público que era suposto prestarem, em nome de uma política concreta, debatida e sufragada.

Parece-me bem a prioridade ao 1º ciclo, mas não se diz como, a valorização do ensino profissional e do seu modelo de financiamento, mas não se diz como, o desenvolvimento do ensino experimental, mas não se diz como, a consolidação e alargamento do regime de autonomia das escolas, mas não se diz como, o lançamento de um programa para a inovação na aprendizagem, mas...a aposta na internacionalização do ensino superior, mas...

O meu trabalho nas escolas tem-me revelado que a principal dificuldade que hoje existe para a conquista de mais sucesso escolar por parte de todos os alunos (ou seja, para que nem um só fique para trás) se encontra no modelo de exercício profissional dos professores e na organização do trabalho escolar, ou seja, no ensinar e no aprender. O modelo dominante e quase exclusivo é centrado sobre o ensinar e não sobre o(s) aprender(es), sobre o classificar e não sobre o avaliar, sobre os resultados ad-

## Igualdade de oportunidades

pré-escolar e nos apoios, o repensar dos exames precoces, uma melhor articulação entre os três ciclos do ensino básico, a valorização do 1º ciclo e também do ensino profissional e artístico, o apoio a processos de avaliação interna das escolas, a redução da dimensão das turmas.

- A recusa da orientação precoce dos alunos (no texto refere-se a “dualização”), o que significará provavelmente pôr fim ao ensino vocacional, dedicado aos alunos que encontram dificuldades nos seus percursos escolares, introduzido à revelia da Lei de Bases do Sistema Educativo.

- A valorização dos profissionais de educação, apresentada como forma de tornar possível “uma escola mais democrática e inclusiva”. Destaca-se o propósito de ne-

gociação com as entidades representativas e a criação de condições para a estabilidade do corpo docente. O programa aponta também para formação contínua, em contexto, dos professores.

Esta será uma ár ea decisiva para a melhoria das aprendizagens, atendendo a que existem hoje condições de trabalho muito difíceis (mais alunos por turma, mais turmas por professor, menos apoios aos alunos....), sem esquecer que a diversificação da população escolar tornou a profissão bem mais complexa a que a dramática vida nómada dos docentes jovens se estabeleceu como “normal”.

O Programa assume uma metodologia de governação que poderá constituir uma inovação: ter como base o conhecimento e “as melhores práticas nacionais e internacionais”, bem como um esforço para mobilizar os agentes educativos e anunciar “reformas progressivas, planeadas, negociadas e avaliadas”.

Mas sabemos hoje bem que as reformas “inventadas” por equipas responsáveis situadas nos centros de decisão política não são garante da resolução dos problemas educativos. Com a diversificação dos públicos escolares e a evolução do conhecimento e do mundo em que vivemos, a problemática das reformas tornou-se bem mais complexa e o seu sucesso passa sobretudo pelo modo como são apropriadas, pela autonomia e capacidade das escolas e dos professores, pelo acompanhamento, apoio e sustentabilidade da inovação. JL

*\*Profª coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico, foi deputada, presidente do Conselho Nacional da Educação e consultora do Presidente da República Jorge Sampaio*

## Demasiadas proposta

ministrativos e não sobre os processos pedagógicos, sobre a turma e não sobre cada aluno, um modelo estruturado sobre cada profissional individualmente e não sobre um trabalho em equipa docente, sobre cada escola ou agrupamento isolado e não sobre redes de cooperação. A somar a tudo isto, que já é muito, as escolas estão cheias de profissionais cansados, desgastados, descrentes, desmotivados. Também os há, e são em bom número, os que estão abertos, convictos, disponíveis e motivados. Mas para quê, para ir por e para onde? Com quem? E questionam: haverá algo mais a esperar de mais uma política pública de educação?

Face a isto, no Programa fala-se muito e fala-se muitas vezes na “identificação das estratégias mais eficazes”, na reformulação da “escola e da sua organização”, na qualidade e sucesso das aprendizagens, na “flexibilidade curricular”, no “reforço das estratégias de diversificação pedagógica”, muitas vezes em “contexto” e “contextualização”, em “projetos educativos próprios”, em “programa nacional para a inovação na aprendizagem”, mas o que se propõe de muito concreto e palpável é que se vai reduzir o número de alunos por turma. Quem faz todas estas reformulações, contextualizações e flexibilizações, ou não faz, são os profissionais que trabalham nas organizações escolares, esses embrulhos que andam a ser pontapeados há muito anos, de um lado para o

outro, com rótulos de autonomia e de responsabilidade, mas que cada vez estão mais sozinhas e desnordeadas.

O meu ponto é este: uma simples página de medidas simples, concretas e coerentes valia muito mais e podia despertar muito mais eficazmente as escolas, como organizações, e os seus profissionais, como autores e atores, do sono e desmotivação em que caíram. Não se percebe o que é mais importante e o que é menos decisivo, o que é para amanhã, o que é para um ano depois e o que é para daqui a dez anos.

É ainda necessário muito acompanhamento técnico rigoroso às escolas e muito incentivo concreto ao que nelas se faz bem feito, o desperdício de recursos é ainda brutal, trabalha-se muito e, tantas vezes, com ações tão desfechadas, irrefletidas e inconsequentes. Como se continua a disparar para todo o lado, o mais provável é que tudo de mantenha: mudarão algumas coisas, como por exemplo o número de alunos por turma, e tudo continuará na mesma.

De resto, este Programa é tão mau como todos os outros que tenho visto: (i) é construído sempre com base nos erros que cometeu o anterior Governo, afastando-se do esforço, bem mais difícil e necessário, de olhar para as escolas e profissionais que temos e estabelecer uma proposta com coerência interna e capacidade mobilizadora, (ii) ainda acredita no poder redentor da política central dos Governos como o esteio principal da melhoria da qualidade do serviço público de educação, qualidade esta que se decide nas escolas e na ação dos seus profissionais, e (iii) não traz nenhuma ideia realmente nova e disruptiva, que permita desbloquear o “sistema educativo”, que se encontra em profundo desgaste, atado e sem rumo. JL

*\* Prof. catedrático da Un. Católica, dirigiu durante 12 anos a sua Faculdade de Educação. Com uma vasta obra nesta área, foi secretário de Estado num dos governos de Cavaco Silva*



**O Programa assume uma metodologia de governação que poderá constituir uma inovação, ao ter como base o conhecimento e ‘as melhores práticas nacionais e internacionais’**

**Há contudo uma indefinição em matéria de currículo e do sentido da escola que se deseja para o futuro**



**Como se continua a disparar para todo o lado, o mais provável é que tudo de mantenha, (exceto) coisas como o número de alunos por turma**

## Um governo educativo

**Maria Emília Brederode Santos\***

Se o princípio norteador do programa governamental para a Educação parece ser a igualdade de oportunidades e a equidade, a sua concretização começou com a escolha do elenco governativo. Esta escolha pode ser vista como um ato com intencionalidade educativa pela importância dada: 1) à valorização do conhecimento direto; 2) à presença de modelos sociais positivos de minorias; 3) à mudança social através de atos simbólicos.

A sociedade portuguesa já não é uma sociedade constituída por “um só povo, uma só língua, uma só religião”. Os últimos 40 anos enriqueceram a população portuguesa, primeiro com a leva de luso-africanos (os “retornados”), mais recentemente com imigração estrangeira não só de África mas também do Brasil e de países

europeus de Leste. A globalização também nesse aspeto se fez cá sentir embora de forma localizada (Lisboa, Faro, Setúbal, Porto...) e numa proporção (4,2%) que é das mais baixas dos países europeus.

Por outro lado, o prolongamento da escolaridade obrigatória trouxe para a escola pública uma população oriunda de meios carenciados e muito pouco escolarizados – à qual a cultura da escola é alheia se não hostil. Estudos realizados nos EUA junto de alunos de minorias étnicas procuraram entender por que razão os alunos de certas minorias (asiáticos, húngaros...) obtinham resultados semelhantes, se não superiores, aos dos alunos da sociedade de acolhimento, enquanto outros (afro-americanos, hispânicos...) apresentavam resultados claramente inferiores e elevados níveis de abandono.

Concluíram que o principal



fator explicativo não seria a maior ou menor semelhança entre culturas de origem e de acolhimento e sim a história das relações entre as minorias e os grupos dominantes nessas sociedades. Distinguíram minorias imigrantes e minorias involuntárias (fruto de escravatura, conquista ou colonização). Estas últimas desenvolveriam uma “identidade de



**Procurar tornar a educação transversal a todo o governo e a toda a sociedade. Uma sociedade educativa é atravessada por uma orientação educativa permanente**

oposição” à escola como algo que compromete as suas identidades e as aliena das suas comunidades. E têm razão quando pensam que o seu possível esforço de integração não seria compensado nem na escola nem na sociedade. Estudos posteriores alargaram este conceito de “identidade de oposição” que encontraram nas “minorias involuntárias” aos alunos filhos de pais trabalhadores manuais e com uma escolaridade reduzida:

Se pensarmos em termos de população portuguesa, estes serão os alunos que vivem nos “bairros”, frequentam escolas ditas “difíceis”, não se projetam no futuro porque não veem alternativas de vida, acumulam insucessos escolares e abandonam a escola à primeira oportunidade, e que, enquanto lá estão, “difícil é sentá-los” (para citar o título de um livro de E. Marçal Grilo). “A sua principal característica será a oposição à autoridade. O princípio orientador das suas vidas parece ser derrotar o objetivo oficial da escola. A sua regra é quebrar todas as outras regras. Valorizam

a força e o conhecimento prático, desprezam o conhecimento teórico que consideram inútil” (Kidd e Castano, 2013).

É em primeiro lugar para estes alunos que o governo agora formado constitui um ato educativo de valor ímpar. De repente veem (na televisão, claro) que é possível ser aceite, respeitado e valorizado, “ser alguém”, mesmo pertencendo a um grupo minoritário, mesmo sofrendo de uma deficiência grave, mesmo não sendo HoBri (“homem, branco e rico”...). Vários futuros se tornam possíveis. É uma revolução na vida de um jovem que se julgava condenado ao mesmo bairro, ao mesmo trabalho, à mesma violência que os seus pais e amigos. Afinal poderão ser senhores do seu destino e a escola uma aliada.

Mas também para a sociedade no seu todo este elenco governativo pode desempenhar uma função educativa. Como aprender a tolerância à diferença, o respeito pelo outro, o apreço pela diversidade? A constituição do novo governo interpela a sociedade, surpreende-a, fá-la pensar. Não é esse o principal papel da educação? Acresce que, para além das competências específicas para os cargos, se reconhece o valor da experiência, do conhecimento direto das dificuldades, das vantagens e riscos das soluções.

Outras características do governo não serão certamente tão positivas, mas o tema deste texto é o da sua mensagem educativa. Para o futuro, e pois que este depoimento devia ser sobre o programa, aproveitaria esta preocupação educativa que se presente na escolha do elenco governativo para, sem prejuízo das medidas preconizadas, procurar tornar a educação transversal a todo o governo e a toda a sociedade. Uma sociedade educativa é atravessada por uma orientação educativa permanente: qualquer pessoa em qualquer momento da sua vida poder ter à sua disposição, sobre qualquer assunto, uma grande variedade de respostas e propostas educativas e culturais.

As mudanças sociais ocorrem gradualmente, cumulativamente. Mas de vez em quando é preciso um ato simbólico que nos permita dizer como Trudeau – “o meu governo é assim... porque estamos em 2015”. E que nos faça sentir que o nosso governo é assim porque queremos uma sociedade mais aberta, livre e igualitária em que todos possamos ser mais inteligentes, sábios e felizes. JL

\*Pedagoga, investigadora em Ciências da Educação, foi, designadamente, membro do CNE

## Arrumar a casa e valorizar a concertação

Maria José Rau\*

Leio sempre os programas dos governos com alguma desconfiança e perplexidade devido às generosas promessas que contêm e, quando se trata de governos que consecutiva ou alternadamente se sucedem, pelo retomar acrítico de medidas que foram polémicas, pouco claras ou, ainda que benévolas e meritórias, tiveram efeitos contraditórios. Esta desconfiança também surge, ainda que de forma muito ocasional, neste programa do governo do PS aonde não deixam, contudo, de constar e ser devidamente valorizados, até como capítulos/secções estruturantes, princípios essenciais do que devem ser, no nosso tempo, as bases e linhas mestras de um programa para a educação que, como se quer e se descreve, dê prioridade às pessoas. Do muito que se poderia escrever e dizer sobre o programa vou centrar-me apenas em três pontos:

**A educação num estado forte, inteligente e moderno** Questões fulcrais para a estabilidade, eficiência e eficácia da educação têm de ultrapassar as políticas setoriais e enquadrar-se nas políticas gerais do país para a conceção e organização do estado e da administração pública. Por outro lado estas políticas envolvem, tanto a nível geral como sectorial, parceiros diversos e de interesses, natural e saudavelmente, não convergentes pelo que a desejável estabilidade e coerência da organização e da administração na educação não pode ser vista sem se integrar no âmbito geral e nacional. Se questões como a autonomia das escolas/agrupamentos, as transferências para as autarquias e suas associações e o reforço das competências das CCDR são tratadas em secções diferentes do programa, a sua íntima relação tem de ser equacionada e não pode haver decisões que se pretendam estáveis e duradouras, sem os imprescindíveis, longos, animados mas difíceis momentos de diálogo e negociação que permitam atingir a necessária concertação! Porque este é um ponto essencial de uma administração educativa inteligente e moderna e que tem de ultrapassar claramente, o que, de alguma forma, surge limitado quando é enquadrado pelo título restritivo “centrar as escolas no ensino e na aprendizagem, valorizando os seus profissionais”.

**Desarticulação, falta de sequência e algum esquecimento** Faz falta, no que às políticas de educação diz respeito, uma linha dorsal que atravesse todos os níveis de ensino. Surpreende, por exemplo, que o ensino experimental só surja no ensino secundário ou a educação para a cidadania esteja um pouco ausente e dispersa.



**Faz falta uma linha dorsal que atravesse todos os níveis de ensino. Surpreende que o ensino experimental só surja no ensino secundário e a educação para a cidadania esteja um pouco ausente e dispersa**

Também algumas medidas em que se insiste por diversas vezes – e quero referir, a título de exemplo, as AEC, Atividades de Enriquecimento Curricular –, surgem sem ter em conta o debate que, à volta delas, ocorreu e se mantém. Iniciativa sem dúvida meritória e inovadora, as AEC voltam a aparecer sem que se clarifique o que é a escola a tempo inteiro, o que são os tempos livres e o apoio às famílias, e o que devem/podem ser os complementos/enriquecimentos curriculares. Tudo isto não referindo, como contraponto, o que são e devem ser os currículos escolares com a imprescindível retoma de um ensino que não se reduza às ditas “disciplinas fundamentais” e que, em especial no 1º ciclo do Ensino Básico, recupere o conceito de um currículo e de práticas educativas que consagrem a integração e a relação dos saberes e competências que à escola (esta sim desejável e progressivamente a tempo inteiro!) cabe assegurar.

Não terão as AEC – nem universais nem, por vezes, integralmente gratuitas – sido parcialmente responsáveis, no 1º ciclo do Ensino Básico, do que, especificamente e bem, no programa de governo se

pretende contrariar ao valorizar uma educação “alicerçada numa ampla variedade de aprendizagens no domínio das artes, das ciências sociais, das ciências naturais, da língua estrangeiras, da educação física, da matemática, da língua portuguesa e da cidadania a rejeitando a redução do currículo que tem ocorrido nos últimos anos”?

**Promessas sem contas feitas e com pouca sustentação** É uma compreensível ambição, por exemplo, “garantir a universalidade da oferta da educação pré-escolar” ou “assegurar a progressiva redução do número de alunos por turma”. Mas, será que esta é uma meta financeiramente sustentável ou, sobretudo, será que está provado que estas são as melhores e mais eficazes medidas para garantir, com equidade, o sucesso educativo e escolar? É evidente que a irracional política do anterior governo de aumento indiscriminado do número de alunos por turma justifica e quase que provoca este tipo de resposta. No entanto, o que se pretende não será antes rever e estabilizar o *ratio* professor/aluno nas escolas e deixar às escolas a gestão da forma que considerarem mais adequada para assegurar o sucesso e equidade? Não é esta diversidade de respostas, devidamente acompanhadas e avaliadas, que se puderam e podem observar nos chamados países de sucesso educativo? JL

\* Fundadora e diretora de uma Escola do ensino particular, desempenhou múltiplas funções na área da Educação, mormente secretária de Estado num governo de António Guterres; é membro do Conselho Nacional da Educação

PREÇO ÚNICO E EXCLUSIVO CARAS, VISÃO E EXPRESSO

DO REALIZADOR DA TRILOGIA "O SENHOR DOS ANÉIS"

# HOBBIT

**NÃO PERCA**  
A trilogia completa por um preço imbatível!

CADA DVD ANÉIS 5,95€

DVD 1 E 2 NAS BANCAS  
DVD 3 16 DEZEMBRO

GRÁTIS  
Caixa arquivadora com o 3º DVD

PARA ENCOMENDAR LIGUE 21 469 88 01 OU VÁ A ASSINEJA.PT/QUIOSQUE | ASSINANTES -10% + PORTES GRÁTIS  
(DIAS ÚTEIS DAS 9H AS 19H - SÁBADO DAS 9H AS 17H)

CARAS VISÃO Expresso

# Tiago Brandão Rodrigues

## “Ai Portugal, Portugal”

**Carlos Fiolhais\***

¶ Foi o retrato na capa de uma revista de grande circulação que tornou famoso em Portugal um cientista que vivia pacatamente em Cambridge, no Reino Unido. A Visão de 12 de dezembro de 2013 exibiu a abrir o rosto de Tiago Brandão Rodrigues (TBR) com o título “O português que pode revolucionar o diagnóstico do cancro”, relegando para segundo plano a morte de Nelson Mandela. O jornalista usava um comboio de adjetivos para descrever o cientista português que tinha publicado há pouco um artigo na Nature Medicine que aumentava bastante as hipóteses de deteção de tumores cancerosos. Logo no início: “obstinado, metódico, sensível, multifacetado”; e, mais adiante, quando referia as qualidades que lhe vinham da prática do karaté, “caráter, sinceridade, esforço, etiqueta e controlo”.

Eu tinha estado uns meses antes com o TBR em Cambridge, num *workshop* de comunicação de ciência que ele e os seus amigos “parsukianos” tinham organizado (a PARSUK é a associação de estudantes e cientistas portugueses no

Reino Unido) e tinha verificado que essas designações eram merecidas. Num encontro de cientistas portugueses emigrados que se realizou na Universidade do Porto, no Natal desse ano, referi o seu exemplo como representante de uma geração que, tendo-se licenciado e doutorado em Portugal, só tinha encontrado uma oportunidade de trabalho lá fora.

Em Cambridge e no Porto falei-lhe na necessidade de organização de um recenseamento da diáspora de cientistas portugueses a trabalhar no estrangeiro, um projeto que contou desde logo com o seu apoio entusiástico e que está neste momento a ser organizado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. O percurso biográfico do Tiago mostra que o sistema educativo português consegue levar jovens da província a lugares cimeiros da ciência mundial. Nascido em Paredes de Coura, no Alto Minho, fez aí o ensino básico para entrar no secundário na Escola Carlos Amarante, em Braga, para depois seguir para o curso de Bioquímica da Universidade de Coimbra, onde se viria a doutorar após uma estada em Madrid e outra, mais curta, em Dallas. Dizem todos os seus profes-

sores (conheço alguns, pelo que o sei de viva voz) que foi um estudante que aliava grande capacidade de trabalho a invulgares capacidades humanas. Após o grau doutoral mudou-se com armas e bagagens para Cambridge, a que ele chama o *Disney World* dos cientistas.

É este cientista de 38 anos, dos quais 15 passados lá fora, que agora cai em Portugal de pára-quedas para ocupar uma das pastas mais difíceis do governo nacional. Vai precisar de todas as referidas qualidades para navegar em águas que se adivinham agitadas. Não lhe vão chegar as boas intenções, até porque de boas intenções tem estado o Ministério da Educação cheio, designadamente quando chega um novo ocupante (as intenções costumam entrar em combustão rapidamente). Vai precisar também de força e coragem.

Já começou o corifeu dos maus agoiros. Dizem que o novo ministro é demasiado novo – algo que, se fosse um mal, o que não creio, se iria naturalmente curar com a passagem do tempo. De resto, há vários exemplos na Europa de ministros novos em posições-chave. A italiana Federica Mogherini foi ministra dos Negócios Estrangeiros de Itália com

40 anos e com essa mesma idade foi nomeada Alto Representante da União Europeia para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. A espanhola Carme Chacón passou aos 37 anos passou a ser ministra da Defesa depois de ter sido ministra da Habitação.

Entre nós os problemas da Educação abundam, designadamente depois do mandato de Nuno Crato. Na minha opinião, o maior de todos eles é a situação de acabrunhamento dos professores, desiludidos como estão depois das elevadas expectativas que colocaram em Crato. Eles sentiram-se abandonados, após terem percebido rapidamente que o seu papel não estava a ser suficientemente valorizado. TBR, cuja mãe é professora aposentada, já deve saber que os



**Tiago Brandão Rodrigues “Na busca de um novo equilíbrio talvez ajude o novo ministro ter formação de karateca e ser um apaixonado pela música”**

professores vão precisar de um suplemento de alma. Poucas profissões são tão relevantes como a de professor – mas, no entanto, poucas foram no nosso país tão *proletarizadas*. Os sindicatos não têm ajudado muito à dignificação dos docentes, ao ocuparem de forma excessiva o espaço da sua representação, pelo que seria bom que os professores recuperassem o papel e a imagem a que têm direito. Julgo que ao convidar Tiago Brandão Rodrigues, António Costa teve em mente diminuir a tensão política que tem incendiado algumas questões educativas (recrutamento e avaliação de professores, municipalização da gestão escolar, etc.)

Para além da magna questão da valorização dos professores (o que passa por renovar o corpo docente, estando eu em crer que a idade do ministro poderá ajudar na perceção do problema), há outras, como a centralização e a burocratização excessiva das escolas. Antes de Crato, falou-se no “monstro” que era a máquina do Ministério da Educação, mas não se pode dizer que os seus tentáculos sejam hoje menores. Agora assumem a forma informática: alguém carrega num botão na 5 de Outubro e chegam instantaneamente milhares de emails e anexos a todas as escolas, escritos numa linguagem nem sempre decifrável. É preciso um *simplex* na Educação e espera-se que a ministra da Modernização Administrativa ajude Tiago.

Há ainda questões de currículo. Foi colocado um peso talvez um pouco excessivo na Matemática

# Manuel Heitor

## Competência e qualidade humana

**Rosalia Vargas\***

¶ Conheci Manuel Heitor no Instituto Superior Técnico. Subir a escadaria exterior, virar à direita e perguntar. Foi o que fiz. Depois de atravessar algumas pequenas salas envidraçadas, com estudantes num ambiente de fazer e de conversa bom de se ver, vencido o último pequeno lance de escadas de madeira que range, entro num gabinete grande, acolhedor, com velhas madeiras carcomidas, armários resgatados num perdido armazém, paredes forradas com livros. Sento-me a uma grande, sólida e velha mesa e não tenho pressa. Quero ter tempo de olhar tudo, de perceber aquele oásis que, sendo “engenheiral”, é tão suave como um veludo velho que atravessou muitas décadas. “Ah, que linda maneira de ter os cartazes na estante, posso levar a ideia?” “Claro! podes levar tudo”. Um cavalheiro, um engenheiro com as estantes repletas de livros de toda a

espécie: muita poesia, políticas científicas, teatro, lombadas indecifráveis de engenharia, que aguçaram a curiosidade de quem trabalha em divulgação científica. Eu disse teatro: em livros e em cartazes, a lembrar o que se viu nos palcos e não se quer esquecer na vida.

Depois de alguns anos, de Manuel Heitor (MH) conheço agora uma energia discreta que cremos ser inesgotável. É a pessoa mais bem preparada para assumir a pasta da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Não só pelo tempo que esteve como secretário de Estado da Ciência nos ministérios de José Mariano Gago mas também, e sobretudo, pela sua competência e qualidades humanas.

Com uma capacidade de trabalho invejável, é pródigo na ajuda que sempre dá a quem dele precisa. Um conhecimento largo, aquém e além fronteiras, baseado na sua experiência de colaboração com grandes redes de investigação internacionais. Um grande negociador entre pares, res-



**Manuel Heitor “O estudioso, o humanista, o cidadão que respeita a diferença”**

ponsabilizando as pessoas e as equipas com quem trabalha. Uma autonomia que depois não deixa lugar a riscos não calculados. Não tolhe a iniciativa,

pelo contrário, incentiva a condução autónoma de projetos.

Um exemplo recente da sua capacidade de organização e mobilização em grande escala de instituições científicas e políticas de relevo foi o seu papel como comissário do ciclo de encontros de homenagem a José Mariano



**Sabe que investir no conhecimento e na ciência é investir numa sociedade com valores e numa economia com futuro**

Gago, em colaboração com o Centro Nacional de Cultura. O último dos encontros teve lugar no Pavilhão do Conhecimento, em 30 de novembro, e trouxe a Portugal altos quadros da OCDE, Unesco, MIT, Harvard Medical School, ESA, NASA, Euroscience, CERN, IRGC, entre muitos outros, nomeadamente fundações e instituições científicas nacionais.

Manuel Heitor conduziu esta grande reunião de especialistas para um

objetivo que possa capacitar uma nova geração de líderes de ciência política: a ciência hoje e o conhecimento como o nosso futuro comum será o resultado de um movimento internacional muito empenhado em mudanças inteligentes, de pensamento humanista. Esta Declaração simboliza também a solidariedade na transmissão do conhecimento entre gerações e entre povos, com o compromisso político de quem tem responsabilidades governativas.

Temos em MH uma esperança carregada de enorme expectativa. O conhecimento, a ciência e a sua cultura esperam agora os dias melhores que nos foram tirados abruptamente. Nos museus e centros de ciência, em estreita colaboração com instituições científicas em todo o país, são desenvolvidos programas de cultura científica onde são dadas aos jovens as mesmas oportunidades de conhecimento, que lhes permitam mais tarde boas escolhas. Ele sabe que investir no conhecimento e na ciência é investir numa sociedade com valores e numa economia com futuro.

O seu primeiro ato oficial como ministro foi uma visita ao Pavilhão do Conhecimento, pelo simbolismo nacional da Semana da Ciência e Tecnologia. Aí contactou com alunos, professores e investigadores envolvidos em projetos de robótica nas escolas. A todos fez perguntas. Por exemplo, às



e no Português, disciplinas ditas “estruturantes”, em detrimento das ciências experimentais – por exemplo, em Portugal a Física e Química não são obrigatórias para quem vai para áreas de ciência e tecnologia no ensino superior. E foram desvalorizados o desporto e as artes. Aqui, na busca de um novo equilíbrio talvez ajude o facto de o novo ministro ter formação de karateca e ser um apaixonado pela música.

Que música é que Tiago Brandão Rodrigues gosta? Pois ele próprio já declarou que gosta, entre outros, de Jorge Palma: “Ai, Portugal, Portugal / Enquanto ficares à espera / Ninguém te pode ajudar”. O novo ministro não vai certamente deixar que Portugal fique à espera. **JL**

*\*Prof. catedrático de Física da Universidade de Coimbra, de cuja Biblioteca Geral foi diretor. Tem uma vasta obra científica e de divulgação, várias vezes distinguida*



**Aliava grande capacidade de trabalho a invulgares capacidades humanas. É exemplo de uma geração que tendo-se doutorado em Portugal só encontrou oportunidade de trabalho lá fora**

## Maria Fernanda Rollo

O ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, terá ao seu lado alguém com quem trabalha há muitos anos. Maria Fernanda Rollo, a nova secretária de Estado, tem sido sua parceira em vários projetos e partilha da sua visão para o setor. Exemplo dessa sintonia é o manifesto que os dois subscreveram este ano em defesa da Ciência, intitulado *O conhecimento como futuro – Uma nova agenda política para a ciência, a tecnologia e o ensino superior em Portugal*. Também este ano organizaram a homenagem a Mariano Gago, cujo legado de certa forma procuram continuar.

Maria Fernanda Rollo é licenciada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde concluiu também o mestrado e o doutoramento e dirige o Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. Os conflitos mundiais da primeira metade do século XX têm sido as suas principais áreas de estudo, nomeadamente a economia do pós-guerra e a aplicação do Plano Marshall. Colaboradora do JL, organizou, no ano passado, o dossier que dedicámos aos 100 anos da Primeira Guerra Mundial.



## INQUIETAÇÕES PEDAGÓGICAS

# Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 25 anos

As o JL/Educação e as Inquietações Pedagógicas (IP) assinalam o 25º aniversário da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação com uma reflexão sobre o papel das Ciências da Educação na definição de políticas educativas e na melhoria das práticas pedagógicas. “Para que servem as Ciências da Educação?” e “Como poderiam contribuir mais e melhor para a melhoria da educação?” serão também o mote da próxima tertúlia das IP, no dia 17 de dezembro, às 18h, na Escola Superior de Educação de Lisboa



Saber imaginar o futuro das Ciências da Educação é uma tarefa desejável e possível

a existência de uma então (ainda jovem) mas já bastante dinâmica comunidade científica (a qual, aliás, já se evidenciara, *avant la lettre*, no seu 1º Congresso, em 1989).

Com este impulso inicial, o subsequente otimismo de mudança educativa que acompanhou a produção de novos conhecimentos sobre as realidades educacionais portuguesas prolongou-se por mais de uma década e coincidiu com o ciclo virtuoso da indiscutível capacidade de intervenção e influência da SPCE junto dos seus membros, da sua incontornável presença nos fóruns de discussão académica



**Num contexto de crise, a SPCE procurou assumir uma atitude de resistência crítica às agendas dominantes, adotando estratégias de remobilização interna e abrindo novos espaços de intervenção numa presença mais propositiva**

e do maior impacto junto das instâncias de concertação e decisão política em Educação.

No início do novo século, todavia, novos fatores emergentes começaram a induzir a retração das Ciências da Educação, traduzindo-se de algum modo numa relativa

## Alexandra Leitão e João Costa

O direito e a linguística são áreas dos membros que completam a equipa do novo ministro da Educação. Alexandra Leitão (secretária de Estado adjunta e da Educação) é especialista em Direito Público e Administrativo, matérias sobre as quais publicou diversos estudos. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é investigadora e coordenadora do centro de Direito Público da mesma instituição. Tem também vários estudos sobre educação, em particular sobre o direito fundamental à educação, o mercado educacional ou as relações entre o Estado e os estabelecimen-

tos particulares e cooperativos de ensino.

João Costa, o outro secretário de Estado da Educação, foi consultor científico do Plano Nacional de Leitura e participou anteriormente em grupos de trabalho do Ministério da Educação envolvidos no tratamento de questões do ensino básico e secundário. Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, desde 2012, tem formação em Linguística, área em que fez a licenciatura e o doutoramento, sendo professor catedrático daquela universidade. Foi ainda presidente da associação Portuguesa de Linguística.

jovens alunas do clube de robótica de uma das escolas: “Como explicas aos teus colegas o teu trabalho no clube?”; “Quantas horas investiram na construção desse robô?”; e aos professores: “Têm feito a ligação da robótica com a literatura? E com a História?” Ao que o professor respondeu: “Ainda não, mas já estamos a fazer com o Teatro, com o grupo de teatro na escola.” Outra sua característica: convidar os investigadores para uma permanente colaboração.

Conhecemos de Manuel Heitor o

estudioso, o humanista, o cidadão que respeita a diferença. Discreto, não vai trabalhar certamente para o palco, porque entende que os bastidores são o lugar onde se prepara e constrói o futuro. **JL**

*\*Presidente, desde 2008, da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica – Ciência Viva, e diretora do Museu do Conhecimento. Presidente da ECSITE – Euro-pean Collaborative for Science, Industry and Technology Exhibitions, a organização europeia de centros e museus de ciência*

### Almerindo Janela Afonso

“Já na transição para a democracia, e sobretudo nas primeiras duas décadas que se seguiram, alguns nomes que constituem a primeira geração de doutorados e investigadores em Ciências da Educação (muitos dos quais diplomados fora do País) souberam dar um impulso decisivo para a inserção institucional em Portugal de diferentes áreas de investigação e de docência referenciadas a este

emergente campo científico, privilegiando a formação de professores e também a graduação e pós-graduação em Educação ou Ciências da Educação. Teresa Ambrósio, Maria Emília Brederode Santos, Luíza Cortesão, Rui Grácio, Stephen Stoer, Bárto Paiva Campos e Albano Estrela são alguns dos nomes de referência que no início dos anos 90 subscreveram a escritura pública notarial da criação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), confirmando, assim,

fragilização da ação da SPCE – retração e fragilização não indiferentes, por exemplo, às repercussões e apropriações menos benévolas do Processo de Bolonha no campo da formação de professores e educadores, ou mais consonantes com políticas decorrentes de visões ideológicas neoconservadoras e neoliberais, crescentemente hegemónicas no contexto português e completamente adversas às Ciências da Educação.

Foi, aliás, nestes anos mais recentes, e num contexto de crise altamente desfavorável ao nosso campo de investigação e ação profissional, que a direção da SPCE procurou assumir uma atitude de resistência crítica às agendas dominantes, adotando estratégias de remobilização interna e abrindo novos espaços de intervenção numa presença mais propositiva.

A vaga de novas adesões para associados, a manutenção do diálogo com outras comunidades científicas (nacionais e estrangeiras), o intercâmbio com os países lusófonos (onde temos representações), a criação de um Conselho Consultivo que integra colegas de reconhecido mérito científico e profissional, a continuidade do prémio anual da SPCE, a definição de instâncias de coordenação regionais, a publicação regular da revista *Investigar em Educação*, a coorganização nacional do Encontro de Cientistas 2015, assim concretizando pontes

com as Ciências Sociais e Humanas (um legado que manteremos também em memória do nosso colega de direção Rui Santiago), a criação de secções inovadoras (como a de Educação Comparada, que está já a preparar uma importante Conferência Internacional a realizar em janeiro de 2016) ou os Grupos de Reflexão e Investigação de natureza mais interdisciplinar, a aprovação e início da implementação da Carta Ética, a criação recente do nosso Centro de Formação Rui Grácio (para que a melhor investigação das Ciências da Educação seja partilhada por todos os profissionais da educação e se traduza em práticas concretas, sustentadas e consequentes), a presença mais interventiva em diferentes fóruns (como o Conselho Nacional de Educação), e o envolvimento em muitos outros projetos em curso, são alguns exemplos de uma dinâmica associativa que não se conforma com tempos de adversidade. É precisamente neste contexto que comemorámos os 25 anos da SPCE, reconhecendo os contributos de gerações anteriores e dando lugar às novas gerações. Porque saber imaginar o futuro das Ciências da Educação é uma tarefa desejável e possível. ■

\* Prof. e diretor do departamento de Ciências Sociais da Un. do Minho. Presidente da direção da SPCE

## O peso novo de uma comunidade científica

Licínio C. Lima

■ O 1º Congresso da SPCE ocorreu no Porto, em finais de 1989, e foi constitutivo de uma nova “associação científica, técnica e profissional”, formalmente criada no ano seguinte. Na conferência de abertura, Rui Grácio deu testemunho da tentativa, datada de 1971, de criação de uma “sociedade de estudos educacionais”, promovida por um grupo de que fez parte e que, entre outros, incluiu Adérito Sedas Nunes, Joel Serrão, Rogério Fernandes. Uma iniciativa que o Ministério da Educação, mesmo em contexto político primaveril e de reforma educativa, não viabilizou.

Comentando a diferença, que considerou substancial, entre os textos das Leis de Bases do Sistema Educativo de 1973 e de 1986, Grácio observou a ausência da investigação educacional no texto de 1973. Na Lei de 1986, para além de “outra respiração política”, notou maior densidade – “uma tecnicidade, diferenciada e fina, incomparavelmente superior” –, que atribuiu, sem hesitação, “a um peso novo da comunidade científica que tem a educação como objeto central das suas pesquisas”.

Volvidos 25 anos, esse “peso novo” de uma comunidade científica que, em Portugal, se desenvolveu muito mais tarde do que na generalidade dos países europeus e da América do Norte, sai confirmado e continua a ter expressão? Não obstante algumas contribuições de relevo, a questão tem merecido pouca atenção. Mas ela é crucial, não apenas em termos dos possíveis impactos nas

políticas públicas e da relevância socioeducativa, mas também do exercício crítico sobre distintas abordagens teóricas e práticas académicas.

O peso das Ciências da Educação é, hoje, incomparavelmente superior em termos de docência e de investigação, de desenvolvimento da pós-graduação, de cooperação com os países de língua portuguesa e outros e, especialmente, de produção académica sistemática e de circulação internacional. Em nenhum outro momento histórico se estudou tanto e se produziu tanto conhecimento sobre a educação portuguesa, os seus contextos e atores, as suas políticas e práticas, com referência a um *corpus* teórico atualizado e a um diálogo permanente e cosmopolita com os centros e os autores estrangeiros mais destacados. O peso académico é novo e vem aumentando.

Mas, por outro lado, é necessário reconhecer que um campo científico não é passível de consolidação em pouco tempo. E que uma comunidade científica



**Em nenhum outro momento histórico se estudou tanto e se produziu tanto conhecimento sobre a educação portuguesa, os seus contextos e atores, as suas políticas e práticas**

não se constrói facilmente e, muito menos, de forma singular e integrada, ignorando a pluralidade que marca, primordialmente, as Ciências da Educação. Finalmente, não é possível menosprezar os impactos da nova crise da Educação, do subfinanciamento público do ensino e da investigação, das regras avaliativas quantofrénicas e da imposição de certos critérios de relevância.

Os discursos políticos sobre a centralidade das qualificações, das competências e das habilidades para a competitividade económica relevam de um pedagogismo de feição técnico-instrumental que subordina a Educação, paradoxalmente sob o lema da “sociedade da aprendizagem”. Essa ideologia dos défices e das lacunas reduz substancialmente o papel das Ciências da Educação, limitando-as ao estatuto de uma espécie de engenharia educacional, em busca de praticabilidade e de evidências empíricas ao serviço de políticas e de injunções administrativas. Mas se a comunidade científica se deixar cooptar para tentar garantir alguma influência política, ou uma função assessorial, ou simplesmente para ver confirmada a sua utilidade, terá então que suportar a perda da sua autonomia relativa e da sua capacidade de compreensão, livre e crítica, dos fenómenos educativos. Situação em que é plausível que venha a abdicar do diálogo privilegiado com os atores educativos e, também, do peso que estes lhe queiram reconhecer.

Embora nem sempre inconciliáveis, existem perspetivas em tensão e a exigir debate. Existem diferentes vocações e distintos racionais. E há pesos e pesos. ■

\* Prof. catedrático do Instituto de Educação da Un. do Minho e membro do Conselho Consultivo da SPCE

## Para que servem as Ciências da Educação?

João Barroso

■ A pergunta em título foi feita num artigo de 2014, pelo pedagogo belga Francis Tilman, que, olhando para as estantes da sua biblioteca pejudadas de centenas de livros, com dezenas de milhares de páginas, consagrados às Ciências da Educação, nos seus diferentes domínios, interrogava-se: “Como se explica que com tantos saberes acumulados, a nossa escola seja sempre tão medíocre e inigualitária?”

Para uns (é o caso do próprio Tilman) a razão reside nas “características epistemológicas do saber produzido pela investigação em Educação que não é diretamente mobilizado na ação”, o que explica o fosso existente entre os professores e a investigação. Para outros, este fosso resulta da deficiente formação inicial e contínua de professores que não incorpora devidamente os saberes produzidos por essa investigação. Para outros ainda, as razões são, sobretudo, de natureza comunicacional, pelo facto de não haver, por parte da comunidade das Ciências da Educação, uma estratégia de difusão dos

saberes produzidos, adaptada à diversidade dos seus utilizadores finais, quer sejam professores, decisores políticos, pais dos alunos, empregadores e comunidade em geral.

Mas se estas são respostas oriundas principalmente do campo das próprias Ciências da Educação, noutros setores a argumentação é diferente. Na comunicação social e na blogos-



**[Nos últimos anos dos 25 de existência da SPCE] é visível a preocupação pelo reforço da sua visibilidade social e uma primeira tentativa de regulação ético-deontológica das práticas de investigação**

fera é frequente surgirem, pela pena de alguns comentadores, diatribes inflamadas contra “a influência nefasta das Ciências da Educação” junto dos professores e dos responsáveis políticos, responsabilizando-os diretamente pelo que consideram ser os “maus resultados” do sistema educativo. Em Portugal todos nos lembramos das intervenções, entre outros, do ex-ministro Nuno Crato (sobretudo quando “se preparava” para o cargo que viria a exercer) reclamando contra o que considerava serem “as ciências ocultas da educação” que promoviam “uma pedagogia romântica e construtivista” e exigindo a sua erradicação das escolas de formação de professores e dos corredores do Ministério.

Mas, além destas posições mais extremadas, a “utilidade” das Ciências da Educação também tem sido questionada por alguns setores mais ligados à decisão política e administrativa que, aspirando pôr em prática uma “política baseada em evidências”, acusa a investigação produzida de não permitir “guiar a acção” e de ser excessivamente crítica descurando a apresentação fundamentada de alternativas.

Não tenho a oportunidade, nos limites deste pequeno texto, de analisar os racionais que estão subjacentes a estas diversas respostas e que integram um debate mais vasto (que abrange outras Ciências Sociais) sobre a identidade destas ciências e das suas características epistemológicas, sobre a sua função normativa ou explicativa, sobre a natureza não cumulativa do conhecimento produzido, sobre o alcance de uma teoria crítica, sobre a diversidade de referenciais investigativos. Não tenho, também, a possibilidade de situar este debate (como seria necessário) no contexto da análise das complexas relações entre conhecimento, política e práticas profissionais.

É aqui que ganha todo o sentido a referência à SPCE e aos seus 25 anos de existência. Durante este período, a ação das várias direções centrou-se, sobretudo, na divulgação interna e na construção progressiva de uma comunidade, com particular destaque para os dois últimos mandatos, em que é visível a preocupação pelo reforço da sua visibilidade social e uma primeira tentativa de regulação ético-deontológica das práticas de investigação. E já não foi pouco! Isso não significa que não tenha existido, em vários momentos,

uma reflexão centrada na própria natureza e especificidade desta área científica e disciplinar. Mas isso foi feito através de iniciativas dispersas, no âmbito de conferências em congressos ou por iniciativa isolada de alguns dos seus membros, mas nunca deu origem a um verdadeiro debate no seio da nossa comunidade e que tivesse impacto no meio profissional e social ligado à educação. Talvez agora estejam reunidas as condições para, aproveitando muitas das contribuições anteriores, se organizar esse debate, nas várias dimensões aqui abordadas (epistemológicas, políticas, sociais), de uma forma sistemática, rigorosa e plural, confrontando-as não só com o seu passado e o seu presente, mas sobretudo com o seu futuro. Aqui fica o desafio. ■

\* Prof. catedrático aposentado do Instituto de Educação da Un. de Lisboa e membro do Conselho Consultivo da SPCE

### LINKS DAS INQUIETAÇÕES PEDAGÓGICAS

pedagogicasinquietacoes@gmail.com  
inquietacoespedagogicasii.blogspot.pt  
www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas  
www.youtube.com/user/InquietPedagogicas



## Aprender a lidar com as emoções na infância

■ *Filipe Feliz*, *Zé Zangado* e *Maria do Medo* são os três livros que compõem a coleção *Emoções* da Psicóloga Clínica Rita Castanheira Alves, autora de *A Psicóloga dos Miúdos - Guia Prático para todos os Pais e coautora de É Tão Bom Fazer Amigos*. Cada livro divide-se em duas partes: uma história para os mais pequenos e um conjunto de dicas e truques que os pais podem utilizar para ajudar os filhos a controlar as suas emoções. Filipe Feliz é um menino como todos os outros, mas que se sente irritado e triste, por isso vai para casa dos avós para se transformar no 'Filipe Feliz' e aprender aquilo que realmente o faz sentir bem e confortável "Afinal é tão bom estar feliz/ Até à pontinha do nariz", diz-nos o Filipe. Já Maria do Medo todas as noites é assombrada pelo medo, "vai-te embora, não me chateies, não quero pensar em ti", mas vai vencê-lo com a ajuda dos amigos. Por fim Zé Zangado vai conseguir libertar-se da raiva que sente aos poucos "Mãe, mãe, acho que já sou um Zé Zangadinho". As ilustrações da designer Carla Nazareth são muito expressivas, o que vai ajudar as crianças a identificarem as próprias emoções. Todos os exemplares são da editora Booksmile, têm 40 páginas e um preço de 8,79 euros. Entretanto, a Coleção Princesa Poppy também se destaca por ser um livro que ensina os mais pequenos a lidar com pequenas questões e situações que se passam na infância. Em *Princesa Poppy: Uma História de Encantar* (Booksmile, 32 pp, 8,79 euros) da escritora Janey Louise Jones, a professora Malva-Rosa dá um livro para a Poppy ler, mas ela prefere inventar histórias de encantar. Poppy em vez de ser castigada pela professora, vai ter uma grande surpresa, pois a professora vai ensiná-la a ler uma história. Este livro trás ainda uma pequena surpresa, uma carta secreta escrita pela Poppy. Recomendando pelo Plano Nacional de Leitura, segundo ano de escolaridade, a Princesa Poppy é apadrinhada pelo psicólogo e psicanalista Doutor Eduardo Sá.



## Diários

■ *Diário de Sofia % C.ª aos 15 anos* (Jacarandá, 164 pp, 8,90 euros), recomendando pelo Plano Nacional de Leitura sétimo, oitavo e nono ano é o mais recente livro da escritora portuguesa Luísa Ducla Soares, que já foi premiada em 1986, com o Prémio Calouste Gulbenkian, pelo seu livro *Seis histórias de encantar*, em 1996 pelo Grande Prémio Calouste Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra e, em 1973 pelo livro *A história da papoila*, com o Grande Prémio de Literatura Infantil Maria Amália, que acabou por recusar. "Deram-me este diário quando fiz anos. Tive tal desilusão quando o desembrolhei que me apeteceu atirá-lo para o caixote do lixo". Assim começa o diário de Sofia, uma menina de quinze anos, que não gostou nada do presente que lhe ofereceram. No entanto, num dia chuva, sem vontade de estudar, decidiu começar a escrever neste caderno secreto. Através destas linhas ficamos a conhecer o mundo da Sofia, os seus amigos, aventuras e pensamentos. Entretanto em *Diário de uma Banana: dantes é que era* (Booksmile, 224 pp, 16,59 euros), de Jeff Kinney, Greg vai ter de enfrentar novos desafios, pois a sua cidade decidiu regressar ao antigamente, após mandar desligar todos os aparelhos eletrónicos. Será que o Greg vai conseguir adaptar-se ou 'dantes é que era'? Jeff Kinney é um escritor e cartunista norte-americano, que foi nomeado como uma das "100 Pessoas Mais Influentes do Mundo" pela revista Time. Há muito que o seu livro é um dos mais desejados pelos jovens leitores portugueses.



## Mudanças inesperadas

■ *O Meu Cão Herói* (Booksmile, 272 pp, 13,99 euros) da autora inglesa Megan Rix, conta a história do Joe, que após a morte do pai deseja que o dia de Natal não chegue. Porém, é ao tornar-se voluntário a treinar cães para ajudarem pessoas com deficiência que conhece o Manchinhas, um cachorro que lhe vai trazer um novo sentido

# Os legumes do É

■ *A Arca do É (ou a versão vegetariana da arca de Noé)* é um livro infantil da jornalista da VISÃO Ana Margarida de Carvalho, premiada com o Grande Prémio de Romance e Novela APE, pelo livro *Que Importa a Fúria do Mar* (Teorema); e do ilustrador Sérgio Marques, premiado com quatro menções honrosas em 2012/13 no "Concurso Luso-Brasileiro de Cartum Universitário", e com o segundo lugar na 25.ª Edição do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora. Um livro encantador para os meninos que não gostam de sopa que conta a história de dois irmãos gêmeos, o É e o Não É (conhecido por Noé) que eram muito diferentes. O É estava sempre contente, dedicando-se aos seus legumes, enquanto o Noé era resmungão e falava muito de catástrofes. Certo dia, cai uma grande chuva, o que leva o Noé a construir uma arca para abrigar os animais, enquanto o É foi colher os seus legumes à horta. A arca do É, vai cheia de legumes contrariamente à Arca do Noé, que leva animais. Quando a água começou a



Ana Margarida de Carvalho

baixar os animais regressaram à terra, mas os legumes? O que se fez foi uma grande e agradável sopa pois é "que alguns miúdos teimam ainda em não gostar de sopa". As coloridas ilustrações deste livro, assim como o fantasioso sentido de humor, prendem o leitor que se vai mergulhando por entre palmeiras, legumes e muita muita água. Uma versão alternativa do conhecido episódio bíblico que marca a estreia de Ana Margarida de Carvalho na literatura infantil. JL



► Ana Margarida de Carvalho  
**A ARCA DO É (OU A VERSÃO VEGETARIANA DA ARCA DE NOÉ)**  
Teorema, 48 pp, 12,90 euros

à sua vida, mostrando-lhe que ainda é possível ser feliz. Uma história cheia de emoções, que tem como base a amizade. Megan Rix é apaixonada por cães, sendo tal como o protagonista do livro, Joe, voluntária da mesma associação. Já em *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa* (Booksmile, 256 pp, 14,39 euros), Judith Kerr desvenda a história de Anna, que tem apenas nove anos quando é levada juntamente com o irmão, pela mãe para fora da Alemanha, deixando para trás tudo o que tinha. Um clássico juvenil, publicado pela primeira vez em 1971, que regressa agora às livrarias. A história leva-nos à Segunda Guerra Mundial, baseando-se na vida da própria autora alemã, Judith Kerr, que aos 9 anos teve de fugir com a família da Alemanha, pois o seu pai era um famoso crítico do regime nazi, fazendo-os temer o pior. *A Minha vida fora de série, 1.ª temporada* (Editorial Presença, 408 pp, 13,90 euros) da escritora brasileira Paula Pimenta, conhecida pelo seu primeiro romance *Fazendo meu filme* apresenta uma rapariga, Priscila, de treze anos, que após a separação dos pais é obrigada a mudar de cidade. Uma mudança complicada, principalmente na adolescência que a leva a conhecer uma

escola nova e amigos novos. No entanto, Priscila percebe que as mudanças também podem trazer vantagens, e que o mais importante não é o lugar mas sim as pessoas.



## Espírito de Natal

■ *A História do Natal* e *O meu livro de orações* do professor e escritor português Sérgio Franclim são aconselhados para crianças com mais de quatro anos de idade. As coloridas e cativantes ilustrações pertencem à designer Diana de Oliveira. *A História do Natal* conta a narração do nascimento de Jesus, adaptada para os mais novos e, explica uma série de curiosidades sobre o Natal. *O meu livro de orações* é composto por orações para incentivar os mais novos a rezar. O livro divide-se em *Orações da manhã*; *Ao longo do dia*; *Orações da noite*; *Rezo*; *Celebro*; *Rezo e Orações diversas*. Sérgio Franclim é licenciado

em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo publicado o seu primeiro livro intitulado *Espírito Infinito* em 1999. A partir daí publicou um pouco de tudo, desde ficção à poesia, passando pelo teatro e pelo ensaio. Gere ainda o site do Instituto Diocesano da Formação Cristã. Ambos os livros são da editora Booksmile, têm 40 páginas e custam 8,79 euros. Assim como as orações são importantes, também os valores da solidariedade e da amizade devem estar sempre presentes. É isso que serve de base à obra *O Pato Amarelo e o Gato Riscado* (Caminho, 37 pp, 8,00 euros). Escrito pela professora do 1.º Ciclo Manuela Castro Neves, que tem uma grande experiência de trabalho com crianças, e com ilustrações da designer Madalena Matoso, conta a história de dois amigos muito diferentes, um pato amarelo e um gato riscado. Certo dia, os dois amigos perdem-se, começa a cair uma grande chuva, e o pato é levado por um mocho. O gato acaba por ficar sozinho, assustado, mas a partir daí conhece novos animais, que o tentam sempre ajudar, no entanto são sempre impedidos por alguma coisa.

Francisca Cunha Rego

■ A manhã está cinzenta, ameaça chover. Em Sintra já ninguém estranha este tempo. As crianças, entre 3 e 5 anos, brincam no recreio. Por cima da roupa usam umas jardineiras impermeáveis, casacos vestidos. Alguns têm gorros nas cabeças. Parecem não se importar com a chuva miudinha que agora começa a cair. É que há coisas muito importantes para fazer. Como brincar com as caixas grandes de plástico que, de repente, se transformam em carruagens de um comboio. “Vamos para a praia. Uh-hhhh uhhhh, pouca terra-pouca terra”, canta o Pedro, de 4 anos, metido dentro da ‘locomotiva’. A Ana, da mesma idade, decide ir para ao pé das galinhas. “Dão muitos ovinhos. Gostam de se esconder”, diz, enquanto aponta para uma galinha que resolveu fugir para dentro do galinheiro. “Queres ver a nossa horta?”, pergunta. Nem espera pela resposta e desata a correr, despachada. “Aqui era onde estava a abóbora que usamos para fazer o doce”, diz, mexendo na terra solta. Rápida, levanta-se e começa novamente a correr em direção ao recreio onde o José, de 5 anos, a desafia para uma construção na areia.

Aos poucos as crianças vão chegando – os horários n’O Pinhão não são muito rígidos, mas normalmente chegam até às 10 e 30. Os pais entram na escola, no recreio, nas salas, conversam com as educadoras, contam as novidades. “Sabem que aqui estão em casa. São muito bem-vindos. Estamos sempre disponíveis para os ouvir e para colaborar com eles”, diz Teresa Vozzone (TV), fundadora e diretora pedagógica deste Jardim Infantil que nasceu há 32 anos.

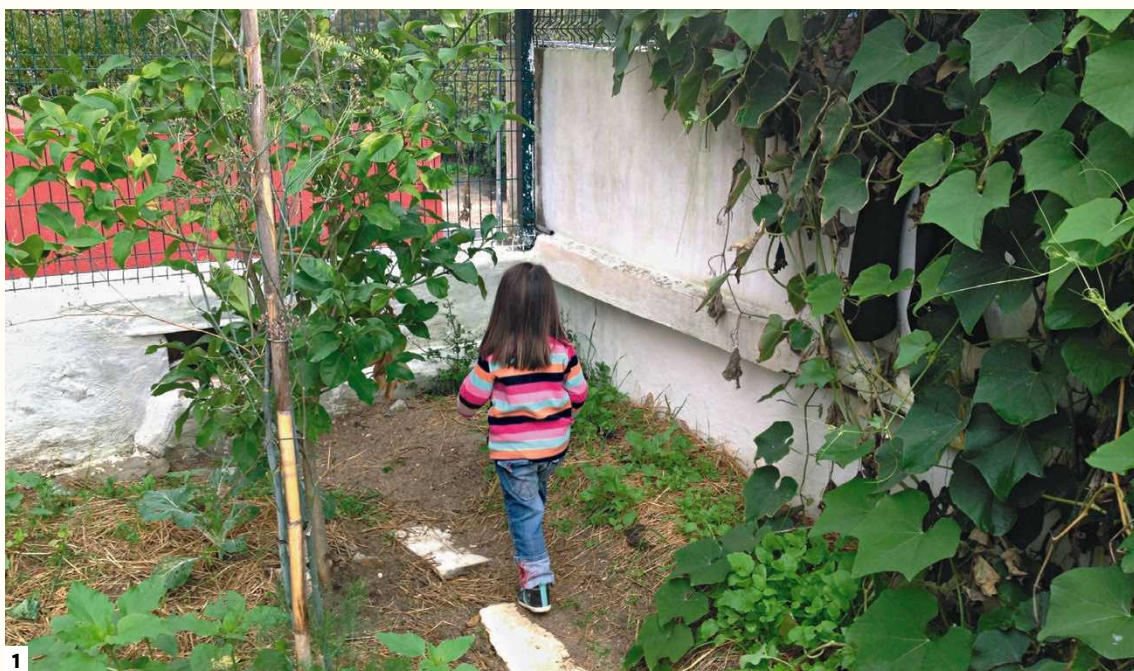
“Sempre sonhei ter uma escola minha e, felizmente, pude concretizar esse sonho. Durante a infância recebi a enorme influência da minha avó Pureza que me levava – e aos meus muitos primos – a passear em aventuras fantásticas que podiam incluir caças ao tesouro, viagens de barco ou pic-nics fora de horas. Andávamos muito ‘à solta’ e isso deu-nos uma autonomia e liberdade enormes, mas sempre com responsabilidade. Quis trazer essa ‘escola’ para a minha escola”, diz, a sorrir, a diretora.

Foi uma amiga dessa avó, nada mais nada menos que Maria Ulrich, quem aconselhou TV a ir para a Escola Superior de Educadores de Infância. Pouco depois de terminar o curso, durante um estágio, teve uma ‘epifania’. Em conversa com uma amiga – Assunção Folque, hoje prof.<sup>a</sup> da Universidade de Évora – concluíram, depois de um dia inteiro passado com crianças, que falavam com os mais pequenos como não falavam com mais ninguém. O tom autoritário reinava. Teresa percebeu que não era esse o caminho. E foi tendo por base valores como respeito, confiança, solidariedade, entreajuda e diálogo

## Jardim Infantil O Pinhão, em Sintra

# Crescer a brincar

Há uma horta, várias galinhas, dois coelhos, um porquinho-da-índia. Há um limoeiro de onde pende um baloiço. E paredes onde se pode pintar. Também há roupas e máscaras para se fazerem teatros. Há espaço para pensar, conversar, descobrir, crescer



1



2



3

1-Horta pedagógica N’O Pinhão as crianças ajudam a regar e a tratar deste projeto; 2-No jardim Subir ao limoeiro (e apanhar limões) é uma das atividades predilectas; 3-Doce de abóbora Todos querem provar

com as crianças que iniciou O Pinhão. Tinha quatro alunos. Ao longo dos anos viriam muitos mais. Cresceriam também os conhecimentos que os “gurus”, como José Pacheco, Ruben Alves, Marcelo Cunha Bueno, Emília Ferreiro ou Eduardo Sá têm acrescentado à prática educativa que aí se faz. “Estes autores fazem-nos pensar, melhorar e dar consistência ao nosso trabalho. Não somos fundamentalistas com nenhum método. A nossa teoria é brincar, mas usamos técnicas e desenvolvemos características baseadas nos estudos sobre

inteligência emocional e em movimentos como o Waldorf ou Escola Moderna”, acrescenta Teresa.

### PASSEIOS & DOCE DE ABÓBORA

“O meu jardim infantil era um lugar cheio de magia e aventura. Onde cada dia era uma surpresa, cheio de passeios inesperados (muito devido à carrinha a que nós chamávamos Aventura e que avariava nos sítios mais inoportunos resultando em descobertas na serra [de Sintra]) dias de brincar com o barro, com a madeira, com os

pais...”, escreveu há algum tempo Ana Macedo e Couto, hoje arquiteta, uma das primeiras alunas da escola, na página do Facebook d’O Pinhão. O que deixa a sua fundadora e diretora “muito feliz”: “Estes testemunhos dão-me a certeza de que a nossa forma de ajudar a crescer fez a diferença”.

Ainda hoje as crianças passeiam uma vez por semana na carrinha (que já não avaria...) pela Serra de Sintra, pela vila, vão aos museus, à biblioteca, ao parque... Acentua TV: “É através do contacto e da exploração de diversos ambientes que as crianças organizam o seu mundo. Assim, é importante conhecerem o meio em que estão inseridas. Consideramos indispensável proporcionar-lhes a maior variedade possível de experiências”.

No dia em que o JL/Educação visitou a escola era suposto haver passeio, mas a chuva forte obrigou a equipa a mudar de planos. Nada de grave. O doce de abóbora que fizeram com o legume regado e tratado pelas crianças na horta pedagógica já estava pronto. A mistura da abóbora com o açúcar foi também feita pelas crianças “Vamos encher os frascos?” pergunta o Miguel, de 3 anos. “Vamos pois. E até lhe vamos acrescentar umas nozes”, responde a educadora Sara Caetano.

### “NÓS CONSEGUIMOS!”

A panela com o doce ocupa uma das mesas azuis da sala e é ver as crianças a encher os frascos – devidamente decorados com desenhos feitos por eles –, com algum lambuzamento como convém... “Hummm é bom!”, diz, deliciado, o António, enquanto dá uma lambidelada na colher. “Tão bom!”, reforça a Joana. Outro grupo, noutra mesa, vai partindo as nozes. “Nós conseguimos!”, dizem a Francisca e a Catarina. E conseguem mesmo. “Se lhes dermos autonomia e lhes transmitirmos confiança em si próprias – sublinha TV – as crianças são capazes de tudo. Se por acaso algo corre menos bem, nunca rotulamos a criança, antes o ato. Ensinamos sempre pela via do sucesso e nunca do falhanço”.

Os frascos de doce estão prontos para logo à tarde serem oferecidos aos pais. E as mãos dos pequeninos prontas para serem lavadas. “Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar/ dizia aos meninos para irem lavar as mãos”, canta a educadora. As crianças vão-se encaminhando para a casa de banho, tranquilamente. Há muito que aquela e outras canções lhe são familiares. Antes já estiveram a pôr a mesa do almoço e quando terminarem o couscous (há sempre um dia por semana em que a comida é vegetariana) vão ajudar a levantar os pratos e copos. “Gosto de ajudar”, diz um dos rapazes mais crescidos. “E ajuda muito!”, completa Teresa Vozzone, que tem um desejo para os seus meninos e meninas: “Que, pela vida fora, encontrem pessoas que respeitem a sua individualidade e diversidade. Sei que é isso que os nossos alunos farão”. JL



“Se lhes dermos autonomia e lhes transmitirmos confiança em si próprias as crianças são capazes de tudo. (...) Ensinamos sempre pela via do sucesso e nunca do falhanço”

## O Animador

Teatro Nacional D. Maria II acolhe, de 10 a 20 de dezembro, texto de John Osborne, numa encenação de Gonçalo Amorim.

### ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite  
Av. Prof. Egas Moniz. Tel.: 212 739 360

#### M Concerto de Natal

Pela Orquestra Filarmonica Mediterranea.  
Coreografia/ballet de Propio de la Compania.  
20 de dezembro – 16h

#### T A Tragédia Otimista

De Vsevolod Vichnievski. Encenação de  
Rodrigo Francisco. Interpretação de Adriano  
Carvalho, Ana Cris, André Albuquerque, André  
Gomes, Carlos Pereira, entre outros.  
4ª A SÁB., ÀS 21H30; DOM., ÀS 16H  
até 13 de dezembro

#### T Pastéis de Nata Para Bach

Dramaturgia de Pedro Proença e Teresa  
Gafeira. Encenação de Duarte Guimarães.  
Interpretação de André Alves, Joana  
Francampos, Maria Frade e Pedro Walter.  
SÁB. E 3ª A 8ª, ÀS 16H; DOM., ÀS 11H  
(SESSÕES PARA ESCOLAS NOS DIAS ÚTEIS.)  
até 20 de dezembro

### ANGRA DO HEROÍSMO

Museu de Angra do Heroísmo

Ladeira de São Francisco. Tel.: 295 240 800

#### E Mundo Pequenininho:

A Infância entre 1890 e 1950

até 31 de janeiro

#### E Visões: O Interior do Olho Humano

até 31 de janeiro 2016

### ARRONCHES

Igreja Matriz de Arronches

#### M Concerto de Natal

Pelo Coro da Catedral de Évora,  
sob a direção de Rafael Reis e Octávio Martins.  
12 de dezembro – 17h



A Tragédia Otimista, em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite

### AVEIRO

Museu de Aveiro

Av. de Santa Joana. Tel.: 234 423 297  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 17H30

#### E Reservas do Museu de Aveiro

até 31 de dezembro

### BRAGA

Theatro Circo

Av. da Liberdade, 697. Tel.: 253 203 800

#### M Deus

18 de dezembro – 21h

#### T Os Músicos de Bremen

A partir do conto dos Irmãos Grimm.  
Encenação de José Caldas. Interpretação  
de André Laires, António Jorge, Carlos  
Feio, Sílvia Brito e Tamara Thais.  
9 e 10 de dezembro – 11h e 15h

#### T Avaleiro Procura-Se

15 de dezembro – 15h e 21h30

#### T Portátil

Pela Porta dos Fundos.

17 de dezembro – 22h

#### T Patinho Feio

A partir de Hans Christian Andersen.  
Dramaturgia e encenação de Luiz Oliveira.  
Interpretação de Luiz Oliveira, Rita Calatré  
e Vitor Fernandes. Espetáculo com tradução  
para Língua Gestual Portuguesa.  
20 de dezembro – 16h30

### BRAGANÇA

Centro de Arte

Contemporânea Graça Morais

R. Abílio Beça, 105. Tel.: 273 302 410  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H30

#### E Graça Morais: Cenários e Figurinos

até 10 de janeiro 2016

#### E André Gomes:

#### Incandescência das Sombras

até 10 de janeiro 2016

Museu Abade de Baçal

R. Abílio Beça, 27. Tel.: 273 331 595

3ª A 6ª, DAS 9H30 ÀS 17H30; SÁB. E DOM., DAS 9H30 ÀS 18H

#### E Visitas Espectaculares: Pintores e

Arquitetos nos Palcos Portugueses

até 28 de fevereiro 2016

### CALDAS DA RAINHA

Museu José Malhoa

Parque D. Carlos I. Tel.: 262 831 984

3ª A DOM., DAS 10H ÀS 19H

#### E Desenho, Pintura,

Escultura e Cerâmica dos

Séculos XIX e XX em Portugal

até 31 de dezembro

#### E Projeto MatrizMalhoa –

Museu.Cidade.Arte

até 28 de abril 2016

### CASCAIS

Centro Cultural de Cascais

Av. Rei Humberto II de Itália. Tel.: 214 848 900

3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

#### E Looking For Something

Exposição de pintura de Mónica Capucho.

até 13 de dezembro

### CANTANHEDE

Museu da Pedra

Lg. Cândido dos Reis, 4. Tel.: 231 423 730

3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 18H; SÁB. E DOM., DAS 14H ÀS 18H

#### E O Tempo Resgatado ao Mar

até 31 de maio 2016

### COIMBRA

Museu Nacional de Machado de Castro

Lg. Dr. José Rodrigues. Tel.: 239 853 070

3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

#### E Anozero: Família

até 31 de janeiro 2016

### CRATO

Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa

R. do Mosteiro. Tel.: 245 997 210

#### E Même

até 31 de dezembro

### ELVAS

Museu de Arte Contemporânea de Elvas

3ª, DAS 14H ÀS 18H; 4ª A DOM., DAS 11H ÀS 18H.

#### E Smuggling

Mostra de trabalhos inéditos de João Louro.

até 1 de maio 2016

### ESPINHO

Auditório de Espinho

R. 34, 884. Tel.: 227 341 145

#### M Orquestra Clássica de Espinho

Pedro Neves - direção musical.

19 de dezembro – 21h30

### ÉVORA

Galeria da Casa de Burgos

R. de Burgos, 5. Tel.: 266 769 450

2ª A 6ª, DAS 9H ÀS 12H30 E DAS 14H30 ÀS 17H30

#### E Intervenção Arquitetónica em

Contexto Arqueológico. Propostas

e Desafios para a Cidade de Braga

até 8 de janeiro 2016

Igreja do Salvador

3ª A 6ª, DAS 9H30 ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H

#### E Nasceu Jesus:

Presépios de Delfim Manuel

até 30 de janeiro 2016

Museu de Évora

Lg. Conde de Vila Flor. Tel.: 266 702 604

3ª A DOM., DAS 9H30 ÀS 17H30

#### E Tanger de Mui Folgar -

Instrumentos de Música

Antiga Séculos XVI/XVIII

até 8 de dezembro

#### E Curiosidades de

D. Frei Manuel do Cenáculo

até 31 de dezembro

#### E 100 Anos de Museu

até 31 de dezembro

Teatro das Figuras

Horta das Figuras, E. N. 125. Tel.: 289 888 100

#### D Peter Pan

Bailado inspirado na obra de

J. M. Barrie, interpretado pela

Companhia de Dança do Algarve.

18 de dezembro – 10h30 (escolas)

19 de dezembro – 21h30

20 de dezembro – 16h30

#### M A Magia do Natal

Pela Orquestra Clássica do Sul,

sob a direção do maestro Rui Pinheiro.

23 de dezembro – 18h30

### GUARDA

Museu da Guarda

R. General Alves Roçadas, 30. Tel.: 271 213 460

3ª A DOM., DAS 10H ÀS 19H

#### E Museu da Guarda: Coleção de Armaria

até 31 de dezembro

Teatro Municipal da Guarda

R. Batalha Reis, 12. Tel.: 271 205 240

#### E L'Après Midi D'un Faune

Exposição de Hironidino Pedro e Manuel Vieira.

até 20 de dezembro

## GUIMARÃES

**Centro Internacional das Artes José de Guimarães**  
Tel. (info.): 253 424700  
3ª A DOM., AS 10H ÀS 19H  
**E Os Inquéritos [à Fotografia e ao Território] - Paisagem e Povoamento**  
até 31 de janeiro 2016

## LISBOA

**Culturgest**  
R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155  
**A Alexander Kluge, Cineasta da Alemanha, Cronista da História**  
9 a 16 de dezembro

**Teatro Municipal de São Luiz**  
R. António Maria Cardoso, 38.  
Tel.: 2132 57 650  
**A A Palavra aos Artistas**  
até 2 de maio 2016

**Arquivo Nacional Torre do Tombo**  
Al. da Universidade. Tel.: 217 811 500  
**C Magna Carta: Significados**  
9, 10 e 11 de dezembro

**Biblioteca Nacional de Portugal**  
Campo Grande, 83. Tel.: 217 982 000  
**C O Jornal de Empresa ao Serviço da Comunicação**  
9 de dezembro - 15h  
**C Carta de um Negociante Anónimo: um Retrato Quase Virgem do Rio de Janeiro do Dezanove**  
Conferência por Maria Adalina Amorim.  
10 de dezembro - 18h  
**C O Mundo Europeu de Bocage: das Luzes à Revolução Francesa**  
Conferência por Viriato Soromenho Marques.  
15 de dezembro - 18h  
**C Duas Cidades Portuárias: Livorno e Lisboa**  
Apresentações de Francisco Mangas e Francisco Zamora Rodriguez.  
16 de dezembro - 16h

**Centro Cultural de Belém**  
Pç. do Império. Tel.: 213 612 400  
**D LAUF (in a course of a life time)**  
Criação de Silke Z., Andre Zimmermann, António Cabrita. Coreografia de Silke Z.  
11 e 12 de dezembro - 21h  
**D A Bela Adormecida**  
Pelo Russian National Ballet.  
11 de dezembro - 21h  
12 de dezembro - 16h e 21h

**D O Quebra-Nozes**  
17 de dezembro - 16h e 21h

**Palácio Nacional da Ajuda**  
Lg. da Ajuda. Tel.: 213 620264  
**D Bailado Solidário**  
12 de dezembro - 17h

**Teatro Camões**  
Parque das Nações. Tel.: 218 923 477  
**D A Bela Adormecida**  
Coreografia de Marius Petipa. Versão e coreografia adicional de Ted Brandsen. Música de Piotr Illitch Tchaikovski. interpretação por artistas da Companhia Nacional de Bailado.  
11, 12, 17, 18 e 19 de dezembro - 21h  
13 e 20 de dezembro - 16h  
9 e 16 de dezembro - 15h (escolas)

**Teatro da Politécnica**  
R. da Escola Politécnica, 58. Tel.: 213 916 750  
**D Gentileza de um Gigante**  
Conceção, direção e coreografia de Gustavo Ciríaco. Com Ana Trincão e Tiago Barbosa.  
18 e 19 de dezembro - 21h

**Arquivo Nacional Torre do Tombo**  
Al. da Universidade. Tel.: 217 811 500  
2ª A 6ª, DAS 9H30 ÀS 19H30; SÁB., DAS 9H30 ÀS 12H30  
**E Magna Carta: Significados**  
até 12 de dezembro

**Biblioteca Nacional de Portugal**  
Campo Grande, 83. Tel.: 217 982 000  
**E Da Inquietude à Transgressão: Eis Bocage...**  
até 31 de dezembro  
**E Ramalho Ortigão. Um Publicista em Fim de Século**  
até a 31 de dezembro  
**E Aldo Manuzio (ca 1450-1515): o Inventor do Itálico**  
até 31 de dezembro  
**E Arte de Ser Português**  
até 31 de dezembro

**E Imprensa Empresarial em Portugal: 145 Anos de Jornais de Empresa (1869-2014)**  
até 31 de dezembro  
**E Centenário da Revista Atlântida**  
até 31 de dezembro  
**E Leitores dos Clássicos: Edições Italianas na Transição do Século XV para o Século XVI**  
até 30 de janeiro 2016  
**E Portugal - Irão: 500 Anos**  
até 9 de janeiro 2016

**Câmara Municipal de Lisboa**  
Paços do Concelho. Tel.: 213 236 100  
2ª A 6ª, DAS 10H ÀS 17H30; SÁB., DAS 13H ÀS 18H  
**E Lisboa 1415 Ceuta: História de Duas Cidades**  
até 29 de fevereiro

**Centro Cultural de Belém**  
Pç. do Império. Tel.: 213 612 400  
2ª A 6ª, DAS 8H ÀS 20H; SÁB., DOM. E FERIADOS, DAS 10H ÀS 18H  
**E Carrilho da Graça: Lisboa**  
até 14 de fevereiro 2016

**Culturgest**  
R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155  
**E Projeto Teatral: Nenhuma entrada Entrem**  
até 23 de dezembro

**E Von Calhau!: Oximoroboro**  
até 23 de dezembro

**Fundação Arpad Szénes - Vieira da Silva**  
Pç. das Amoreiras, 58. Tel.: 213 880 044  
3ª a dom., das 10h às 18h; encerra 2ª e feriados  
**E Atelier Teresa Magalhães**  
até 31 de janeiro 2016

**Fundação Calouste Gulbenkian**  
Av. de Berna, 45ª. Tel.: 213 880 044  
2ª, 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E D. Manuel II e os Livros de Camões**  
até 15 de fevereiro 2016  
**E O Círculo Delaunay**  
Obras de Sonia e Robert Delaunay.  
até 22 de fevereiro 2016  
**E Hein Semke. Um Alemão em Lisboa**  
até 22 de fevereiro 2016  
**E Willie Doherty. Uma e Outra Vez**  
até 22 de fevereiro 2016  
**E Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa**  
até 28 de março 2016  
**E Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês**  
até 28 de março 2016  
**E As Casas na Coleção do CAM**  
até 31 de outubro 2016

**Núcleo Arqueológico**  
R. dos Correiros, 21. Tel.: 211 131 004  
2ª A SÁB., DAS 10H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 17H  
**E Fragmentos Iridescentes: os Vidros do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros**  
até janeiro 2016

**MUDE - Museu do Design e da Moda**  
R. Augusta, 24. Tel.: 218 88 6 117  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Ensaio para um Arquivo: o Tempo e a Palavra. Design em Portugal entre 1960 e 1974**  
até 7 de fevereiro 2016

**Museu de Lisboa - Torreão Poente**  
Terreiro do Paço. Tel.: 217 513 200  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E A Luz de Lisboa**  
até 20 de dezembro

**Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado**  
R. Serpa Pinto, nº 4. Tel.: 213 432 148  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Echoes on the Wall: Rita GT: We Shall Overcome!**  
até 10 de janeiro 2016

**E Temps d'Images Loops.Lisboa**  
até 24 de janeiro 2016  
**E Rui Toscano: Civilizações de Tipo I, II e III**  
até 31 de janeiro 2016  
**E Premio Sonae Media Art 2015**  
até 31 de janeiro 2016  
**E António Soares**  
até 31 de janeiro 2016  
**E Narrativa de uma Coleção - Arte Portuguesa na Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)**  
até 12 de junho 2016

**Museu Coleção Berardo**  
CCB. Pç. Do Império. Tel.: 213 612 878  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 19H  
**E Stan Douglas. Interregnum**  
até 14 de fevereiro 2016

CONFERÊNCIAS CONFERENCES  
**MAGNA CARTA**  
Lisboa, Torre do Tombo | 9, 10, 11 dezembro december, 2015  
Sala de Conferências Conference Room | Entrada livre Free admission

**9, Quarta Wednesday | A ligação à Catedral de Hereford The Hereford Connection**  
15:30  
MAGNA CARTA - A LIGAÇÃO À CATEDRAL DE HEREFORD  
pelo Chanceler da Catedral de Hereford, Reverend Chris Pullin  
MAGNA CARTA - THE HEREFORD CONNECTION  
by the Chancellor of Hereford Cathedral, the Reverend Canon Chris Pullin

**10, Quinta Thursday | Significados Its significance**  
15:00  
O MAU REI JOÃO E OS MEANDROS DA MAGNA CARTA  
por Nicholas Vincent, Universidade de East Anglia  
BAD KING JOHN AND THE MAKING OF MAGNA CARTA  
by Nicholas Vincent, University of East Anglia

15:40  
OS TEMPOS DA MAGNA CARTA NO PORTUGAL DE AFONSO II: CONVULSÃO, COMPROMISSO E INOVAÇÃO  
por Maria João Branco, Universidade Nova de Lisboa  
THE TIMES OF MAGNA CARTA AND THE RULE OF KING AFONSO II: CONFLICT, COMPROMISE AND INNOVATION  
by Maria João Branco, Nova University of Lisbon

16:10  
SOBRE O LEGADO POLÍTICO DA MAGNA CARTA E A CULTURA POLÍTICA DOS POVOS DE LÍNGUA INGLESA  
por João Carlos Espada, Universidade Católica Portuguesa  
ON THE POLITICAL LEGACY OF MAGNA CARTA AND THE POLITICAL CULTURE OF ENGLISH-SPEAKING PEOPLE  
by João Carlos Espada, Catholic University of Portugal

**11, Sexta Friday | Em defesa do Estado de Direito In defence of the Rule of Law**  
16:30  
O ESPÍRITO DO ESTADO DE DIREITO NA EUROPA  
por Pierre Zelenko, Sócio da Linklaters, Paris  
THE SPIRIT OF THE RULE OF LAW ACROSS EUROPE  
by Pierre Zelenko, Linklaters Partner, Paris

17:00  
A TRADIÇÃO DO CONSTITUCIONALISMO PORTUGUÊS NO CONTEXTO EUROPEU E A INFLUÊNCIA DA MAGNA CARTA  
pela Vice-Presidente do Tribunal Constitucional, Maria Lúcia Amaral  
THE TRADITION OF PORTUGUESE CONSTITUTIONALISM IN AN EUROPEAN CONTEXT AND THE INFLUENCE OF THE MAGNA CARTA  
by the Vice-President of Portuguese Constitutional Court, Maria Lúcia Amaral

17:20  
A MAGNA CARTA NOS DIAS DE HOJE  
por Richard Godden, Sócio da Linklaters, London  
THE MAGNA CARTA TODAY  
by Richard Godden, Linklaters Partner, London

Torre do Tombo, Alameda da Universidade, 1649-010 Lisboa, Tel.: (+351) 210 037 180/81 | <http://dglab.gov.pt>

**E Nicolás Paris. Quatro Variações à Volta de Nada ou Falar do Que Não tem Nome**  
até 6 de março 2016  
**E O Teu Corpo é o Meu Corpo**  
até 3 de abril 2016

**Museu da Eletricidade**  
Av. Brasília, Central Tejo.  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

**E José Pedro Cortes: One's Own Arena**  
até 13 de dezembro  
**E Afinidades Eletivas.**

**Julião Sarmiento Colecionador**  
até 3 de janeiro 2016  
**E Suite Rivolta: O Feminismo Radical de Carla Lonzi e a Arte da Revolta**  
até 31 de janeiro 2016

**Museu do Oriente**  
Av. Brasília, Doca de Alcântara. Tel.: 213 585 200  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H; 6ª, DAS 10H ÀS 12H  
**E A Arte da Falcoaria de Oriente a Ocidente**  
até 6 de março 2016

**Museu Nacional de Arte Antiga**  
R. das Janelas Verdes. 213 912 800  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E A Sagrada Família com Santa Ana**  
até 10 de janeiro 2016

**E Do Japão. A Beleza em Miniatura: Inro e Netsukes (Séculos XVIII-XIX)**  
até 31 de janeiro 2016

**E Joyeuse Entrée: A Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg**  
até 14 de fevereiro 2016

**E Colección Masaveu: Grandes Mestres da Pintura Espanhola Greco, Zurbarán, Goya, Sorolla**  
até 3 de abril 2016

**Museu Nacional de Etnologia**  
Av. Ilha da Madeira. Tel.: 213 041 160  
3ª, DAS 14H ÀS 18H, 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Da Matéria aos Usos: Malhas de Lã da Póvoa de Varzim**  
dezembro

**Museu Nacional de História Natural e da Ciência**  
R. da Escola Politécnica, 56/58. Tel.: 213 9121 800  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 17H; SÁB. E DOM., DAS 11H ÀS 18H  
**E Allosaurus: um Dinossáurio, Dois Continentes**  
até 31 de dezembro  
**E A Aventura da Terra: Um Planeta em Evolução**  
até 31 de dezembro 2016

**Museu Nacional do Azulejo**  
R. Madre de Deus, 4. Tel.: 218 100 340  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E A Água no Azulejo Português do Séc. XVIII**  
até 31 de dezembro

**Museu Nacional do Teatro e da Dança**  
Estrada do Lumiar, 10. Tel.: 217 567 410  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Tempos de Dança - Evocação do Estúdio-Escola de Dança Clássica de Anna Mascolo**  
até 15 de janeiro 2016

**Museu Nacional do Traje**  
Lg. Júlio Castilho. Tel.: 217 567 620  
3ª, DAS 14H ÀS 18H; 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Coleção Anadia: Traje e Acessórios**  
até 31 de dezembro

**Palácio Nacional da Ajuda**  
Lg. da Ajuda. Tel.: 213 620264  
**E D. Luís**  
até 6 de janeiro 2016  
**E Ricordo di Venezia. Vidros de Murano da Casa Real Portuguesa**  
até 20 de janeiro 2016  
**E Fotografia Tirée par... a Rainha e a Fotografia**  
até 20 de janeiro 2016



Centro Português de Fotografia acolhe *40 Anos, 40 fotografias, 40 Fotógrafos*

**Panteão Nacional**  
Tel.: 218 854 820  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 17H  
**E O Poder Sublime**  
Exposição de fotografia Dina Salvador.  
até 13 de dezembro  
**E Humberto Delgado – Coragem, Determinação, Reconhecimento**  
até 30 de abril 2016

**Picadeiro Real do Museu Nacional dos Coches**  
Pç. Afonso de Albuquerque. Tel.: 213 610 850  
**E As Far as the Eye Can't See**  
até 20 de dezembro

**Sociedade Nacional de Belas-Artes**  
R. Barata Salgueiro, 36. Tel.: 213 138 510  
2ª a 6ª, das 12h às 19h  
**E A Terra como Acontecimento**  
Exposição de Romy Castro.  
até 3 janeiro de 2016  
**E No Atelier de Teresa Magalhães**  
até 31 de janeiro 2016

**Teatro Nacional D. Maria II**  
Pç. D. Pedro IV. Tel.: 213 250 800  
3ª A SÁB., DAS 15H ÀS 18H; 4ª E DOM., 30 MIN. ANTES DO INÍCIO DOS ESPETÁCULOS NA SALA GARRETT.  
**E Música no D. Maria II: a Coleção de Partituras**  
até 31 de dezembro  
**E Graça Morais. Cenários e Figurines**  
até 12 de janeiro 2016

**Centro Cultural de Belém**  
Pç. do Império. Tel.: 213 612 400  
**M 100 Sinatra**  
12 de dezembro – 18h  
**M Recital de Piano por Raúl da Costa**  
Obras de J.S.Bach/Busoni, Franck, Schubert/Liszt.  
13 de dezembro – 17h

**M Há Fado no Cais: António Zambujo**  
18 de dezembro – 21h  
**M Octa Push**  
18 de novembro – 21h  
**M Orquestra - Escola de Jazz: Take the BBJ Train!**  
19 de dezembro – 21h  
**M Bach: Oratória de Natal**  
Pela OML e Coro Lisboa Cantat.  
20 de dezembro – 17h

**M Orquestra Geração**  
Direção musical de Sandra Martins e a participação dos solistas Daniela Brito e Margarida Abrantes.  
20 de dezembro – 17h

**Culturgest**  
R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155  
**M Dhafer Youssef: Birds Requiem**  
11 de dezembro – 21h30

**Fundação Calouste Gulbenkian**  
Av. de Berna, 45ª. Tel.: 213 880 044  
**M Coro e Orquestra Gulbenkian**  
Paul McCreech - maestro.  
Obras de Berlioz.  
10 de dezembro – 21h  
11 de dezembro – 19h  
**M Graindelavoix**  
Björn Schmelzer – direção.  
Programa: Vésperas Cipriotas de Natal.  
13 de dezembro – 19h  
**M Recital de Piano por Yefim Bronfman**  
Obras de Prokofiev.  
14 de dezembro – 19h  
**M Jerusalem Quartet**  
Obras de Haydn, Bartók, Dvorák.  
16 de dezembro – 19h  
**M Coro e Orquestra Gulbenkian**  
Jorge Matta – maestro.  
Obras de Shaw, Bennett, Franck, Vaughan-Williams, Grauber, Ballard, Silvestri.  
20 de dezembro – 11h e 16h

**Teatro Camões**  
Parque das Nações. Tel.: 218 923 477  
**P Música nas Férias do Natal: A Menina do Mar e História do Pequeno Alfaiate**  
9 e 17 de dezembro - 11h  
10 e 16 de dezembro - 15h  
11 de dezembro - 20h  
13 e 19 de dezembro - 16h

**P Música nas Férias do Natal: Pedro e o Lobo e História de Babar, O Pequeno Elefante**  
Projeto educativo de João Paulo Santos. A partir dos 3 anos de idade.  
9 e 17 de dezembro - 15h  
10 e 16 de dezembro - 11h  
12 e 20 de dezembro - 16h  
18 de dezembro - 20h

**Culturgest**  
R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155  
**T Nenhuma Entrada Entrem**  
Projeto Teatral: Helena Tavares, João Rodrigues, Maria Duarte, André Maranhã, Gonçalo Ferreira de Almeida.  
até 23 de dezembro

**Museu Nacional do Teatro e da Dança**  
Estrada do Lumiar, 10. Tel.: 217 567 410

**T O Macaco de Rabo Cortado**  
Espetáculo infantil pela Companhia Teatro da Raposa. Marcação prévia.  
13 e 19 de dezembro – 16h  
**T Os Sete Cabritinhos**  
Teatro infantil (1 aos 6 anos.) pela Companhia Palco de Chocolate. Marcação prévia.  
13 de dezembro – 10h30  
**T O Patinho Feio**  
Espetáculo de teatro infantil (2 aos 5 anos.) pela Companhia Cativar. Marcação prévia.  
20 de dezembro – 10h30

**Teatro da Politécnica**  
R. da Escola Politécnica, 58. Tel.: 213 916 750  
**T O Tempo**  
De Lluïsa Cunillé. Encenação de Jorge Silva Melo.  
3ª E 4ª, ÀS 19H; 5ª E 6ª, ÀS 21H; SÁB., ÀS 16H E ÀS 21H  
até 12 de dezembro  
**T I Can't Breathe**  
Encenação de . Interpretação de Ana Monte Real.  
3ª E 4ª, ÀS 21H; 5ª A SÁB., ÀS 19H  
até 12 de dezembro

**Teatro da Trindade**  
Lg. da Trindade, 7A. Tel.: 213 423 200  
**T Os Pés no Arame**  
Encenação de Renato Godinho.  
Interpretação de Igor Regalla, Sara Prata, Sofia Nicholson e Renato Godinho.  
5ª A SÁB., ÀS 21H45; DOM., ÀS 17H  
até 20 de dezembro  
**T Allo, Allo!**  
Encenação de Paulo Sousa Costa e João Didelet. Interpretação de João Didelet, Elsa Galvão, Oceana Basílio, José Carlos Pereira, Filipe Crawford, entre outros.  
4ª A SÁB., ÀS 21H30; DOM., ÀS 18H  
até 27 de dezembro  
(exceto 23, 24 e 25 de dezembro)  
**T A Bela e o Monstro**  
Encenação de Paulo Sousa Costa / João Didelet. Interpretação de Marta Andrino, Ruben Madureira, Carla Salgueiro, Sissi Martins, José Neto, entre outros.  
4ª A 6ª, ÀS 11H E 14H (ESCOLAS); SÁB., ÀS 16H; DOM., ÀS 15H  
até 27 de dezembro  
(exceto 23, 24 e 25 de dezembro)

**Teatro Nacional D. Maria II**  
Pç. D. Pedro IV. Tel.: 213 250 800  
**T O Animador**  
De John Osborne. Encenação de Gonçalo Amorim. Interpretação de António Júlio, Iris Cayatte, João Pedro Vaz, Manuel Nabais, Maria do Céu Ribeiro e Paulo Furtado.  
4ª, ÀS 19H; 5ª A SÁB., ÀS 21H; DOM., ÀS 16H  
10 a 20 de dezembro

**T Sinais - Crónicas em Palco**

Autoria e direção de Fernando Alves. Música original e interpretação ao piano de Filipe Melo.  
5ª A SÁB., ÀS 21H30; DOM., ÀS 16H30  
17 a 20 de dezembro

**Teatro Politeama**

R. Portas de Santo Antão, 109. Tel.: 213 405 700  
**T A República das Bananas**  
Um espetáculo de Filipe La Féria.  
4ª A SÁB., ÀS 21H30; SÁB. E DOM., ÀS 17H

**MAFRA****Palácio Nacional de Mafra**

Tel.: 261 817 550  
TODOS OS DIAS /EXCETO 3ª FEIRA), DAS 9H30 ÀS 18H  
**E Sob o Signo de Luís XIV**  
até 21 de fevereiro 2016

**NAZARÉ****Museu Dr. Joaquim**

**Manso - Museu da Nazaré**  
R. D. Fuas Roupinho – Sítio. Tel.: 262 562 801  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 17H30  
**E Estórias de Heróis:**  
**Quando o Mar se Enfurece...**  
até 10 de janeiro 2016

**OEIRAS****Palácio do Marquês de Pombal**

Lg. Marquês de Pombal. Tel.: 214 404 851  
**E Arqueologia Subaquática do Concelho de Oeiras**  
11 de dezembro a 31 de janeiro 2016

**OLIVAL BASTO****Centro Cultural Malaposta**

R. Angola. Tel.: 219 383 100  
**T O Natal da Rosita**  
Teatro para a infância pela Trupilariente - Companhia de Teatro Circo.  
SÁB., ÀS 16H; DOM., ÀS 11H  
até 27 de dezembro  
**T A Loja dos Sonhos**  
DOM., ÀS 11H45  
até 27 de dezembro  
**T Pollyanna**  
De Eleanor H. Porter. Teatro para a infância pelo Grupo de Teatro Infantil Animarte.  
6ª, ÀS 21H; SÁB., ÀS 16H E 21H; DOM., ÀS 16H  
até 27 de dezembro

**PESO DA RÉGUA****Museu do Douro**

R. Marquês de Pombal. Tel.: 254 310 190.  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 13H E DAS 14H30 ÀS 18H  
**E Matéria <=> Ficção: 4ª Edição BIOS Projeto Anual 2014 e 2015**  
até 31 de dezembro  
**E Extinção III**  
até 3 de janeiro de 2016

**PONTA DELGADA****Teatro Micaelense**

Lg. S. João. Tel.: 296 308 340  
**D O Quebra-Nozes**  
Interpretação do Estúdio de Dança de Ana Cymbron.  
19 de dezembro – 17h

**Museu Carlos Machado**

R. João Moreira. Tel.: 296 202 930  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 17H30; SÁB. E DOM., DAS 14H ÀS 17H30  
**E Canto da Maya**  
até 31 de dezembro

**Teatro Micaelense**

Lg. S. João. Tel.: 296 308 340  
**M Jorge Palma**  
12 de dezembro – 21h30

**PORTIMÃO****TEMPO - Teatro Municipal de Portimão**

Lg. 1.º de Dezembro. Tel.: 282 402 470  
**M Um Natal Iluminado**  
Pela Orquestra Clássica da Academia e Coral/Solistas das Igrejas Batistas do Algarve.  
19 de dezembro – 16h e 21h30

**PORTO****Fundação de Serralves**

R. D. João de Castro, 210. Tel.: 226 156 500  
**A Manoel de Oliveira: Grande Plano - Toda a Obra**  
até 12 de dezembro

**Teatro Carlos Alberto**

R. das Oliveiras, 43. 223 401 900  
**A Family Film Project**  
Direção artística Né Barros, Filipe Martins. Produção Balletatro.  
4ª A SÁB., ÀS 14H15, 16H E 21H (DIA 11, ÀS 20H)  
9 a 12 de dezembro

**Árvore - Cooperativa de Atividades Artísticas**

R. Azevedo de Albuquerque 1. Tel.: 222 076 010  
2ª A 6ª, DAS 9H30 ÀS 19H; SÁB., DAS 15H ÀS 19H  
**E André Gigante: In Transit**  
até 31 de dezembro  
**E O Natal das Artes - Árvore 2015**  
até 31 de dezembro

**Casa das Artes**

R. Ruben A, 210. Tel.: 226 000 454  
SÁB., DOM., 3ª E 5ª, DAS 14H ÀS 19H30  
**E Três**  
até 13 de dezembro  
**E Arrábida 50**  
até 3 de janeiro 2016

**Centro Português de Fotografia**

Campo Mártires da Pátria. Tel.: 222 076 310  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H;  
SÁB., DOM. E FERIADOS, DAS 15H ÀS 19H  
**E Madrid Off**  
até 31 de dezembro  
**E 40 Anos, 40 Fotografias, 40 Fotógrafos**  
até 31 de dezembro

**Culturgest Porto**

Av. dos Aliados, 104. Tel.: 222 098 116  
**E Florian Hecker: Formulações**  
até 19 de dezembro

**Fundação de Serralves**

R. D. João de Castro, 210. Tel.: 226 156 500  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 13H E DAS 14H ÀS 17H;  
SÁB., DOM. E FERIADOS DAS 10H ÀS 19H  
**E Helena Almeida: A Minha Obra é o Meu Corpo, o Meu Corpo é a Minha Obra**  
até 10 de janeiro 2016

**E Como (...) Coisas que Não**

**Existem – uma Exposição a partir da 31ª Bienal de São Paulo**  
até 17 de janeiro 2016  
**E Novo Banco Revelação 2015: Bruno Zhu**  
até 31 de janeiro 2016  
**E Déjà-vu. Repetição e Diferença**  
até 14 de fevereiro 2016

**Museu Nacional Soares dos Reis**

R. D. Manuel II. Tel. 223 393 770  
3ª, DAS 14H ÀS 18H; 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H  
**E Histórias da Presença Portuguesa na Bienal de S. Paulo**  
até 31 de janeiro 2016

**Teatro Nacional São João**

Pç. da Batalha. Tel.: 223 401 900  
**E Helena Almeida: Sem Título, 1994-1995**  
até 13 de dezembro

**Casa da Música**

Av. da Boavista, 604-610. Tel.: 220 120 200  
**M Omar Sosa Quartet**  
9 de dezembro – 22h  
**M O Natal dos Irmãos Grimm**  
Direção musical de Jorge Queijo e Maria Mónica. Interpretação de Ensemble de Gamelão Casa da Música e Filipe Caco.  
12 de dezembro – 16h

**M Concerto Imperador**

Pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Arditti Quartet.  
Peter Rundel - direção musical.  
Pedro Burmester – piano.  
Obras de H. Lachenmann e L. van Beethoven.  
12 de dezembro – 18h

**M Orquestra Jazz de Matosinhos & Chris Cheek**

13 de dezembro – 21h

**M Temas de Natal**

Pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob direção musical de Andrew Gourlay.  
Obras de E. Humperdinck, B. Britten, S. Prokofieff e P. I. Tchaikovski.  
18 de dezembro – 21h

**M Banda Sinfónica Portuguesa**

José Rafael Pascual Vilaplana - direção musical.  
Elisabete Matos – soprano.  
Programa: excertos de óperas e zarzuelas.  
19 de dezembro – 18h

**M Magnificat**

Pela Orquestra Barroca Casa da Música e Coro Casa da Música, sob a direção musical de Paul Hillier.  
Obras de H. Schütz e J. S. Bach.  
20 de dezembro – 18h

**M 20 anos do Conservatório Vale do Sousa**

21 de dezembro – 21h

**M Prémio Conservatório de Música do Porto/Casa da Música**

Maria Sá e Silva - harpa  
Hugo Peres – piano.  
22 de dezembro – 19h30

**Culturgest Porto**

Av. dos Aliados, 104. Tel.: 222 098 116  
**M Lê Quan Ninh**  
11 de dezembro – 22h

**Teatro Nacional São João**

Pç. da Batalha. Tel.: 223 401 900

**T Bovary**

Texto e direção de Tiago Rodrigues. Interpretação de Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Isabel Abreu, Pedro Gil, Tónan Quitto.  
4ª, ÀS 19H; 5ª A SÁB., ÀS 16H  
até 13 de dezembro

**SÃO JOÃO DA PESQUEIRA****Núcleo Museológico do Vinho**

Tel. (info.): 254 310 190  
**E O Douro da Casa Alvão**  
até 27 de dezembro

**SINTRA****Quinta da Regaleira**

Tel.: 219 106 656

**T Macte Animo**

SÁB., ÀS 19H30

até 12 de dezembro

**T Os Lusíadas - Viagem Infinita**

SÁB., DOM. E FERIADOS, ÀS 17H

até 20 de dezembro

**TOMAR****Convento de Cristo**

Igreja do Castelo Templário. Tel.: 249 313 481  
TODOS OS DIAS, DAS 9H ÀS 18H30

**E Caixa - Considerações sobre o Lugar**  
até 27 de dezembro

**VILA NOVA DE FOZ CÔA****Museu do Côa**

R. do Museu. Tel.: 279 768 260

**E Pensar o Coo: Invenção de uma Escrita, Escultura e Ações Efémeras**  
Mostra de trabalhos de Nuno Vicente.  
até 31 de janeiro 2016

**VILA REAL****Teatro de Vila Real**

Al. de Grasse3. Tel.: 259 320 000

**D Barulhos Nossos**

Pela Companhia de Dança do Norte.  
11 de dezembro – 21h30

**M Benjamim**

16 de dezembro – 22h30

**M Miguel Araujo**

19 de dezembro – 21h30

**T O Homem Que Só Pensava...**

Criação e interpretação: Pedro Carvalho.

10 de dezembro – 14h30

**UISEU****Museu Nacional Grão Vasco**

Adro da Sé. Tel.: 232 422 049

3ª, DAS 14H ÀS 17H30; 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 17H30

**E Entre Deus e os Homens.**

**A Arte na Igreja de Viseu**

até 18 de fevereiro 2016

**Teatro Viriato**

Lg. Mouzinho de Albuquerque. Tel.: 23 2480 110  
2ª A 6ª, DAS 13H ÀS 19H E EM DIAS DE ESPETÁCULO

**E Viseu A... Não Tropear na Cultura**

Exposição de fotografias de José Alfredo.

até 19 de dezembro